

Os caboclos

Contos



Valdomiro Silveira



Edição comemorativa do
centenário de publicação de
Os caboclos

1920-2020



Os caboclos

Valdomiro Silveira

Os caboclos

Contos

Edição comemorativa do centenário de publicação de
Os caboclos (1920-2020)

Rio de Janeiro

2020



» editora caetés

© Copyright desta edição: Editora Caetés, 2020

Ano da primeira edição: 1920

Editora Caetés

Rua General Roca, 429 sl. 01 – Tijuca

www.editoracaetes.com.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Francisco Venceslau dos Santos

REVISÃO

Luiz Gonzaga Marchezan

CAPA

Cláudio Corrêa

DIAGRAMAÇÃO

DTPPhoenix Editorial

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / NPROTEC

S587 Silveira, Valdomiro, 1837-1941
 Os caboclos [recurso eletrônico] / Valdomiro Silveira; Editor
 Francisco Vasconcelos. – 1. ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ: Caetés, 2020.
 1 recurso online (147 p): ePub.

ISBN 978-65-87949-04-5

Edição comemorativa do centenário de publicação Os caboclos
(1920-2020)

1. Contos brasileiros. I. Vasconcelos, Francisco.

20-38650

CDU 869.0(81)-34

Bibliotecária: Thais Ferreira Vieira CRB-7/5302

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> (Luiz Gonzaga Marchezan)	7
Cena de amor	13
Por mexericos	17
Hora quieta	21
Na tapera de nho Tido	25
Pijuca	32
Valentia	37
Mamãe	41
As frutas	45
Velha dor	50
Missa da Páscoa	55
Faiscador de carumbé	59
Camunhengue	64
Salvação	73
Última vez.....	77
Ana Cabriuvana	81
Constância	92

Avinha má	97
Na ceva	102
Pinhã refugada	107
História antiga	111
Esperando	116
Saudades do natal	120
Os curiangos	126
Desespero de amor	137
<i>Sobre o autor</i>	146

PREFÁCIO

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN (UNESP)

O volume *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira (1873-1941), foi publicado em 1920 pela Empresa Gráfica Editora Monteiro Lobato, uma célula editorial da *Revista do Brasil*, que passara do comando do jornal *O Estado de São Paulo*, no período de 1916 a meados de 1918, para o de Monteiro Lobato, que a dirigiu de 1918 a 1925. Com edições sucessivas em 1928, 1962 e 1975, alcança a quinta edição neste ano de 2020. Esta, por conseguinte, assinala o centenário da obra, e constitui pequena homenagem que prestamos ao autor, repondo em circulação o livro que a crítica considera sua melhor realização.

Conforme comenta em carta, de 17 de outubro de 1918, dirigida ao amigo Godofredo Rangel, Lobato converteu em vendas diárias as doze assinaturas que a direção da revista conseguia por mês. Também em carta de 20 de fevereiro de 1919, ao mesmo amigo, observa: “A Revista começou a prosperar depois que se deslitteralizou, isto é, que se afastaram os homens de letras que a dirigiam” (Lobato, 1951, p. 191). Um mês depois, ainda em outra carta a Godofredo, anuncia que a revista já somava três mil assinantes. E comenta: “Também iniciamos a importação de

papel. Ontem chegou de Santos uma partida de 40 toneladas. Já meço literatura às toneladas” (ibid., p. 190).

A cidade de São Paulo, em 1920, contava com 579 mil habitantes; contara com 239 mil em 1900. Entre 1900 e 1920, conforme o censo, o aumento da população correspondeu ao aumento dos alfabetizados. As façanhas culturais dos anos 1920 na cidade de São Paulo deram-se nesse novo ambiente citadino e com os intentos de Mário de Andrade em descrever, a partir de São Paulo, o perfil da cultura nacional.

Agenor Silveira, irmão de Valdomiro, numa carta a Monteiro Lobato, de 23 de julho de 1920, observa-lhe que os contos de *Os caboclos* foram escritos entre 1897 e 1906, exceto “Desespero de amor”, de 1915, o último do volume, que integrara antes o primeiro número da *Revista do Brasil*, lançada em 1916. Considera, ainda, que “Os curiangos”, penúltimo conto do volume, teria ficado inédito, até aquele momento, em razão de seu pedido ao irmão (Silveira, 1975, p. xvi).

O caboclo, conforme o Vocabulário que consta do final da quarta edição de *Os caboclos*, é “homem ou mulher da roça, do mato, do sertão, que tem a cor morena carregada”, com características identitárias opostas ao do cosmopolita (Silveira, 1975, p. 133).

Há que se elogiar a capacidade mnemônica de Valdomiro Silveira em registrar, na composição de suas histórias, por meio dos papéis e falas de suas personagens, uma variedade linguística a partir da soma de variações individuais, comuns a uma dada região paulista. Valdomiro acaba por documentar uma variação regional em seus contos, que reúnem uma boa média de vocábulos dispostos numa sintaxe simples, distribuídos em conversas, pensamentos, proporcionando à sua contística a configuração de dados culturais regionais. Desse modo, podemos dizer que, numa época voltada para a caracterização de perfis identitários nacionais, Valdomiro Silveira “fisionomiza a

cultura” de uma região, para usar, aqui, a expressão do linguista Francisco da Silva Borba (2006, p. 81).

O leitor de *Os caboclos* estará ao lado de um narrador que, colocado à frente dos acontecimentos, com poucas intromissões nos assuntos narrados, não faz confidências ou reverências; caprichoso, à meia distância, contará uma história nuançada, com tons entre luzes e sombras advindas de descrições da natureza, de seu comportamento. Dessa maneira, as figuras da natureza aproximam-se analogicamente das reações individuais das personagens, fazendo-se argumentativas: pressagiam bons e maus sentimentos, necessidades íntimas que reclamam por gestos, vontades, ações, decisões das personagens.

As formas descritivas da natureza instalam uma cenografia leve, difusa, condizente com o espaço do sertão paulista, pouco explorado, ainda sem medidas, assim como são desmesuradas, exigentes para as personagens, as decisões amorosas que constituem os temas da grande maioria dos contos de *Os caboclos*.

Valdomiro Silveira, nessa obra, volta-se com atenção realista à duração de um sentimento, preponderantemente, amoroso; suas personagens superam os reveses da vida sem apelos deterministas.

“Os curiangos”, conto que, por último, integrou o volume, não acompanha, no entanto, a aplicação realista do autor. Este conto destoa dos demais do volume. Ele rompe com o realismo dos demais; faz-se antirrealista, uma vez que dá forma ao informe, a fim de representar o invisível: a insólita figura de Valência, morta, metamorfoseada num curiango. Trata-se de uma história que movimenta, no interior de um cemitério, uma invasão de insetos e curiangos para a construção de uma atmosfera e desenlace trágico, grotesco, o que aproxima essa narrativa de um conto expressionista. Valência abandonara o povoado com o objetivo de se distanciar de Pedro, coveiro local, que se engraçara por ela. De regresso, a fim de cuidar da mãe, que contraíra

febre, adquiere-a também, morrendo a seguir. Uma vez no cemitério, para ser enterrada, sua transfiguração na forma de um curiango leva Pedro ao desespero e à morte, despencando numa gruta. O conto constitui-se numa narrativa hiperbólica, com sensações demoníacas, deformações, mediante a criação de um ambiente de mortes por febre, epidemia.

“Camunhengue”, um conto dramático, envolvido com doença, lepra, tem, no entanto, traços realistas. Zeca Estevo, caboclo corajoso, reage à doença, mas ressentido-se do isolamento familiar que passara a sofrer enquanto doente, e isso o leva a abandonar a família, em circunstâncias semelhantes às vividas pelos leprosos da época.

“Desespero de amor”, que fecha o volume, conta-nos a história da paixão entre nh’Ana e Chico Só. Acontece que nh’Ana apaixona-se também por outro. Chico Só, caboclo forte, destemido na doma de animais, precisa, então, aprender, com a perda do amor de nh’Ana, que não há domaço para os sentimentos amorosos.

As questões amorosas, assim, envolvem a maioria dos contos de Valdomiro Silveira: “Desespero de amor” é exemplo para o tema no tocante à duração de um sentimento erótico; “Cena de amor” traz um acerto amoroso sincero e rápido entre Chico Luís e Candoca; “Hora quieta” conta a história de Belarmino e Juriti, que, desde crianças, jamais tiveram dúvidas acerca da paixão que os envolvia; “As frutas” é singelo no modo como José aproxima-se de Vina, beijando-a, enquanto colhem frutas no pomar; “Constância” traz Eulália dividida entre dois amores; “Uma vez” conta-nos a demora de Pintassilvo para decidir seu namoro com Vicença.

Os contos de Valdomiro Silveira ocupam-se também de perfis femininos singulares: Paulina, enamorada de Chico Lucas, é decidida ao montar poldro bravo e a caçar de espera; Ana Triste enfrenta, com arma, valentão de fama; Ana Cabriuvana vai para

a prisão, injustamente acusada de um homicídio que ocorre em festa que promove para sua filha.

Os contos “Por mexericos” e “Na tapera de nhô Tido” contrariam a temática de fazer justiça pelo confronto; suas personagens evitam-no; no primeiro, com a conversa franca; no segundo, sem valorizar as diferenças, as intrigas, e relevando-as.

Valdomiro Silveira caracteriza o conto regional, tipifica-o como procedente de um dado lugar, de um dado grupo cultural, em que se desdobram relações sociais diversificadas, maneiras próprias de pensar, de falar. Suas narrativas, com ações em ambientes próprios, dão-nos uma visão direta, simples, espontânea das coisas, dos costumes. De acordo com Agrippino Grieco (1973, p. 3), numa edição do “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*, comemorativa do cinquentenário do nascimento do contista, “[Valdomiro Silveira] nos oferece sempre lindos instantâneos morais que são verdadeiros achados e prosa simples.”

Os contos de *Os caboclos*, em cenas bem traçadas e enredos bem conduzidos, narram histórias comuns, com atmosferas adequadas ao modo de ser e viver do caboclo e da cabocla, criaturas simples.

Podemos fazer uso das palavras de Octavio Ianni para afirmar que Valdomiro Silveira, a partir dos contos de *Os caboclos*, realiza uma “[...] fenomenologia da consciência ingênua”, narrada em histórias “que configuram o modo de ser dos homens comuns” (1975, p. 88-89). A trajetória da vertente do regionalismo literário, em suas obras, inegavelmente, deixa-nos histórias que mostram a representação de consciências de senso ingênuo e valores rurais.

Os contos de Valdomiro Silveira, expressivos já a partir de suas fontes linguísticas, dão existência a uma literatura que tem domínio da estética literária. Seu modo de dizer e de contar, seus registros da linguagem regional, sua criação literária, sustentam

narrativas que transcendem limitações de ordem regional ou estadual.

Vale aqui, à guisa de conclusão deste curto prefácio, uma observação de cunho editorial: esta não é uma edição crítica, o que demandaria providências fora do nosso alcance neste difícil momento da vida brasileira, mas apenas um esforço de não deixar passar em branco o centenário de *Os caboclos*. Por esse motivo, dadas as peculiaridades da linguagem do autor, conservamos a ortografia da edição de 1975.

Araraquara, 24 de junho de 2020.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, R. C.; COR-
TINA, A. (Org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara:
Laboratório Editorial: Cultura Acadêmica, 2006. p. 81-96.
- GRIECO, Agripino. Waldomiro Silveira. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 25 de
nov. 1973, Ano XVII, Suplemento Literário, 1-6.
- IANNI, Octávio. A mentalidade do homem simples. In: _____. *Sociologia e socie-
dade no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- LOBATO, JBR. Monteiro. *A barca de Gleyre*. Quarenta anos de correspondência
literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense,
1951. V. 2.
- SILVEIRA, Agenor. Carta de Agenor Silveira. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Os cabo-
clos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1975. p. xv-xvii.
- SILVEIRA, Valdomiro. *Os caboclos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/
MEC, 1975.

Não foi à toa que lhe disseram, num dia de muita queixa e desânimo:

– Dê tempo ao tempo, filho de Deus! Isso de você pensar que não acha quem lhe queira, só p'r amor de uma desgraça que acontece p'ra Fulano e p'ra Beltrano, ou uma infalência nas feições, que assucede p'ra Pedro e p'ra Paulo, é bobage da marca maior!

O Chico Luís, a princípio, combateu a consolação como quem trazia consigo argumentos com fartura; teve por certo que aquilo eram palavras de gente de coração brando, nada mais: e chegou a rever, entre si, de repente, o próprio rosto moreno pela testa e no queixo, alvo nas faces até as orelhas, sarapintado e horrível, ao fundo do qual os olhos brilhavam, tais quais os de um gato mourisco em sanha. E, como se estivesse sozinho, e banzando, falou através de um riso amargo:

– O pobre do malacara!

Mas o compadre e a comadre levaram de porfia sossegá-lo e dar-lhe coragem. Entraram a dizer-lhe que, lá por isso, não: que o feio era matar, e roubar, e difamar a família dos outros. Olhasse para a Candóca, por exemplo: estava perto, podia ser

vista a qualquer hora, e não andava, como ele, fazendo lamúria e prantaria a vida inteira. Entretanto, a Candóca era chimbéva e cambeta...

Quase que ele sorriu, naquele instante. Não é que a filha do Quim Grácia, com ser ûa moça de boa presença e de boas maneiras, manqueteava como quê e tinha o nariz chato e grosso que nem o dum perdigueiro legítimo? E era a filha do Quim Grácia: criatura que de seu possuía apenas as mãos para o trabalho e um peito sacudido para a ciranda ou para o desafio. De boniteza, nada; de herança ou dote, a mesma coisa -, e vivia alegre a mais não poder, brincando e cantando, recebendo a noite e o dia como eles vinham, sem raiva nem murmuração.

Esteve quieto algum tempo, rufando a mão direita no couro fino da patrona, passando-lhe os dedos abertos nos cabelos compridos, assobiando agora, depois suspirando. Entreabriu mais de uma vez a boca, mas continuou calado. Levantou-se, foi até a porta do terreiro, voltou e sentou-se.

– Lá isso é mesmo, comadre. Mas contanto que a Candóca é bem engraçadinha, pois não é?

Pois era isso mesmo, desde que ele pensava isso: moça, chita e fita, não há feia nem bonita. Tudo vai de quem olha, e da hora. Do mesmo jeito que, para ele, a capenga não tinha grande feiúra, para alguma china do bairro ele podia ser um encanto, de beleza. Tudo vai de quem olha, e da hora.

Mas, de então por diante, como quem traz canseira antiga e para à beira do caminho, não cuida em mais nada, assenta-se para adormecer e logo sonha lindas coisas, o Chico Luís não tirou o sentido dali: estava bem nos casos de ser querido da filha do Quim Grácia, uma pobrezinha, uma coitadinha, tão pobre e tão coitada, que levava dias áfios a lidar no córrego, e até que horas da noite a cirzir e remendar junto à candeia de azeite.

Pegou a rodear-lhe a casa, de longe e acauteladamente. Primeiro, chegava à cerca do piquete, escondia-se, entre as moitas altas de maçambará, sustinha a respiração, como se ela ou alguém caminhasse por perto, e ficava horas e horas à espera que saísse para a fonte, ou que fosse malhar o feijão à frente da casa, ou que fosse tratar da criação. Quando ela aparecia, ele apagava-se mais na sombra das touceiras, unia-se bem ao escuro e desaparecia duma vez.

Depois, querendo observá-la melhor e mais regaladamente, deu em trepar a uma urucurana cheia de barbas-de-velho: assapava-se no galho mais grosso da árvore, abraçando-se aos ramos interiores, e olhava para a casa do Quim Grácia com profunda e suavíssima ternura, ansiado se não via a Candóca, todo trêmulo se a via.

Pensou em mandar notar-lhe uma carta: o próprio irmão do compadre, que chegara de pouco, muito estudado e sabido, era cuéra na pena. Estava certo que havia de sair lindeza louca pela carta afora. A moça havia de ver uma arengada tão rica e tão dolorida, que até pareceria verso. Mas a carta ficou em pensamento: lembrou-se que o notador, ao menos enquanto escrevesse, diria amores e doçuras à filha do Quim Grácia – e teve rebates de ciúme...

Ora, um belo dia, não podendo mais consigo, apontou no córrego de sopetão e foi rasgando logo o pinho:

– Como vai, nha Candóca? O seu povo ‘tá bom?

Não esperou resposta nem palavra:

– Eu ando agora feito uma sombra sua, p’ra baixo e p’ra riba, sondando as suas saídas e as suas chegadas, campeando um pequeno jeito de lhe falar certas falas.

A moça, admirada, olhava-o meio de banda. Mas foi sem doce nem amargo que lhe disse:

– Agora topou o jeito, não topou? Fale agora.

– É que eu ‘tava querendo ...

– Querendo o que?

– Perguntar si um home', que não tem muito de seu, mas porém que não 'tá olhando p'r'a lua, quisesse casar com vancê, nha Candóca, vancê queria casar co'ele?

Ela não disse tique nem taque.

– ...E si esse home', que tem sustância e talento nos braços, que sabe como é que se trabuca a vida, que estima vancê como gente, que é de tuda a verdade..., si esse home' fosse um desinfeliz de cara manchadinha, o que é que vancê respondia, nha Candóca?

Ela avernelhou-se toda, ficou toda enleada e confusa.

– ...Nha Candóca, si esse home' fosse eu?

Compondo um pouco a trança, desarranjada no bater da roupa, da ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos, com segurança e firmeza:

– Eu casava co'esse home', seo Chico Luís.

Ele tremia que nem criciúma em dia de leste:

– De véra, de devéra?

– De véra.

Correram-lhe grossas lágrimas pelo rosto desbotado:

– Não arrepare nisto, viu, nha Candóca? Eu tenho padecido tanto, que 'tou agora quasi sem força p'ra tanta felicidade. E eu lhe quero tanto bem!

– Pois si quer e já teve lado de dizer o que percisava, 'tá tudo feito. A vida não é coisa que mereça choro e tristeza da gente...

Uma correição de taquíras começara a passar pelo trilho onde eles conversavam. O Chico Luís teve que afastar-se. Mas aí, como se afastasse, roçou-lhe uma das mãos a trança da Candóca. Tomou a trança nas mãos, beijou-a deliciadamente. E foi então que a tarde se fez cor de fogo no poente, muito azul para o alto do céu, e as nhansanãs cantaram de rijo no meio das tabôas agitadas.

O Fernando, enlevado no trabalho, não viu quando lhe chegou à porta o Chico Ferro: corria a plaina por um tóro de peroba e, rasgando fitas e fitas cor-de-rosa, punha gosto em ver que se enrolavam como uma trança desfeita, pendiam para uma banda e caíam no chão, entre os sarrafos e a serragem. Muito tempo ali esteve o outro, sem dizer água vai, com um cargueiro de fúria e de recriminações: e foi bem que parasse muito tempo, quieto assim e frigindo, porque teve um pouco de mão em si, mediu as palavras que havia de dizer, pesou as consequências, equilibrou tudo a ouro e fio.

Como o Fernando se voltasse e afinal dêsse com ele, salvaram-se; entrou, pôs a um canto a munheca de cutia e o chapéu de couro:

– Eu vim após de vacê, nho Fernando, a troco de uns di-z-ques destes dias: tenho visto dizer (e isso anda quente p’ro bairro), que no dia da Ressurreição nh’Antonia fez zombaria da minha dona, junto c’umas cariocas do Embaú, e botou a tesoura dereito naquela pobre, que não ‘tava pisando no rabo do cachorro de ninguém.

O Fernando franziu a testa, mas o Chico Ferro foi adiante:

– Vacê bem sabe, no fim das contas, que negócio de mulher é mulher que deslinda: da parte da rua p’ra fora é que começa a discussão dos homes. Mas a dona ‘tá meia mofina, e como tem o sangue meio quente, ficou em termos de ‘garrar ûa malinconia preta: por isso é que eu ‘tou aqui preguntando p’ra vacê o que não havêra de preguntar p’r’a sua companheira.

O Fernando abriu a boca, ia dizer qualquer coisa. Mas o Chico Ferro foi adiante:

– O caso foi este. A dona é ûa mulher simpre, sem prosa nem uma, cuidadeira de seu que fazer, maneira de trato, sussegada de gênio; quando põe o pé p’ra cá da soleira, é p’ra ir no arraial assistir ûa missa, ou p’ra fazer companhia num terço, ou p’r’ajudar ûa camarada em qualquer dia de desgosto macota: p’r’um passeio propriamente, a minha costela não mexe de casa. Vacê não acha mesmo rúim a mulher da gente viver corrê-correndo p’ro mundo, ver um bicho desinquieto, que não tem parada nem descanso?

O Fernando fez menção de responder. Mas o Chico Ferro foi adiante:

– Eu, p’ra mim, assento que é muito verdade o que soletra aquele verso velho:

A mulher e a galinha
nunca deve’ passear:
a galinha bicho come,
a mulher dá que falar.

Por essa rezão é que ‘tou bem alegre c’a sina que Deus me deu, dêz que casei com quem casei: inté hoje não me arrependi nem isto (aqui o Chico Ferro mostrava a unha de um dedo da mão); giro a minha vida sem peso nem um no coiração, campeio minhas argências na lei do sussego, não bulo c’os outros, e também não hai filho de Deus que bula comigo.

Foi então que o Fernando não pôde mais conter-se:

– Mas a resto, seo Chico, mecê desembucha ou não o seu queixume? Diz que veio aqui p'r amor de uns falatórios...

O Chico Ferro entressorriu:

– É certo, nho Fernando, eu vim. Agora, quando tem certas miudezas que me esquentá a cabeça, eu 'garro a querer dizer isto e sai aquilo, vou falar periquito falo papagaio, é o dianho! Mas contanto que já lhe ponho por miúdo a historiada inteira.

Passou a mão nas barbas do queixo:

– Vacê conhece o que é a moda, pois não? De premeiro, o que era mais consoante p'r'uma senhora bem arranjada, era a saia-balão, com tudo aquele volume e aquela rodona; depois foi não sei o que, depois não sei o que mais; tudo muda; agora, nestes derradeiros tempos, o que voga mais é a anquinha, com perdão da palavra; mulher que não quer passar por matuta, quando se apincha p'r'o povoado, tem que grudar aquele murundum nas costas: é da moda, e a moda é que nem o tocador, que toca lá o que lhe dá na veneta, p'r'a gente dançar pelo toque. Vacê também não tem o mesmo pensar?

A aberta, que fez para o Fernando, fechou-se logo:

– Ora me falaram, nho Fernando, que lá no arraial, veirando a igreja, e quando a minha dona passava, a sua dona, que 'tava no meio do dito terno das cariocas, fez esta galhofa, que eu, p'ra mim, jurgo que é muita injúria: “Uiiai! a Quina do Chico Ferro com tamanho tundá nas cadeiras, feito um irapuá na forquilha duma arve!” As outras diz que levantaram gargalhada de todo o porte e a coitada da minha Quina é que passou por essa vergonha.

O Fernando franziu a testa novamente:

– E então?

– Antão (voltou o Chico Ferro), eu queria saber si aquela prosa é mesmo prosa, si foi enredo que me fizeram, ou si foi

verdade; porque eu, nho Fernando, sou legítimo marido da minha mulher!

– E é um hominho corê-corê duma vez!

– Não me diga isso, nho Fernando!

– Um sojeito pararaca!

– Nho Fernando, eu não tenho sangue de peixe: vacê tempe-re essa língua!

– Um trem à-toa!

O Chico Ferro ficou todo vermelho; tremeu os lábios, um instante, como aquele que vai, com ditos grandes, botar o mundo abaixo; lançou rápidas faiscas dos olhos quase em sangue; olhou para um lado e para outro...

Mas passou de vagar a mão pelas barbas do queixo: pegou no chapéu de couro e na munheca de cutia, fez uma leve mesura e pôs o pé fora da casa:

– Home', isto é negócio das mulher', não é p'r'os home' brigar!

Andá-la pombeando por dias e dias, aqui e algures, para ter um momento sossegado de lhe dizer amores; ficar, desde pelo abrir da manhã até o sol quente, amoitado nas marianeiras, para ter, quando nada, o gostinho de vê-la; não dizer esta boca é minha, no meio das conversações, para poder estar mais livre e mais livre escutá-la: era tudo tarefa do Belarmino, dès que pegou a querer-lhe às direitas.

Ai! se ela também lhe queria! Não tinha, por assim dizer, um minuto de seu: o coração andava ocupado com ele, os olhos enxergavam-no por toda a parte, ouviam-no os ouvidos onde quer que ela fosse, tanto e de tal jeito, que as camaradas chegavam a recomendar-lhe:

– Jurutí, você não ponha muita fiúza em amor ansim de primo, que às vez’ traz mais engano que o que vem de lá de trás da serra!

À Jurutí, porém, não se lhe dava daqueles medos. Crescera a par do Belarmino, com ele brincara o surupango e o que-pau-é-este, perseguira os ninhos de tico-tico pelo piquete de grama-seda, trepara aos arvoredos, montara nos poldros e nos garrotes, armara juquíás de taquara-poca, em cujos filhos muita rolinha

e muita pomba-cascavél entrou para nunca mais sair, repontara o gadinho para o mangueiro, curara o gôgo das chumbungas, queimara a caroçama dos frangos índios: tinha-lhe tanta confiança, mal comparando, como a que tinha em Deus...

Mas, depois de criados, mudaram as coisas: ele foi aprender ofício ao colégio (era o que dizia o Paulo Telheiro, aquele negro velho, naqueles tempos!), e ela teve que encompridar os vestidos. Não houve mais as corridas barulhentas pelo vassoural, nem a apanha dos içás, nem a gritaria aos judas, em sábados de alélúia; cada qual de seu lado principiou a ver de perto a vida, com todas as trabalhadeiras e aflições: a Jurutí cansou-se, horas e horas, em lidar junto à cestinha trançada, fazendo costuras e costuras, e o Belarmino aturou meses e meses a carta de nomes e a taboada, ao depois a artinha e a gramática, ao depois um mundão de livros esquisitos e sonolentos.

Agora já ele estava bem estudado e botara corpo: voltara para o bairro, porque era vizinho da prima, e passeava, muito senhor de si, nas cercanias da casa dela, enquanto duravam os três dias de hospedagem e não tinha de feitorar os empregados, na roça: e fulano e sicrano diziam quando ele aparecia com seu chapéu de palha batido:

– Não é que o Belarmino granou direito e enfeitou? Olhe que ‘tá um mocetão, co’aquela esperança de bigode e o porte desempenado! De mais a mais, o chapéu de palha, quebrado no cangóte, orna p’ra ele à conta inteira!

O sentido da Jurutí não saiu mais da estrada. E como a estrada fazia uma volta e se encobria atrás de um morrinho e de umas batalhas, a Jurutí deu de procurar o fundo do pomar, para o lado de além do ribeirão, donde podia ver até bem longe. A mãe, a princípio, ainda perguntava, seu tanto ou quanto desconfiada do novo costume:

– Adonde é que você vai, criatura, co’este solão que tá ferendo!

A Jurutí não custava a explicar:

– Após daquele salta-carço que ‘tá madurando: destes tempos p’ra cá eu ando numa esganação p’r amor de fruta, seja o que for!

– Mas arrepare bem no persegueiro, não fique soronga, não: que nesta quadra aparece dumas taturanas perigosas, que, passando no corpo da gente, já sabe, é queimadura certa e vergão roxo. Aquilo é uma dor em desmasia, Jurutí!

A moça reparava bem...

Ora aconteceu, uma vez, que o Belarmino a descobriu, logo dos altos da estrada, e veio vindo, de atalho em atalho, até o ribeirão. Para quem trazia saudade velha, não havia hora melhor: tudo em roda estava quieto, o sol ardia, e a sombra dos arvoredos era boa e serena como um perdão. Falou-lhe disto e daquilo, que ela ouvia entre alegre e ansiada, sentindo a macieza das palavras e o peso do receio de que mais alguém aparecesse. Porque embora houvessem de casar (e logo, pois não era? Ele respondeu logo que logo!), não ficava bem aquela parada tão longe de casa, no meio das frutas e dos passarinhos!

A Jurutí nem viu como e quando as suas mãos foram parar entre as dele. Mal escutava as mesmas coisas que ele ia dizendo, porque ha um instante, depois de ouviremos melhores palavriados de amor, em que elas ficam surdas ao mais e principiam a sonhar, muito enlevadas e felizes...

Soltou-se-lhe, entretanto, das carícias e das frases: é que a mãe gritava por ela, com toda a insistência:

– Arre lá, Jurutí! Isso também ansim não serve! É só pêsego e mais pêsego! Venha cuidar destas bages p’r’a janta!

Ia correr, e ele deteve-a ainda, tomou-lhe rapidamente a mão, beijou-a forte na face direita. E, se não deu segundo beijo, foi porque ela desatou de uma vez a correr; assistiu à carreira, percebeu a chegada, sorrindo a sós consigo, cheio de encanto:

– O que é isso agora, que você vem co’essa cara tão encarnada? O que é isso, criatura?

– Taturana, mãe.

Nada mais lhe foi perguntado. E ela entendeu necessário acrescentar, pouco depois:

– Mas porém das mansas!

– Ôta! solama bruta! – ia dizendo o Chico Pica-pau, sozinho, pela estrada vermelha, ao pino do dia. O suor caía-lhe em grossas gotas pela testa e rosto abaixo, banhando-lhe a camisa de algodão e um bentinho de baeta azul que vestia a oração livreadeira das cobras e dos outros bichos de peçonha. Derrubou mais o chapéu na testa, pôs a mão esquerda sobre os olhos, atendeu no céu demoradamente:

– Pois já devêra de ‘tar mais friinho um pouco: arre, dianho! Neste tempo que o sol já aponta branco, a fresca vem cedo. Isto é chuva que ‘tá aprojitando, não hai como não seja!

E, de fato, para os lados do Ourinho havia nuvens acasteladas sobre os morros, vagamente ameaçadoras na sua cor plúmbea e triste. Uma tapena começou a circular ao cimo da mata, com preguiça; dois tucanos principiaram de uma banda a outra da estrada um diálogo em voz rachada e enfadonha, e o sol teve sombras intermitentes a cobrirem-lhe a face esfogueada.

Ao passar do ribeirão dos Cardosos, porém, o Chico Pica-pau sentiu-se por demais fatigado. Sentou-se a uma raiz de guapeva, sacou do isqueiro, tirou o cigarro de trás da orelha,

bateu o fuzil, ateou-o. Com pouco lançou-o à aguada, meio enfurecido, resmungando:

– Quando um home’ ‘tá mesmo um tanto venenoso, aí é que o diabo do cigarro fica fumegado! Pois vá-se embora, coisa à-toa, corra a sorte rio abaixo!

Deitara o butucum ao pé da raizama da árvore, tomou-o e abriu-o. Trouxe do fundo uma colher, encheu-a de paçoca de jabá, descascou uma banana nanica, e foi comendo uma e outra coisa, revesadamente, mas com ares de fastio. Foi a tempo que um pavô berrou perto, numa forquilha de sete-casacas, irrequieto, fazendo brilhar à claridade o largo vermelhão do peito. O Pica-pau sacudiu a cabeça, com gesto de amuado:

– Injureia, traste, pode injuriar o quanto quiser! Carga que eu soquei na bocuda, chumbo que eu trago na purunguinha, pórvã que eu tenho na guampa não é hoje p’ra você: ganhe seu rumo! Eu hei de ter uma caçada mais melhor!

Levantou-se. Apanhou o butucum na mão esquerda, pô-lo ao ombro, e a espingarda de grosso calibre, que foi levando a tiracolo. Ia vingar-se. Um ano antes, o Aristides Fatura, a que todos chamavam nho Tido, e tinha umas terras na testada do seu sítio, aparecera por ali a derrubar dois alqueires de mato e fazer o chão para cinco mil pés de café. Derrubara o mato, queimara, plantara milho, desencoivara a roça: alinhou o café, foi-se embora, deixando o mais ao fazer de um empreiteiro. Mas nesse meio tempo é que houve mironga velha entre o Pica-pau e nho Tido.

Nho Tido tinha as terras em ser, entre cultivados e criações de toda gente, porque a fazenda era aberta de muitos anos. Não fez a mais pequena cerca, um valinho que fosse, e a roça ficou à disposição de quanto capado solto havia, de quanto boi alongado. Certo dia, estando a passear no milho, que por sinal ficara uma lindeza, viu um poldro moirão chamando algumas

folhas, regozijadamente. Não esperou mais nada, não quis saber quem era o dono do cavalo, atirou-lhe a chumbo mostarda, para o alto do lombo. O chumbo apenas chamuscou o poldro pela pá, mas o rumor da disparada foi grande entre as plantas e o maçambará, que também crescera, a todo poder, na terra fresca e fofa.

Mandou-lhe o Pica-pau dizer que tivesse paciência com a propriedade alheia, não judiasse por aquela maneira com os animais que não tinham consciência do que aprontavam e, não achando fechos, haviam de varar por força; que, abrindo ele nho Tido uma roça entre vizinhos arranchados de tempos antigos, estava por isso mesmo obrigado a resguardar seu milho por meio de cercas, e os vizinhos, pelo contrário, não haviam de fechar porteiras e invernadas em respeito a um cultivado novo. Mas nho Tido não atendeu a nada, ameaçou que mataria quanta criação topasse por ali, fosse lá de quem fosse.

O Pica-pau, neste entretanto, teve que levar uma carga de sal para Mato Grosso, onde ia fazer negócios de todo o porte, barganhas, tramas, compras, vendas. Lá se demorou uns seis meses.

De volta, soube que nho Tido lhe passara o couro num filho pequeno, quando este ia reclamar alguma coisa sobre a morte de um boizinho arroz-doce, carreiro o que havia em mansidão, feita por nho Tido na roça de milho. O Chico passou a noite em claro, mastigando em seco e falando de trecho a trecho:

– Morreu! O cachorro que lavou a mão no meu filho, quando meu filho tem pai vivo p'ra lhe dar a ensinação percisa, 'tá morto! E ainda mais p'r amor de que? p'r amor de um garrote que andou por onde podia andar, dêz que não teve intrenca nem uma por diante dos peitos. Não hai remédio: 'tá morto!

Soube que nho Tido assistia no ribeirão dos Pires, tomou as confrontações do lugar, por vários diz-ques, e, como os animais que trouxera estavam muito sovados, uns sentidos e outros

desmerecidos em demasia, resolveu caminhar a pé as três léguas que se mediam da Cachoeira ao Pires.

E botou-se a caminho.

Avizinhava-se da morada, naquele momento. A mata virgem desaparecera, dando lugar a um capoeirão já frondoso e rico. Não aspirava mais o Pica-Pau o cheiro estonteante do alheiro, não via mais os troncos alentados da figueira branca, nem os claros e lisos guaritás de imensa altura, mas batia ainda terra boa, de casqueiro grudento, onde se agrupavam os sapu-vuçus e os cambarás-de-lixo, e onde, de espaço a espaço, a larga e espinhosa folha da ortiga caía para a estrada, e os ramos da unha-de-gato, entremeados de flores cor de enxofre, bamboleavam no ar.

Também o capoeirão deu lugar a uma vegetação menos forte; romperam do chão seco o assa-peixe, os juás daninhos e a jurubeba; alguma samambaia chegou a esparzir suas ramas amplas e duras sobre as criciúmas mal contentes daquele terreno ingrato. E o ribeirão dos Pires já se mostrou de longe ao Pica-pau, cheio de guapés e de agriões, sombreado aqui e além por árvores de cerrado. A casa de nho Tido via-se do caminho, quase encoberta numa baixadinha, entre cuvitingas e caiúias.

O Pica-pau entreparou antes de seguir o trilho que ia ter àquela casa; sopesou a espingarda, verificou se as escorvas estavam bem justas com os ouvidos; pôs a vareta em ambos os canos, mediu três dedos no sobejo de cada um: e deu de cantar na toada da morena, em voz abafada, satisfeito por ver que a companheira andava firme e fiel.

Fronteou, enfim, a morada, que era feita de pau a pique e tinha o teto trançado de coqueiro e sapé. Havia, dentro, silêncio completo. Fora, não se via sinal de gente, nem o mais leve rasto na areia arroxeadada da porta; e a porta, de parafuso, cerrava-se toda, ao parecer, de muito tempo. O Chico Pica-pau cessou da morena e gritou rijo:

– Ó de casa!

Não houve o mínimo bulício no interior da habitação. E o eco do chamado vibrou por instantes ainda, até que o Pica-pau resmoneou num solilóquio:

– Uiai, gente! quer ver que o home’ pitou!

É que vira, em todo o arredor da casa, mostras de desamparo: a guainxuma viçara por toda a parte, o gervão floria abundante, o mamoninho-de-carneiro apontara e abrolhara como uma praga, tudo chorava por uma enxada, quando não por uma foice. O cipó-corrêa de alguns amarelinhos partira-se; havia rachões de cambuatá que quase vinham ao chão, despegados das travessas e bambos. Em cima, na cumeada, uma cabaceira alastrara vencedora e alegremente, e as cabaças vingaram.

Começaram a cair enormes gotas d’água. O Pica-pau afastou dois paus da porta, esgueirou-se para dentro. Deu logo com os olhos numa grande folha de caratinga, que também fizera o mesmo, dias antes, na porta da cozinha, e agora quietava, verde-negra com pintas quase roxas, muito senhora de si naquele sossego. E raciocinou então que o Tido na certeza já não parava ali de meses, pois o mato ia tomando conta de tudo, enveredava pela varanda, e iria até as linhas em pouco. E rosnava zangado:

– A minha vingação ficará em branco? O home’ terá mesmo dado a lonca? Ou andaré p’ro mundo? Qual! eu hei de tirar a minha vingação; ora si hei de!

Caiu uma pancada de chuva, o céu ficou logo limpo, os ares refrescaram-se, foi descendo a tarde. E, com o acabar da chuva e o entardecer, o Pica-pau ouviu, para os lados do espigão-mestre da paragem, uma barulhenta cantoria de angolinhas:

– Ué! pois antão o malvado atóra e larga as criações miúdas ao Deus-dará? Já se viu que desmazelo, que pouca vergonha? E é tão certo como sem dúvida que essas galinhas-de-Angola ‘tão cantando a par c’as ninhadas de ovos. E eu que vou ver si tópo c’as ninhadas! Depois da chuva é muito fácil.

Saiu. A gritaria das angolinhas partia de uma pedreira, ribeirão acima, onde o capim melado formara em tufos corpulentos. Subiu. As moitas eram espessas, não podia divisar nem uma ave. Marinhou pelo tronco de um ceboleiro, pôs-se a cavalo num dos galhos, olhou com todo o vagar.

Senão quando, num bromado de catingueiro-roxo que descaía sobre uma pedra preta, divulgou mal e mal um vulto carijó que se movia. O vulto da angolinha estava de costas para ele, deu de encontros, abriu as asas, fechou-as, foi crescendo: em poucos minutos ganhara as proporções de um peru, cresceu ainda; as penas tinham agora as malhas carijós mais rasgadas, o vulto aumentava sempre, firmado num dos pés; desceu o outro pé; ainda encorpou mais, abriu e fechou as asas outra vez; a crista, muito rubra, estava bem arqueada sobre o bico alvacentos, e semelhava um chifre virado, um volumoso chifre ensopado de sangue; as barbelas tremiam, por igual rubras, imitando a pesada papeira de um boi golpeado; virou-se para o Pica-pau, com toda a pachorra, já do tamanho de uma anta, e gritou quatro vezes, intervaladamente; ‘tou fraca, ‘tou fraca, ‘tou fraca, ‘tou fraca...

O Chico Pica-pau deixou-se cair pelo tronco, aterrorizado, largou a correr, chegou à estrada sem butucum nem espingarda e fez-se de volta, exclamando com a língua meio perra:

– Não é capaz, isso não é! Credo! Deus me acuda! Não é capaz que eu tire vingação de nho Tido. Não tiro, nem por nada, não quero mesmo tirar. Aquilo é feito dele, credo em cruz! Já ‘tá no outro mundo, agora me quis aparecer no corpo daquela angola, e apareceu. Não tiro mais a vingação, nem que ele ‘teje vivo! Não quero!

O poente já descorara, nada mais se lhe via que uma barra cinzenta, bem tapada, e os últimos fantasmas das nuvens fundiam-se todos naquela barra escura. O Pica-pau ia quase a correr ainda, num desatino, rezando e quase chorando:

– Padre nosso, que estais no céu... Eu não tiro mesmo a minha vingação, não quero mais tirar, até perdôo o que o Tido me fez, perdôo mesmo!

E abriram-se as estrelas, cor de prata nova, na grande curva azul-ferrete do céu.

A Maria Espada saíra do pagode, sozinha como sempre, e como sempre sem que ninguém a visse, montara no pingo sâino, que era um relâmpago, e atravessava agora um campo nativo, de barba-de-bode e lanceta, aonde chegava ainda, trazido pelo vento fresco da mata, o cheiro manso das coiranas em flor. Porque ia um pouco tocada, com a cabeça a pesar e os olhos ardentes, aquela frescura e aquele cheiro fizeram-lhe muito bem. A folgazona entusiasmada deu um chascão no freio, e falou vagarosamente, como se o cavalo, de súbito parado, estivesse a ouvi-la e a entendê-la:

– Arre, diabo! que eu a mó' que 'tou mesmo vestida de anjo! O sumo da cana é traiçoeiro, não hai quem não saiba: e o marido do Anastácio inda enche a gente daquela fervida temperada com bage de bonilha! Depois, si a gente fica na tiaporanga e faz uma estripulia qualquer, aí ninguém não quer saber si foi a pinga que trepou e buliu no sentido, ou si não foi!

Ainda ouvia o choro fino das duas violas e a voz nasalada e triste do Gabriel, nua moda mineira. Comoveu-se:

– Força no peito, cabôco desabotinado! Cante mais um verso, mas porém com toda a sustância, como no tempo que você me

queria, tal e qual hoje, e que eu te queria como não quero mais e nunca mais hei de querer! Um verso de alecrim: bamo' ver!

As violas, entretanto, calaram-se. Houve um grande barulho no terreiro: e de longe a Espada bem percebeu que tinham dado por sua falta, que estavam danados com o sumiço, e que alguém, no meio dos mais, andaria macambúzio, fechado consigo, atendendo o ouvido ao rumor das aragens das folhas, para saber se tinha feito chão aquela que lhe pisava na alma como quem pisa num trapo...

E falou sossegadamente, a jeito de quem se explica:

– Eu, quando me dá esta malinconia, não sou mais senhora de mim: tenho que romper p'r as estradas, ver uma bruxa ou um lobisome, inté que o fernesim me passe! Cada qual cumpre seu fado: isto foi sorte que Deus me pôs! Já mandei em mim como as outras: agora não mando em ninguém. Vou vivendo a minha vida, feito um barrote pesado, que desce p'r o rio abaixo, na força das águas, sem nada que lhe segure...

Pegou nas cãibas do freio, vergastou de rijo as duas ancas do sâino. E o sâino abalou a galope, na estrada escura e seca, agitando a cabeça carregada de fitas e de flores. Na treva da noite, apenas alegrada por algum longínquo brilho de estrela, era quase apavorante aquele cavalo a galope, vistoso em cores e montado por uma esguia mundana toda vestida de branco.

Chegou a uma porteira, abriu-a às escâncaras, passou para além, num salto do cavalo. E muito tempo ainda, rangendo rudemente ao darem de encontro aos moirões de aroeira, as táboas de peroba pareceram acompanhar a cadência fugitiva do tropear do sâino.

O caminho fazia uma forquilha, ao entrar na capoeira. A Espada ficou indecisa, passando os olhos cansados de um trilho a outro:

– Ora 'tá aqui uma coisa que me deixa meia otusa. Alta hora da noite, suzinha deste feitio, quem é que há de saber agora o

carreiro certo de casa? O meu matungo é que não vejo: bamo'
duma vereda, Caiapó?

Bambeou as rédeas na táboa do pescoço do sâino: e ele pegou logo numa andadura rasgada e muito rendosa, a fazer pelo ermo um rumor cheio. Aquele compasso, distraída, a Espada principiou a cantar a moda mais nova que sabia, com voz grossa e linda, apesar de molhada:

A moda de namorar
eu ensino p'ra vancê:
vancê ponha bem sentido,
p'r amor de vancê aprender.

Si 'tiver perto de gente,
p'ra ninguém não perceber,
vancê não olhe p'ra mim,
que eu não ólho p'ra vancê.

Quando nós 'tiver suzinho,
me abrace e abraço vancê:
damo' abraços e buquinhas,
querendo pode morder.

Interrompeu-se, imaginou um instante:

– Pinhões! Como é que suspende esta moda, gente?

E, lembrando-se, alteou a voz para baixá-la enternecidamente, na repetição dos dois primeiros versos:

Ribeirão das águas turvas,
nem garça pode beber;
um amor de tantos donos
d'algun tem que se esquecer.

Soltou uma gargalhada:

– Que prosa à toa, já se viu? Pois eu também tenho tido tantos amor’, e não me esqueço de nem um! Não me esqueço nem me alembro: isso é que é vantagem!

A uma banda da estrada, porém, luzia estranhamente qualquer coisa, com claridade quase cor de enxofre aceso. A Espada nem deu fé: repetiu a moda, cantando outra quadra de encabeçar, e ia já frenteando aquela aparição esquisita, quando o sâino entendeu de trocar as orelhas e bufar, endureceu o lombo e deu um passarinhão feio.

Ela quis zangar-se:

– Ué, seu traste! Você quer agora que eu veja o chão de perto, sem mais isto nem aquilo? É baixo! Eu não vou ansim tão fácil!

Teve, entretanto, de ver o chão de perto: o cavalo espantou-se, tomou o freio entre os dentes, pulou de um lado e de outro, atirou com cilhão e cavaleira ao ar. Erguendo-se, com os ouvidos numa zunideira, a Espada acabou de zangar-se duma vez:

– Que pavor tão fora de tempo, coisa-rúim! Nunca viu orelha-de-pau que dá fogo? Nunca viu pijuca? P’ra que é que você véve antão no mundo, si uma luz do mato, inocente como esta, faz tamanha bateadeira em você?

Aproximou-se da madeira podre, onde os cogumelos se agrupavam como uma dezena de orelhas fitas, deu-lhe com o cabo de relho:

– Olhe aqui, seo diabo: ‘tá vendo? Isto não vale nada: só o que é mesmo é uma boniteza!

Sentou-se junto da luz amarelo-azulada. E como a língua já se lhe fosse pegando mais ao céu da boca, resmungou os últimos versos da moda:

Um amor de tantos donos
d’algum tem que se esquecer.

Continuou então a conversar entre si:

– Agora, de quem eu nunca não pude esquecer foi do Lainho, tão feroso e tão bom, que morreu por meu respeito, naqueles centros de serra, sabendo que a minha gente me jogou fora e que ele não tinha jeito de vir apôs de mim! Aquilo é que foi um home' de coiração!

Resvalou para uma laceira de cipó-cruz. Adormeceu mansamente. E era-lhe tão meigo o sonho do passado, que, sob a clari-
dade fantástica, o seu rosto escaveirado de demônio foi ganhando, pouco a pouco, uma serena expressão de rosto de anjo...

O Imbuava não tinha parada: amanhecia num lugar e anoitecia noutro, segundo o geral dizer... Arrastava seu surrão por toda a parte, com voz meio rouca: e muita vez, como ele surgisse a uma volta de caminho, avermelhando-o com as longas barbas arrepiadas pelo vento (era o que diziam todos), o marido falava à mulher, cuidadosamente:

– Você não ‘tá ficando arenosa, Fulana? Vá-s’ernbora p’ra dentro, que o sol ‘tá fervendo e perigoso!

A mulher encafuava-se no interior da casa, o marido cerrava portas e janelas, chamava os cachorros, fazia silêncio –, e desta maneira o Chico Antonio, conhecido por Imbuava, a troco de ser neto de um português das ilhas, podia passar a seu salvo, sem aborrecimentos e sem rumor.

Mas ai! se as coisas não andassem assim! Ladrasse-lhe um guapéca, e ele era capaz de estourá-lo de repente a bala, na carreira do matungo: o dono, como é de estilo, pediria contas da morte; as contas não seriam dadas; palavra puxava por palavra, levantava-se um barulho, e quem saía perdendo, afinal, era o patrão da morada. Porque, se o patrão não entregava a rapadura com palha e tudo, escorava; mas o outro tinha grande destreza,

fazia um serviço limpo e ganhava o jeito do chão; e se era meio perrengue, bambeava logo as pernas, numa fuga vergonhosa, e depois servia de divertimento aos mais. A melhor política sempre foi, por isso, evitar o valentão.

Quando se sabia que ele deixou rasto em Queluz, já na Cachoeira não havia muito sossego:

– Home, ‘vi dizer que o Imbuava ‘tá fazendo suas tramas aqui nestes meios.

– Qual nada! Já sube que ele bateu os tócos p’r’o Picú, trás-ante-ontê’.

– Correu notícia que ele tinha largado um poldrinho libuno, mais um burro pinhão de mandar chegar, e um lombilho abastado, por um bezerro piquitito, produto daquele correntino: será certo ou não será?

– Cuido que não: pois o dono do touro antão não saberá que ter negócio co’aquele demônio é percurar sarna p’ra se coçar? É baixo!

Até que a semana morresse, e os dias caíssem por sobre os dias, e o esquecimento chegasse, era um terror.

Foi, por esse motivo, alto zum-zum na venda da Ana Triste, sábado de alelúia: de todos os ganchos da encruzilhada chegava povo, matava o bicho e seguia para o arraial, com a nova inquietadora de que o Imbuava tinha pousado, aquela noite de sexta-feira santa, num rancho vizinho.

Recresceram logo boatos: que ele obrigara um tropeiro a engulir um martelo de caninha com pólvora; que armara um angú de caroço na casa da Maria Maminhuda, por via de as senhoras damas não quererem dançar o miudinho com ele, tendo-as chamado, na roda, a poder de estalinhos de dedos e até pelos nomes; que montara num cabra seco e lhe riscara as chilenas pelo corpo, a todo o gosto, só porque o cabra passou por uma porteira e lh’a não conservou aberta, isso dois dias antes, e muito perto dali: e que havia espaventado, a poder de ponta de ferro,

uma caipirada que tinha formado rolo, no carnaval de Lorena, por amor de certa crítica ao ministério liberal.

A Ana Triste, com seu pixaim ‘repuxado para as orelhas, à força de pente, remexido em caracóis e todo besuntado de banha com essência de rosa, encostara-se ao balcão, junto ao décimo da branca, e pitava. Depois de escutar muito tempo, descansada e pachorrenta, a mentirada daquela miuçalha, zombou de um dos novidadeiros:

– Pois, sim, seu Serafim: este mundo é mesmo ansim: porca magra não tem rim!

O Serafim buzinou:

– Ué, nh’Ana! Só isso que mecê trouxe na mala?

– Não, tem mais coisa ainda: tem que inté dá pena ver um sojeito barbudão, que nem vancê, dar parte de tão perrengue!

– Eu mole não sou, nh’Ana: mas tenho mulher e filhos p’ra cuidar! Si não, lhe afianço que home’ nem um não era capaz de berrar mais grosso do que eu!

– Lá por isso, petas! Que um home’, só porque tem a companhia e umas par de famílias, não deve de apanhar na estrada e levar sussegadinho a pancadaria p’r’os pagos!

Interviera, porém, uma velha coróca, em busca de brevidades:

– A como é que vancê vende a quitanda?

– A quitanda é de gente, não é minha: custa um corenta, cada.

Não tinham ido as brevidades da bandeja da venda para o lenço daquela lacrecanha, quando a venda ficou vazia em três tempos. A Ana Triste olhou para a estrada, que ardia ao sol, e, como não visse nada, assuntou para os lados. Só então, meio sumida pelo susto, uma voz de menino taludo lhe veio entre rumores de tropel fugitivo:

– Nossa Senhora! Ei’ vem o Imbuava!

A Ana Triste, com todo o vagar, passou a mão num compartimento da gaveta. E o Chico Antonio esbarrou o cavalo em

frente da porteira, amarrou-lhe o cabo a uma argola do moirão, tocou-o para a sombra:

– Bom dia, nh’Ana!

– Bom dia! Bamo’ chegar!

Ele fez um ronquido, limpou a goéla, bateu o rabo-de-tatú no balcão:

– Me dê já meio martelo de pinga: sinão, sinão...

A Ana Triste, aí, tirou a mão da gaveta, com os dois gatilhos de uma Laporte arreganhados, e apontou-lh’a à boca do estômago:

– Sinão o que, seo poaia?

– Sinão não bebo, uai!

Logo ao rasgar da manhã, cheio de entusiasmo e de palavras, o Manoelzinho encambulhou tudo quanto era crila pelos arredores: e o sol fresco de maio, surgindo a custo das nuvens, pôde ver o bando dos pequenos saqueadores que se dirigia ao pinhal, grazinando barulhentemente. Varejava-os o vento acre, chegava a molhá-los a garoa, o frio dava-lhes às faces tons vivos de saborosa que acaba de abrir, caindo: mas nada os fazia parar.

De caminho, como gente a quem tudo serve e presta, empo-leiraram-se nas árvores de tarumã, que estavam de carga farta; e a colheita foi grande. Os chapéus e carapuças ficaram atopeitados; alguns calça-foices de mais indústria, rebuscando as moitas de taquara-póca e os embastidos de cipó-cambira, logo prepararam cestinhos e jacás de vária forma, onde as frutas foram tomando lugar, arredondadas e vivamente negras, como os olhos de certas morenas.

Nova subida às árvores, no pinhal, cuja escuridão já andava alegre, a essa hora, pelos peitos cor de enxofre e costas de cor azul-ferrete das gralhas. Elas, menos trêfegas talvez que a meninada selvagem, fugiam gritando muito, entre curiosas e

atemorizadas, e voltavam de pronto, acuando à maneira de cachorrinhos que qualquer coisa espaventa.

Com pouco as pinhas quebradas começaram a estralejar no chão seco. Os que haviam ficado em baixo, previdentes, amontoavam em diversos pontos os pinhões esparsos, e, em seguida, a partilha se fez mansa e pacificamente, sem um protesto, sem uma recriminação.

Cavaram-se biras, e o jogo principiou, renhidamente, junto à raizada dos pinheiros. O Manoelzinho, maioral da investida e do saque, opinou por que se adotasse a barreira, e as primeiras mãos assim foram. Jogaram de malhão, jogaram de buliu, jogaram aos uns e aos dois e iam ferrados naquela folgança, quando se armou um perequê entre o Vinguinho e o Tito:

– Você não embirocou aquele graúdo; você pônhou a mão nele e empurrou.

– Não empurrei!

– Empurrou!

– E você, antão, que me pegou aquele minguta, agorinha há pouco, feito quem toma conta do que é muito seu?

– Não me atente, cabocrinho barato que eu ‘garro uma vara de cabiúna e lhe sacudo a poeira da cacunda!

– É baixo! Experimente, p’ra ver quem é que tem garrafa vazia! Bamo’ ver!

Mas tudo serenou de pressa. Ninguém bateu nem apanhou. E ia a pândega por diante, num completo esquecimento da hora do almoço, interrompido apenas pela observação que alguém fez no grupo, de que o filho da Maria do Rancho se avizinhava dos samburás de tarumã, com os olhos carregados de cobiça:

– Olhe o Zé Tantã como ‘tá aceirando as frutas que a gente derrubou com tanto trabalho!

Realmente, o José da Maria do Rancho, ouvindo a vozeria daqueles cafumangos, tinha ocorrido ao pinhal. Os seus vinte anos de quase idiota compraziam-se na companhia, aliás quase

sempre repelida, da meninada em ação. Alto e meio corcunda, com o ombro esquerdo derreado, de olhos imensos e vagos, postara-se encostado a um tronco de gabirova e contemplava, com ares de gula, as frutas pretas de tarumã. À observação do grupo, somente respondera como poderia responder, com regougos de uma aspereza que doía e impressionava.

Houve um instante em que, vendo os outros afanados na contenda do jogo, levou a mão a um jacazinho, com a pressa e o instintivo temor do serelepe na limeira, e tomou um punhado de frutas. Ia levando-as ao bolso, e armava a carreira da abalada. Mas foi pressentido: o Tito gritou os companheiros:

– O Tantã ‘tá roubando!

O guaiú foi extraordinário:

– Joga um terrão nele!

– Apincha um cacete nesse quarta-feira!

– Quebra uma sapuva e despena no lombo desse diabo!

Não tardou que na testa branca do José desabrochasse como flor de mandacará, que era uma ferida em sangue. Passou as costas da mão direita na testa, não disse palavra, olhou para o grupo, esperando outra agressão. A companhia, porém, quedara assustada. O Vinguinho chegou a dizer:

– Ê! rapaziada! O soronga ‘tá de brecha! E agora, si ele esvai de repente, ver um carneiro faqueado no sangrador, o que é que a gente faz?

A pergunta era séria. O Manoelzinho, mais prático da vida, resolveu corromper o sofrimento do ofendido com a fácil peita de um balaio cheio de frutas e uma algibeirada de pinhões. Mas nada pôde conseguir: o José, vendo-o chegar, tomou-se de medo pânico e disparou a correr, às tontas, com as aparências de um urubu de asa quebrada, que abre a carreira para ensaiar o vôo, fecha os encontros das asas, levanta a cabeça, e não pode alar.

Como a casa da Maria do Rancho era perto, não houve caça-fecho que se aventurasse a mais teimoso acompanhamento.

Deixaram de segui-lo no lançante da estrada, onde as batalhas unidas eram mais ricas de sombra. E daí a momentos foram de novo amedrontados, – coisa que passou como um sonho! – pela Maria em pessoa, que aparecera à porta da casa, pusera ambas as mãos na cabeça do filho, olhara para os malfeitores, e fizera, mal distinto embora, um aceno de maldição àqueles filhos fortes de mães felizes.

O José não dera um gemido. A mãe conduziu-o para dentro do rancho, em braços, amimando-o como a uma criança de berço. Pegou numa toalha, deitou-o ao colo e pôs-se a lavar-lhe a ferida. Ia toda feita naquele trabalho e naquela aflição, quando dos olhos lhe caíram duas grossas lágrimas à face do José. Mas então, convulsionado, todo trêmulo, com os olhos a arderem de súbito, o José começou a chorar e a soluçar, desesperadamente, urrando...

O rancho de moças passou, pela casa do Inácio, grazinando e fazendo viva bulha. Podiam ser umas oito, cada qual mais jeitosa: levava a palma a todas, porém, a nha Vina, dona duns olhos que já andavam nas modas de cateretê. O engraçado é que todas eram mais ou menos sobrinhas do Inácio, umas daqui outras dali. Ora, como os velhos quase não têm pressa para nada, ele ainda passeava lá por dentro, bem no sossego, quando convidara aquele povinho de saia para irem depois da missa às frutas, que estavam maduras a conta inteira, na Barra Nova.

Houve queixas:

– Arre! tio Inácio! Vassuncê mandou que nós viesse às dez horas, nós aqui estemo', e vassuncê nem se mexe!

– Tio Inácio, nunca pensei que mecê inda não tivesse acordado!

Ele desculpava-se. Bem sabiam que um homem de certa idade não é tão despachado como as moças fortes e bonitas assim. Tivessem um bocado de paciência: ele ia buscar a peroba e chamar a tia Zefa, que estava lidando com o gergelim e com os repolhos, e sairiam num átimo. Com efeito! que também o mundo não se fez num dia! e quem fez o mundo podia tudo: que dirá agora um

pobre mortal, como ele? Fossem caminhando de vagar, que ele e a tia Zefa, mais o José, com pouco as alcançariam.

As moças fizeram um guaiú dos diabos, porque aquilo era faltar à promessa. Dizendo as moças, a gente pensará que foram todas... Pois não foram todas: houve uma que ficou até mais descansada, a bem dizer mais alegre, e foi nha Vina. Se o José lá ia! Bastava só isso para ela mudar de tom na mesma hora! Porque ninguém desconhecia que os dois viviam num sumbaré bravo, e o sumbaré de dois primos bem se diz que é próprio uma loucura: amor de parente é mais quente...

Desceram depressa a rua, que é muito lançante, subiram o morro que leva ao cemitério, e assim que iam fronteando uma chacinha da banda esquerda da estrada, entrepararam, voltaram-se, e viram então que os dois velhos já iam indo. Sentaram-se nas gramas, à beira de um caminho-fundo, e esperaram. Nunca houve pior maçada que esperar Fulano ou Beltrano que aí vem subindo o morro: parece que o morro não acaba mais, e aquele Beltrano ou Fulano vai desanimar no meio da subida! Nha Vina, essa pegou logo a sentir uns tremores no coração, coisa que nem se pode contar...

Já iam perto do rancho os três, quando uma das tais gritou de longe:

– Mas, tio Inácio, que dianho de home' antão é vossemecê, que faz este bandão de polistas madrugar, feito comitiva que segue p'r'o Paranã e a resto se apincha na estrada, bem dizer quando a noite já 'tá chega-não-chega?

O Inácio largou uma gargalhada:

– 'tá com réiva? Gósto bem! Sabe o que mais?

Quem eu sou, quem eu não sou,
quem quiser saiba de mim:
eu sou tudo e não sou nada,
gósto bem de ser ansim!

E formou-se um grupo só, e o grupo fez chão. O sino da matriz deu meio-dia. Os pobres dos velhos, bota-que-bota, iam penando riço, p'ra poderem acompanhar aquele povinho.

Por volta de uma hora chegaram à Barra Nova. O mato, ali, é limpo de verdade: percebe-se até o ciscado dos nambús e dos macucos no meio das folhas secas, que, por sinal, são vasqueiras. As árvores como que estão sempre verdes, por aquelas bandas, ou então é o vento que varre de mais as serapilheiras, não deixando grande coisa, quando passa: vento garoa, para zunir é o vento da Barra Nova! Só mesmo ouvindo-o!

As jaboticabeiras não são muito oferecidas: só uma à beira da estrada, e essa – dava pena! – sem nem uma fruta. Entraram todos pelo mato, a rumo dum coqueiro donde avoaram duas maitacas, andaram seu pedaço, viraram e reviraram, e, por fim, acharam as demais: carregadas, carregadas, que eram um brinco!

Houve quem duvidasse que as frutas estivessem bem maduras, e foi a Gertrude, piricica e mexedeira – que nem serelepe. Logo que ela duvidou, já o Inácio lhe deu resposta:

– Mais maduras do que elas ‘tão, inté é asneira! Vocês vão ver! Aposto!

Por onde principiar é que era o negócio: as frutas pretejavam em cima, só em cima, provocando a gente e caçoando da gente. O José cortou uma braçada de cipó, enrodilhou muitas voltas no tronco duma fruteira, separadas de três em três palmos e seguras numas varas de canela-de-cutia; preparava-se para trepar, quando o Inácio o agarrou pelo braço, dizendo que ao mais antigo da roda na certeza é que competia comer as primeiras frutas. O José encalistrou, e o Inácio foi logo trepando na árvore: quando se achou em cima, deu de derriçar os galhos, tal qual um bugio, não comparando. E a moçada, em baixo, ria, apanhando as jaboticabas.

Neste meio tempo, nha Vina, que estava seu tanto retirada das companheiras, por debaixo dum macaqueiro de certo guaimirim donde se dependurava uma laceira de guaiapás amarelos duma vez, toda tremeu de susto, por ouvir muito perto de si bate-bate de ramos. Voltou o rosto, e ficou mais em calma, que era o José.

Mas a calma fugiu logo: o José começou a falar-lhe um dilúvio de coisas, com a voz abafada como a dos urús na grota do ninho, e sempre se lhe ia chegando mais para perto, a ponto de ser preciso que ela às vezes recuasse para um lado e outro. A voz do José tinha o som dum enxame de mirins fumegando à porta do mel: e o que a voz dizia, naquele pouco som, tinha a mesma doçura que o mel dos mirins.

Zangar-se, que se diga, nha Vina não se zangava, mas amostrava uns jeitos assim de parirú que vai ariscando. O José, que é quatro-paus nestas prosas com as mulheres, e que quer bem à nha Vina às direitas, não dava ou fazia que não dava fé que ela ia sonegando a boca e as mãos. Pois sonegava-as devéras, dêz que percebeu que ele por força queria pegar-lhe nas mãos e dar-lhe um beijo na boca: mas não era com grandes fugidas, pelo contrário! – fazia que nem a rolinha, quando o companheiro vem chegando, a qual estende uma asa a modo de leque, e assusta o companheiro, e, apesar dos pesares, fica, afinal, bem junto dele.

Tudo acaba neste mundo. O luxo de nha Vina teve a sorte de tudo: acabou. Foi no instante em que ele se lamentava de ela não ter nem isto de amor por ele (mostrava uma unha), ao passo que o infeliz coitado só pensava na sua tirana querida! Aí, porque ela não deu mais nem um afasto e como o ramo dos guaiapás descia até o chão, encobrendo os dois, uma boca procurou a outra boca – nem se sabe qual foi a primeira! – e uma buquinha grossa fez rumor nos ares.

Nessa horinha gritou o Inácio lá do alto da fruteira:

– Antão? Eu não falei que ‘tavam bem maduras? Pois si eu entendo disto como da palma das minhas mãos! Quando elas não ‘tão bem no ponto, não estralam com tamanho barulho. E olhem que melhores, só no céu!

A umas duzentas braças da Estiva, já a mula douradilha do Bernardão falseou das munhecas e principiou a ficar diferente, com o passo abaloso (ela que era tão macia e tão maneira na estrada!), e a bufar seu tanto ou quanto. No córrego, depois que passou a pontinha, o Bernardão apeou-se, levou uma temporada a olhá-la e a bater com um ramo de alecrim nas botas:

– Pior, pior! O que eu ‘tou vendo é que temo’ arejamento em casa!

A douradilha, parada, pareceu nada mais estar sofrendo: apenas, de quando em quando, firmava os olhos espantados em qualquer sombra movediça, amolecia as orelhas e abanava a cabeça. E o seu grande vulto, no areão, à luz já fraca do sol, maior ficava ainda, e assustador, cada vez que a tomava aquele repentino arrepio.

Mas um bando de pombas-verdadeiras, que vinha de longe, muito alto, esquipou o vôo, recortando-o de súbito, e procurou o sossego da mata. O que fez que o Bernardão montasse de novo a cavalo:

– Nada! Já ‘tamo’ na boquinha da noite, as pombas venham vindo p’r’a cama, eu também perciso de campear a minha!

As esporas retiniram, cravando-se agora e logo nas ancas da mula: e a mula, entretanto, não deu a arrancada do costume:

– Ora já se viu só que trapeira! Pois não é que a pobre da besta, que é ardorosa de chegar, ficou patife e moleirona?

Desceu-lhe a guasca, de rijo, e contudo a mula não mostrou mais pressa ou medo:

– Não me vá deixar a pé nesta campanha, viu? Crie um pouco de talento, um pouco só, daqui no Rio Verdinho, que eu te ponho boa de repente, c’um remédio inté gostoso!

Sentia, ao ir vencendo a estrada, que a douradilha não ia certa dos quartos de trás: uma vez, quando fronteava a mangabeira que fazia uma curva para o areão, percebeu claramente que alguém lhe pegava na cola do animal e o repuxava com força, impedindo-lhe a marcha. Meio temeroso, chegou a persignar-se:

– Creio em Deus Padre todo poderoso, criador do céu e da terra...

E entrou a rezar, aflitamente, por aquela alma do outro mundo que ali estava a divertir-se com ele e com a mula. Caindo, porém, em si, voltou-se e falou grosso e confiado:

– E não é que a gente às vez’ fica bobo a troco de nada?

Passou a mão pela táboa do pescoço da montaria:

– Ah! minha dourada de entusiasmo, si tu não tivesse’ ‘panhado esse ramo de arêjo, nós já ‘tava’ dobrando aquele cacurutinho p’ra cá dos Dutras! Era um tirão à toa p’ra chegar na venda, e eu te derrubava duas garrafas de cerveja p’r a guéla abaixo, que tu havéra’ de ver que porrete!

Achou-se triste, de um hora para outra, e pegou a cantar, com o sentido alheado, a moda antiga de um cantador do sertão:

No alto da serra
namorei uma cabôca:
não era baixa nem alta,
e eu por ela fiquei louco,
ai!

A moda saía certa:

– Foi mesmo p’r aquelas cordas de morros que eu vi a diaba da peste! Bonita e judiadeira, entendeu de me tratar de resto, com pouco causo, nem que eu fosse a planchinha de caroba do seu tamanco! Eu bem que fazia os impossíveis p’ra lhe agradar, levando-lhe presentes de arromba, sendo fiel feito um cachorro, tendo um coiração de açúcar e uma alma de penas brancas!

“Quando lhe deu na veneta de escutar as prosas do mestição de Nioac, inda eu fui bom p’ra ela, inda lhe dei bons conselhos, inda of’reci a garupa do meu tubiano e o jirau do meu rancho: mas tudo tempo perdido! Quis; porque quis, andar pelas poaia-ges do mulato esparolado, e largou de mim à toa, do pé p’r’a mão, como quem pincha um traste velho no cisco...

“Largou de mim a dois arrancos, derreteu um belo dia, e eu nunca mais não ‘vi nem não quis ver falar naquele nome maldiçoado. Só, sim, p’ra ponhar um pouco de doce no fel da minha tristeza, pedi p’r’um home de cabeça que ‘tava naqueles centros, naquela quadra, que ‘me aprontasse ûa moda mineira, bem delorida, p’r’eu cantar na viola quando a sodade me apertasse, porque isso p’ra mim sempre me serviu de alívio.

“E a moda que o home me fez foi ver a forma p’r’um pé:

Patativo do gordura,
não cante alegrinho ansim,
que você, cantando alegre,
sirre de mim,
ai! ai!”

A douradilha, toda arquejante, empinava a cabeça atormentada. E o Bernardão nada via:

“Meu coração ‘tá tremendo
como a folha do rubim,
ai! ai!”

Já não tenho mais alívio
p'r'este meu penar sem fim:
patativo, 'ocê dobrando,
zomba de mim,
ai! ai!"

E então, rouca e demente, a mula atirou-se ao areão da estrada. Mal o Bernardão teve tempo de sair por trás do socado, com um rasgo de destreza; contemplou-a fora de si, vendo-lhe as ânsias quase sem as compreender, com a lembrança posta na ingrata cabocla da serra.

Alguma coisa, porém, pareceu estralar ali perto. Abaixou-se para a douradilha. E a douradilha acabara de morrer:

– Não agüentou o repuxo. hein? Poi olhe: eu ia te curar pela certa. Mas tu não quis'...

Só então é que teve remorsos:

– Agora o que é verdade é que eu não devêra de 'tar pensando na morena sem tenência, porque a dourada me queria bem, nunca não me deixou mal no mundo, 'o passo que ela...

Sentou-se encostado na mula, e começou a alisar-lhe a crina, como num carinho:

– 'ocê 'tá queixosa de mim, 'tá admirada? É porque 'ocê não conhece o coiração dum home da minha casta! Quando um home da minha casta resolveu de verdade querer uma dona, seja ela quem for, não hai nada que possa co'ele; ele é fraco p'ra ela, mas porém é forte de mais contra os outros, contra tudo. Agora 'ocê fica 'maginando que o meu coiração é duro e 'tá fechado: que 'tá fechado, 'tá mesmo, e a chave inda não saiu da mão daquela tirana; mas contanto que, si a chave aparecesse, e 'ocê visse por dentro o meu coiração, minha dourada, 'ocê haverá de ver que o amor é que faz a gente rúim, sem mais nem mais, p'r a vida inteira!

“O meu coiração não é duro e não é rúim: ‘tá fechado, que inda e mais pior: e ansim tem que ficar inté a hora melhor da minha vida, que só há de ser a melhor por ser a derradeira...”

Muito azafamada, a falar alto, entre risonha e aborrecida, a Maria Claudina começara, afinal, a vestir-se. A mãe estava na tórta da farinha, que escasseou de repente, na véspera do dia santificado; o pai saíra a cavalo pelo bairro, e só a negra velha, a Romana, andava mexendo pela casa.

Os sapatos de couro de bezerro, que se tinham metido ao fundo de uma caixa, ressecaram de mais, e agora brilhavam ao sol, besuntados de enxúndia de galinha; o lenço azul-claro, de ramagens vistosas, caía do cabide, passado de fresco; as duas saias brancas, amarradas pelo cóis, enfunavam-se, duras de goma, ao lado do lenço; e o vestido de riscadinho vermelho, novo em folha, já se estendera em cima da cama, descansadamente e sem rugas, como quem não quer saber de nada.

Mas a moça macucou de repente, sentou-se, falou firme e áspero:

– Ah! Rumana dos meus pecados! Você bem sabe que eu não gosto de camisa surí, e é logo essa que eu tenho de ponhar no meu corpo?

A negra custou a mover-se da cozinha, onde arrematava o tempero de uma trapucaia com abobrinhas da última semana:

– Pois o remédio é fácil, nha Clódina: é só levantar a tampa da caixa, que tem camisa com fartura, surí ou de manga, lisa ou de cabeção rendado, ‘o seu gosto!

Como a Maria Claudina resmungasse ainda, ela mesma abriu a caixa (o quarto rescendeu logo a raiz de junco), e apresentou à moça uma peça de roupa, muito alva, dobrada em forma de carta:

– Veja si serve essa: foi a que a sua madrinha deu.

No rosto da Maria Claudina espalhou-se logo uma doce satisfação:

– Esta sim, que me enche as medidas!

O sino da capela vibrou; era o primeiro toque da missa da Páscoa:

– Ê! Rumana: ‘tou vendo que a missa me escapa! O pobre do Grande é que havéra de ficar bem xaví, si não me visse agora. Logo mesmo agora...

O Antonio Grande, que bebia os ares por ela, desde o milho verde do ano atrasado, esperava só acabar o empreito de formação duma internada de morro a morro, para pedí-la em casamento. O empreito havia de ser entregue por aqueles dias, e no dia da festa ele queria sair com ela da igreja (ũa maneira de dizer), rasgar a guaiuvira para o Lucas das Posses, e tratar dos papeis o mais depressa possível.

Ela riu-se com todos os dentes:

– Ele falou, Rumana! Falou que nas vesprinhas da Páscoa fechava o serviço do retiro e me pedia: mas porém quer por força que eu ‘teja na missa de hoje: diz que é p’ra trazer felicidade. E eu quero tanto bem ele!

Endireitou as saias, puxando por aqui e por ali, fazendo-as ranger sob os dedos:

– E ‘ocê, Rumana? ‘ocê não acha o Grande muito bom de coiração e de cabeça?

A negra velha sacudiu as papadas, numa alegria quase convulsiva:

– Lá isso é! Também o demo de certo não é ruim!

Por que foi a Romana caçoar com ela, em tal momento? A Maria Claudina avermelhou-se toda, bateu os saltos no chão:

– Não faça galhofa de gente daquela qualidade, criatura, que inté provoca o castigo do céu! Eu arrenego duma coisa ansim: o sangue me trepa de repente p'r'os olhos, e a mó' que me cega de vereda!

A Romana, calma e serena, tratou de acomodá-la:

– Ora deixemo' agora de libuzia! P'ra que tanta reiva agora?

E pôs-lhe medo, por ver que ela já não cuidava de aprontar-se:

– Pegue a pinicar na sombra, p'ra ver como a missa vai-se embora, e 'ocê não ascança mais!

Foi água na fervura: a Maria Claudina passou em três tempos a saia de riscado até a cintura, vestiu às carreiras a blusa, que apareceu muito alegre no corpo, com os botõezinhos brancos. Remirrou-se a um caco de espelho: e corno a Romana lhe perguntasse que tal, se estava bonita ou não estava, respondeu frouxamente:

– 'tou ansim, ansim... Não sei o que é que 'tá-me faltando, mas porém 'tá-me faltando argûa coisa!

O sino gritou finamente, dando o segundo toque:

– Acuda, Rumana, que o segundo sinal já foi! Vêja o que é que percisa ainda, que eu não posso me alembrear.

Compôs o lenço no pescoço e nos ombros:

– A mó' que 'tou tão sem graça, tão sem sal!

Em frente ao resto de espelho, virou-se de todos os lados:

– Inté 'tou-me achando meia jaruru!

De repente, porém, cuidou lembrar-se do que lhe faltava:

– Me 'ranja agora um colar de maravilha de todas as cor, que é um enfeite que o Grande apreceia muito! É isso mesmo! Mas porém de carreira, já e já, Rumana!

Vieram as maravilhas, brancas, azúis, vermelhas e cor-de-rosa: pôs umas noutras e todas no coque de cabelo, presas por grampos:

– Ficou o colar bem fermoso e bem pregado? Ficou?

A Romana chegou a admirar-se:

– Nem fale, nha Clódina! ‘ocê ‘tá um brinco, de linda! E vá-se embora, passe por diante, que eu vou-me arrastando mais de vagarzinho, como Deus me ajudar.

À porta, a Maria Claudina ainda segredou à negra velha:

– Assim anda tudo muito bem, pois não é? Eu vou numa puba danada, de vestido novo e flor no cabelo! Depois da missa ‘tou sendo pedida e o Grande ‘tá sendo aceito: o mais não me esmorece, que ele me quer de devéra e é um home’ de conta e peso!

Passou-lhe um chabó, chilreando, junto ao ouvido, subiu pela claridade fora, até um monte de nuvens, e a moça esteve sempre olhando-o, cheia de alegria e de esperança. E ia caminhar para a capela, peneirando-se de entusiasmo singelo no seu vestido de listras, quando a Romana, que estivera de conversa um instante com outra mulher, chegou a passo e passo, depois de acenar-lhe, e encaminhou-se para casa outra vez:

– Não bamo’ mais, nha Clódina: diz que um dourado picou o Antonho Grande, esta minhãzinha, e que ele já ‘tá sem vista e sem fala: nós semo’ do mundo, e o mundo é de Deus...

A xintã, mal amparada do sol por qualquer moitinha de carapicho, na braveza dos saivás e das tigüeras velhas, toda se encoleriza e arrufa quando alguém se lhe achega do ninho, onde não treme ainda a penugem escura dos filhotes que hão de nascer: é pequenina e fraca, sabe de certeza que qualquer golpe de açoiteira ou uma varada leve a deixará sem vida, mais a ninhada que nem chegou a viver, e, contudo, corre diante do perigo, gritando enrouquecida e sem receios. Diziam da Chiquinha Sabiá, desde muito nova tomada de amores pelo Zé Saúva, que ela, quando falavam dele, era tal qual a xintã no sossego do ninho, ao ver chegar estranhos – irada e destemerosa.

E era. Não acreditava as murmurações que andavam quentes, desde certo tempo, na freguesia: que o Zé Saúva, preso à Chiquinha por uma promessa antiga de casamento, mal se lembrava do compromisso, pois vivia pagodeando de mau jeito com quanta mulher do fado via, às escâncaras, como quem do futuro não se lhe dá. Ainda na última função havida por aqueles fundos, um casamento que deu sorte, é voz corrente que ele fez quanto pôde por desencaminhar uma roxa bem casada, moça de qualidade, bonita, sim, mas de todo o respeito: um cachaceiro que assistia

às danças chegou a dizer, em certa hora, que o Zé Saúva rasgou a mesura muito grande à tal moça:

– Faz um arrastado de asa de longe, danado!

A casada teve juízo. Juízo e também seu medo duma canela de veado que o marido trazia sempre de vista, no alpendre da casa: não, que um homem de sangue nos olhos, como dito marido, não é para brincadeiras! Mas o Zé Saúva, que bateu àquela porta e não teve resposta, campeou outras: e afirmou à caiçara-da, essa noite, como contador de grandezas que era:

– Ûa me enjeita, não é? Pois ando agora tropicando em dez e doze, que agôam p'r amor de mim!

Era pura mariquinha, esse dizer entusiasmado: tirante a gentinha da vida, que tanto é deste como daquele, por dever de ofício, ninguém lhe queria, a não ser a Sabiá: aquela era um rochedo de tapiocanga, no solais das vertentes: quebrar, podia quebrar, mas não vergava nem um dedo...

Um velho pretendente, por sinal que rapaz de boa nota e bem apessoado, o Carmo, fazia-lhe discursos puxados à sustância, com cerrada argumentação e não poucos exemplos:

– Você não vê, sa Chiquinha, que o Zé Saúva é um faiscador de carumbé, sojeito sabereta e prosa, que não conhece o preço do trabalho e 'tá disfrutando herança que teve por vias travéssas? E, demais, rúim à conta inteira: pois, a respeito de amor, bamos e venhamos que ele descubre uma barrinha de ouro, e apincha p'r'os ares; topa uma folheta, e juga fora: e faz um cabedal desmasiado na areia bruta que chacoalha no vasilhame, ver uma coisa de muita valia... Você, não comparando, 'tá muitos furos acima da Carócha, que ele traz nas palmas das mãos, como não hai quem não saiba.

A Sabiá, porém, não tirava o sentido daquilo: o povo é mau de natureza, bota a tirana nos mais, haja ou não haja razão, e o Carmo, sempre magoado por uma paixão sem correspondência, de certo o que fazia era plantar verde para colher maduro!

A história da Carócha, valha a verdade, já era corriqueira na freguesia e não se estremava das outras: tratava-se de uma pinhã bonitona, siririca e desmiolada, que pelos belos olhos do Saúva abandonara a casa paterna, escondida num sítio de selamim, quase na extrema do mundo. Para a Sabiá, todavia, aquela era do mesmo padrão das que tentavam sorte com o Saúva – igual à que tinha, nos tempos já sombrios do passado, envolvido os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo nas suas tranças grossas e cheirosas...

O Carmo que se queimasse! Não há de uma criatura de assento, só porque sabe que o dono do seu coração está gozando a mocidade numa folia sem conseqüências, armar um perequê de Deus-nos-acuda, e ficar com o nome chumbeado que nem porteira de estrada-mestra nas vizinhanças da povoação. O que tem de ser traz muita força: se ela havia de casar com o Saúva, como tinha por sem dúvida, não seria uma leviandade dessas, um folguedo à toa, que lhe servisse de estorvo. E apesar de haverem já derivado seis anos sobre o trato, e o Saúva já pouca mostra estar dando de si, não tinha desconfianças, estava sonhando serenamente um lindo sonho de amor.

As notícias, no entanto, pioraram. O Zé Saúva pegara, segundo a voz geral, num rabicho de sola crua. Como foi rondador de casas alheias e fazedor de grongas para as moças que por bem o não queriam, era caneludo em excesso: e tão violentas se lhe apresentavam as crises de ciúme, que o pobre do subdelegado, um homem de voz descansada e quase implorativa nos momentos graves, teve que ameaçá-lo, um dia, de lhe arrumar às costas com o Ano do Nascimento.

Violeiro, que passasse alta noite pelas cercanias da morada do Saúva a pontear algum toque dolorido, sofria desfeita pela certeza; serenata que passasse por ali assim, fora de horas, havia de sair em acelerado: e aos próprios cavaleiros, que apeavam à porta de uma venda próxima, olhava de banda, gungunando de

zanga. Tamanhas tropelias pouco a pouco fizeram que o pessoal capaz se arredasse dele, a ponto de semelhante moço viver dias e dias sem ouvir uma palavra cristã que não fosse da Carócha.

A Chiquinha ia ficando apreensiva. Uma vez (era dia santo) foi à missa e, ao passar por certo beco, viu que o Saúva caminhava a par de ãa morena, e ia de conversa tapada com ela: mal que ele reparou na Chiquinha, subverteu-se, e a morena entrou na igreja sozinha, enviesando, às vezes, maus olhares no rumo da Sabiá. Mais tarde lhe contaram que a tal dona era os pecados do Saúva – a Carócha em pessoa, cheia de partes e muito arrebitada. Se Deus quisesse ouvir, aquele dia, os gemidos de um coração que sofre por demais, na certeza havia de responder alguma coisa que fosse consolo e esforço ao triste coração da Chiquinha Sabiá: e respondeu, que ela, acabada a missa, já nem olhou para o lado da outra, e saiu alegre, como quem entra, dos calores do sol, na frescura de um capoeirão todo perfumado de baunilha.

O que ela pensava, então, é que o Saúva, de envergonhado e arrependido, se descartara da Carócha logo no meio da rua, e que a lembrança do caso o afastaria para sempre daquele precipício. Se tivesse olhado, entre as rezas que rezava, para a sacristia ter-se-iam os seus olhos encontrado com outros, muito ardentes, que se fitavam na Carócha, e desta só fugiam, por um instante, quando os meigos olhos da Chiquinha passeavam distraidamente por aqueles recantos. Confiança e distração de quem vive em loucura de amor!

Entretanto, pouco lhe durou tão doce fé. Andavam muito animadas as novenas da padroeira da freguesia; conquanto fosse a capela bem longe do povoado no cimo do morro entre guarirovas já formadas, a cristandade do lugar galgava as asperzas do morro, todas as tardes, com forte alvoroço, embora a volta quase sempre se fizesse através de uma neblina carregada e intensamente fria. Como o Saúva era atreito a superstições e abusões, não deixava de levar a Corócha a quanta reza havia,

esperançado de colher, por esse meio menos difícil, a misericórdia do céu, contra o qual vivia em contínua guerra. E a Sabiá foi sabedora de que o Saúva e a Carócha não davam ponto naquelas novenas: começou também a ir lá fazer as suas orações...

Houve um dia, no leilão, repentinamente, uma dúvida. Aparecera uma prenda – almofadinha simples, de guardar alfinetes, – e os lanços esquentaram com pouco, feitos pelos dois namorados da que mandara a almofada. O que tinha mais opinião e menos posses, vendo que não podia ir avante, pôs-se a desfazer no rival, por palavras e gestos, enquanto a prenda era entregue solenemente ao outro, no meio de aplausos da rapaziada e música e foguetes. Encrespou-se tanto o mais pobre que, por pisar no dono da almofada, falou a bom som qualquer indireta, como quem conversava com a Carócha, que estava perto. Armou-se, aí, o distranque feio, não entre os dois namorados, mas entre o dizedor da indireta e o Saúva, que achou muito desaforo na prosa e fez cantar a piúva com toda a fúria e toda a vontade.

A Carócha intervinha, assustada e protetora, a chamar e a puxar pelo Saúva: e com tanto afã o fazia, que a Sabiá, de ûa meia-sombra, sentia o peito a arfar, numa agitação tremenda. Boa ocasião para o Carmo, que andava sempre sondando aquele peito e querendo um pouso naquele coração! Vendo tamanha pouca-vergonha, era impossível que a ingrata não visse que o Saúva não queria ninguém mais: que aquele anhanga de saía – a Carócha...

Chegou-se à Chiquinha Sabiá, falou-lhe com alto compungimento:

– E agora, sa Chiquinha?

– Agora (ela gaguejou um tempinho), agora (e pôs-se a tremer os lábios), agora (e desatou a chorar), agora só morrendo!

Um belo dia, sem mais esta nem aquela, pegaram a aparecer pelo rosto do Zeca Estevo umas grossuras, uma vermelhidão, uma pressama que ninguém sabia como explicar. Engrossavam-se-lhe as asas do nariz, iam-se-lhe sumindo os olhos sob a carne tumefeita, que os vencia por todos os lados, recrescente, e as pestanas principaram a fazer-se-lhe ralas, esfiapadas, ao mesmo tempo que a cabeça se despovoava de cabelos e urna quase contínua fraqueza lhe bambeava as pernas, para baixo dos joelhos.

Às primeiras mensagens daquela doença incompreendida, que, aliás, passava por nada na opinião de todos da casa, não se alvoroçou nem se fez diferente o Zeca Estevo, acostumado como estava a tudo quanto é bom e quanto é ruim na terra. Mas, depois, quando se acentuaram os sintomas; quando deram os vizinhos de dizer que “aquela empige vinha braba”; quando notou que os estranhos já o olhavam com desusadas mostras de reparo e quase de asco: foi então que entendeu de cuidar de si, rebuscar “ũa mézinha com qualquer curandeiro ou çurjão dos arredores”.

Lá pelas covancas do Guaçú, numa tapera escangalhada e cheia de mato, assistia o Cabeludo, um prático de fama, que

era a última palavra nestas moléstias desconhecidas. O Zeca Estevo preparou-se com todo o cuidado, mandou arrear a melhor besta de sela que tinha, escolheu o melhor rapaz do sítio para camarada na viagem (porque tinha com quê, o Zeca Estevo) , e riscou chão ûa madrugada, nem bem o galo pipuíra, que lhe morava em frente da janela, acabou de bater as asas e cantar pela terceira vez.

Não se podia ler ainda uma carta, e além de tudo caía uma neblina muito fria, embora fosse tempo de milho verde. Mas em riba dos espigões, que mal se divisavam através daquela cortina opaca, um grande vulto cor de cinza clara se movia já do chão para o céu, ligeiramente, e era a manhã que rompia.

O Zeca Estevo despediu-se da mulher com duas palavras apenas, porque a demora seria pouca e a saudade que levava era muita. O filho mais novo, de cinco anos, que era a menina dos seus olhos, como dizia, ainda teve jeito de lhe pedir um piquira lazão de crina branca, bonito e manso como o do Candinho, o irmão mais velho, que andava pelos oito anos e era pouco menos que um adomador. Ele ouviu o pedido, respondeu que sim, que o piquira havia de vir – como não havia? – e passeou a ferramenta pelo vazio da mula, que se descansotou logo, estrada a fora, violenta e macia no trote de cão.

Lá se foi o Zeca Estevo, alegre e confiado. Houve outros que partiram também confiados e alegres à procura do Cabeludo, mal lembrados do horror que levavam dentro de si, no peito ou no coração, e que não puderam voltar, entretanto, e acharam melhor, de certo, deixarem-se ficar esquecidos e descansados, nalgum recanto do cemitério, em lugarejo sem nome ou sem fama...

Mas o Zeca Estevo não concordava com esse abandono da vida longe dos seus: ou tudo ou nada, falava ainda na véspera da viagem. Ou sararia, e a volta havia de ser uma festa; ou teria

então o desengano, e ainda assim tornaria ao sítio, morto e já desmanchado que fosse!

Não era coisa a que se pudesse chamar bonita, aquela tapera onde assistia o Cabeludo. Ao fundo d'um angola praguejado, em que a unha-de-gato, o cipó-caboclo e a japecanga se entrançavam, caindo dos maricas ou dos ceboleiros, escurentada e escondida por um maracujazeiro de árvore, aparentava o jeito de um gato mourisco assanhado, que se encolheu e vai saltar de súbito à cacunda tremente do xintã. Toda a gente sabia, contudo, que um mundão de romeiros cheios de fé vingava diariamente aquele rincão, em busca do milagroso exp'riente que distribuía a vida e a saúde a troco de uns sacos de mantimento ou de umas poucas cabeças de galinhas ou leitões...

O Zeca Estevo escolheu a ocasião boa: chegou à tapera ao fechar da tarde, quando já ninguém de fora lá estava e os urús gargarejavam seu canto profundo e selvagem nos esgalhos das pindaíbas e dos cedros, ali perto. Salvou logo do terreiro: e como visse que o Cabeludo não se apressava a recebê-lo, entretido a tostar sobre as brasas urna cobra engraxada de manteiga, fez chorar no saco da garupa os dois marrõezinhos mais gordos que criava no chiqueiro e lhe trouxera como presente especial, antes da cura. O Cabeludo, nesse ato, virou-se para ele, vagaroso e solene.

Medo, terror, foram tolices que nada conseguiram do Zeca Estevo, nunca na vida. Mas agora, àquela hora duvidosa do lusco-fusco, naquele ermo, um irreprimível pavor se lhe foi apoderando pouco a pouco do espírito, à medida que o morador da tapera lhe respondia à salvação e lhe perguntava pela saúde, com voz pausada e um tanto rouca, em que havia muito de tempestade longínqua e também de rugir contido e ferocíssimo de tigre. Sentiu curvarem-se-lhe os joelhos, uma corrente de água gelada passar-lhe pela medula, pôrem-se-lhe a pino

todos os fios de cabelo do corpo, e juntamente uma ânsia tão forte, de tal modo sufocadora, que lhe constringia a garganta e lhe fazia correr um suor frio nas palmas das mãos e entre os vãos dos dedos.

Entrou na tapera, apesar de tudo. Contou sua vida ao outro, largamente e acalmava-se à maneira que a narração lhe ia fugindo dos lábios para os ouvidos do curandeiro atento. Fora, sob o maracujazeiro, o camarada assobiava enternecido uma tirana das derradeiras funções. E aquela tirana, casada agora ao chiado monótono de uma cigarra já invisível, foi fazendo que o Zeca Estevo de todo volvesse em si, ganhando outra vez a paz de espírito de sempre, a calma que em todos os casos lhe servira de máxima fortuna.

O Cabeludo, porém, tirara com a mão esquerda o lampião de azeite, de um mancebo ao meio da casa, e com a direita lhe examinava suavemente as faces, que se arrepanhavam grossas por sobre os zigomas, donde pareciam debruçar-se para as maxilas como bambinelas rubras e extravagantes. Indagou-lhe dos pais e dos avós: se nunca tinham tido mal de gálico, se nem uma mulher na família quebrara resguardo de parto, por onde lhe tivesse vindo a doença triste que faz a mão ficar de vaca e perder as unhas. E o Zeca Estevo, escutando semelhantes interrogações, para ele desnecessárias e estúpidas, entrou de novo a possuir-se de um enorme susto pânico, entremetido de raiva e de fúrias, durante as quais deixava de esganar o feiticeiro (parecia-lh'o naquele instante), só porque acreditava bem na certeza do tratamento.

Houve uma pausa embaraçosa e embaraçadora nas palavras do velho: foi a um canto da casa, ao pé do jirau em que dormia, puxou uma gamela, pôs-se a lavar as mãos com uma orelha de timburí, e já voltava para o Zeca Estevo, num passo ondulado e mole, quando este quis saber o nome da doença:

– Antão, meu patrão velho, o que é que eu tenho?

O Cabeludo olhou-o de frente, com os olhos parados e inexpressivos:

– O mal.

– O mal? Vancê ‘tá caçoando!

– Caçoando ‘tá você, menino! Pois então você, quando veio aqui, não sabia já que ‘tava camunhengue? E olhe que é jarerê dos graúdos, é dos brabos! Tome conta disso, antes que ele tome conta de você!

O Zeca Estevo tinha o gênio desabrido: vieram-lhe repentes de sacar o punhal e sangrar no mesmo instante aquele bruxo desgraçado. Mas conteve-se:

– E o que é que eu bebo p’ra sarar?

– Não beba remédio, que p’ra isso não tem remédio, não hai mezinha. Coma carne de capivara sem sal, por todo feitio, e a da onça, que ‘tá são. Mas largue do sal, si quer mesmo ficar como dante’!

Anoitecera de todo. Um fantasma apavorante caminhava entre as nuvens, serenamente, e no andar cadenciado e como que fraco imitava o do curandeiro, que, entretanto, mudo e sombrio, se agachara encostado ao fogão, onde recomeçava a tostar a cobra apetecida. O Zeca Estevo olhou-o, olhou depois aquilo que caminhava terrível entre as núvens: sentiu-se aniquilado, transido de verdadeiro medo, e ia gritar pelo camarada, quando as nuvens se abriram, enchendo o arruinado casebre de uma claridade azulega de lata nova, e reparou que aquele fantasma era a lua cheia, com seu São Jorge muito entusiasmado ao alto e algumas tênues fumaças brancas a enrolarem-na como numa túnica.

Desamarrou os sacos trazidos, pô-los à porta da tapera, e montou a cavalo:

– Temo’ lua boa, seo Chico: de madrugada ‘tamos em casa: bamos embora!

Houve um forte e rápido rumor na estrada; se não fosse tão rápido e tão forte, poder-se-iam ouvir os gemidos do Zeca Estevo, homem que nunca tinha chorado na vida, de serra abaixo p'ra cá, tal qual se diz na moda velha.

Não era tão tarde assim, que o Zeca Estevo não tivesse lado de torcer um pouco da estrada e procurar o sítio dum conhecido antigo, um criador em cujo potreiro vira ao passar, com sol alto ainda, um poldro lazão de crina branca e palmatória, bonito e manso como o do Candinho, e bem ao modo do que lhe fora pedido pelo José, a menina de seus olhos, a quem não podia negar esta alegria tão fácil. E foi preciso mandar campear o petiço, àquela hora velha e pelo cultivado úmido de orvalheira, porque o José lhe estava a aparecer diante, todo risonho e satisfeito ao ver que a promessa fôra cumprida.

Depois, quando se fez novamente ao caminho, entre um e outro vôo de pássaros noturnos, que lhe causavam singulares vibrações de nervos, e ao pensar naquela criança pequenina e querida para quem levava o cavalinho adestro, uma inefável piedade de si mesmo quase o fez soluçar e carpir-se: via-se repudiado de todos, porque o negro mal de Lázaro iria de mal a pior, não o duvidava, e o José lhe seria companheiro de sempre, apesar do imenso infortúnio, porque tinha uma alma afetuosa e cheia de bondade. E a mulher, Sa Januária, que fora o anjo da guarda de sua mocidade turbulenta e rixosa, ia-se-lhe apresentando à memória vagamente, aureolada de uma luz admirável, como as santas das oleografias.

A marcha troteada da mula soava pela estrada clara, num ritmo acelerado e uniforme. E era tão sagaz, tão esperta, tão valente, que mal o sol apontava da multidão de montanhas distantes, quando o Zeca Estevo abriu a porteira do pátio, onde a criação renhia pelo milho atirado de pouco. Sa Januária surgiu espantada da varanda, trouxe logo o café com rapadura, e não chegou

a perguntar-lhe a razão da volta tão apressada e o que dissera o Cabeludo, porque logo o Zeca Estevo lhe foi contando:

– O home lá me disse que ‘tou sofrendo do mal.

Mas sa Januária também não quis acreditar:

– Não é capaz, isso é poaiage sua!

– Verdade, mulher: o diabo inté me receitou capivara e onça.

Sa Januária duvidava sempre: olhou-o, remirou-o com todo o sossego, convencida de que tudo aquilo não passava de uma cuca que o Cabeludo lhe botara no marido, para ganhar molhadura melhor. E o Zeca Estevo, banzativo, escorara-se a um catre desmantelado, donde olhava para a mulher com ares muito alheios e remotos; por fim, como já pelos vãos das telhas coasse no chão a claridade crua do sol, disse a modo de distraído, como quem não quer:

– Só si ele cuida que é por causa deste inchaço que eu tenho há tantos dias nas orelhas.

Foi como se todo o mundo viesse abaixo! Ela reparou-lhe então nas orelhas, que se haviam tornado intensamente escarlates, como queimadas de sol, empipocadas e grossas, pendentes para as faces num reviramento assustador dos bordos. Sa Januária teve um arrepio de terror e um estremecimento fundo de compaixão: mas conteve-se logo, desviando a conversa com pedir ao Zeca Estevo a ajudasse em passar pelo pescoço de uns franguinhos pipuiruçús uma pena de galinha, por livrá-los da pigarra.

Vieram d’aí por diante os dias negros da tristeza e da desconfiança. O Zeca mandava a lugares longes, por mantas de capivara e carne fresca de pintada, tomava chá de raiz de inhame, todos os dias, fugia do sol, corria da chuva e do sereno, mas cada vez piorava mais. Deram de retirar-se os vizinhos; apenas algum mais corajudo ainda aparecia, de quando em quando, a bater ûa mão de truque ou pontear uns toques novos na viola paranista.

E por mal de pecados chegara o tempo das águas, com uma ventania nunca vista e um poder de tempestade todo santo dia.

Agora, com um bandão de desculpas aumentativamente apertadas, sa Januária mudara de cama, dormindo com o José num quarto pegado ao do Zeca Estevo, donde, noites inteiras, o ouvia roncar e queixar-se de mil apoquentações e outras tantas dores. Fizera-se ele irritadiço e mau de gênio, esbordoava os pevinhas à toa, botava chumbo nos leitõezinhos tatús mais estimados que se aventuravam até a varanda. Um dia que mata-ra a um de brinco, e sa Januária lh'o censurava entristecida, ele respondeu rindo num riso rasgado e amargo:

– Ora, eu também tenho brinco, e si eu morrer ninguém não sente!

Ao ver que todos, pouco a pouco, o iam abandonando ou, quando nada, deixando, também um poderoso desejo de absoluta solidão o tomava, mesclado de raiva dos homens e desamor aos seus. Chegou a dizer a sa Januária, quando ela lhe explicava, certo dia, por palavras travéssas, o motivo da separação:

– Eu aqui já não valo nada, todos me largam ao Deus-dará, como si eu fosse um trapo velho. Há de chegar tempo de eu romper sem rumo por esse desespero de mundo! Você verá!

E voltava-lhe um calor da valentia da mocidade:

– Hei de sair, indas que seja pedindo esmola de casa em casa, p'r essas barrocas e serras. Quem não me der esmola eu quebro de manguara, porque ninguém não tem corage de me ponhar a mão, e o chumbo em mim já não pega. Cama, eu faço em qualquer fundo de mato, em qualquer beirada de córgo, indas que a força das inxorradas me carregue c'o escuro da noite!

A chuva estiara de todo, certa manhã de Dezembro. O Zeca Estevo mandou que o Candinho lhe encilhasse a besta picaça quatrólha, ûa mula velhaca e arengueira, para dar uma volta pelos arredores. Disseram-lhe que, doente assim, não devia montar naquele inferno de mula: foi tempo perdido, quis porque

quis, e fez o que resolvera. Antes, porém, de montar a cavalo, chamou o José, com todo o carinho:

– Venha cá, meu filho, quero-lhe dizer uma coisa.

O José refugava-o desajeitadamente, com os olhos baixos de respeito e de medo. Não se lhe chegou para ao pé.

– Pois então inté você, meu filho, ‘tá-me pondo de banda?

O José custou a responder, mas por último falou numa voz sumida e trêmula:

– Diz que vancê ‘tá macotena, nho pai.

– Era isso mesmo que eu esperava. Ai! meu São Dom Jesus do Pirapora, já não tenho mais ninguém por mim neste mundo! Fique p’ra lá p’r’o seu canto, José, que eu já não lhe digo mais nada, não tenha susto.

Montou a cavalo.

– Agora falta só as purungas e a baciinha, p’ra mim cumprir o meu fadário!

Sa Januária chamava-o, chorando desesperada. E ele perguntou-lhe de repente:

– Eu volto, sim, eu volto: você quer que eu deite na sua cama? Ah! não quer, pois então? O mundo é mesmo ansim!

Recomeçara a chover miudamente, o sol passava frouxo e sem quentura pelas cordinhas d’água, quando o Zeca Estevo bateu o tala nas ancas da mula e disse com voz em que havia uma tristeza infinita e um desespero inenarrável:

– Adeus, então, meu povo dalgum tempo!

Voltou a ventania, primeiro quase mansa, depois furiosa e uivante. E enquanto ele se sumia na reviravolta do caminho, a chuva engrossava, pouco a pouco, até se fazer outra vez um poder de tempestade.

– ...Ai! meu São Bom Jesus do Pirapora!

Um gurundí pegara a chiar, muito aflito, no meio do cambuízal: e perto dele, em gritaria alvoroçada, enrufando as penas, iam pelo ar os bem-te-vis, as cabeçudas e as sapucaias. Chegou a aparecer no tumulto, curiosa e assustada, ùa meia-pataca: mas, pousando em galho vizinho ao em que estava o gurundí, tomou-se logo de tamanho terror, que abriu o vôo, desmanchado e cor de havana, entre os ramos povoados de frutinhas vermelhas.

O reboliço, a quando e quando, serenava; mal se viam destacar de uma copa de árvore, em arrancada para o céu, pontas de asas trêmulas, que logo sumiam no embastido das folhas: e dois carapinhés, que andavam a circular lá em cima, renteando o mistério alvo das nuvens, não sofriam perseguições nem atenazamentos, e a sua voz estrugia vitoriosa por sobre a terra abrasada de sol.

Mas com pouco voltava o barulho, para com pouco recrudescer. O que fez que o velho Albino pusesse o chapéu na cabeça, aconchegasse do alto do nariz, para a esquerda, o tapa-olho de baeta azul, não se esquecesse da fulminante, e botasse o pé na capoeira:

– Quer ver só o desaforo? Pois há de ser argûa cipó que ‘tá aceirando o pobre do pass’o! Isto é que me enjeriza!

Como o tempo-quente ainda era longe, puxou pelo saca-trapo, tirou a carga velha do cano, deu ao ouvido uma escorva fresca, apertou-a com o dedo grande, ao depois com o gatilho, bateu com a palma da mão junto aos fechos, tendo a espingarda erguida, e esfoguetou-a: brotou da boca uma fumaceira suja, que foi embrandecendo e clareando, à maneira que subia, até se perder de todo, como um desejo – ou como uma saudade...

O Albino mal teve tempo de olhar para aquilo: fervia outra vez o guaiú no cambuízal. Carregou a espingarda, socando forte a pólvora e pondo, em cima da bucha de palha bem seca, um punhado de mostarda:

– Não hai nada que mais me doa no coiração do que ver o diabo duma cobra perseguindo a cantiga dos passarinhos! Inda si a coisa fosse c’as jimbúias ou c’as pererecas, vá: que bicho à toa e rúim, ver o sapo, eu não conheço, a não ser a própria cobra: mas porém c’um bicho bonitinho, que ‘tá dobrando sentado na arve, sem não fazer dano de espécie argûa! Não tem jeito, isso não tem altura!

O sol batia-lhe de chapa na testa, e o suor principiava a apontar:

– E depois as marvadas escolhem mesmo esta hora quente, que os coitados ‘tão tudo c’o timbó do calor, e vão chamando os coitados p’r’o papo sem cerimônia e quaji sem trabalho!

Sentia ao pé das orelhas, de tão próximo que estava, o rasgar de cada vôo dos amedrontados; e era tão angustiado o piar e o vaivém que ouvia e via, enchendo a estância de rumores trágicos, que o próprio coração começou a tremer-lhe e a palpitar. Viu então a fêmea de gurundí, cor de rapé, entre as ramas verdes, a agitar as asas, a empantufar as penas do corpo, enrouquecida de todo, a descer e a subir, sempre descendo mais, pulando de uma forquilha a outra, atormentada.

Como atirava às canhas, levou a espingarda ao ombro esquerdo e procurava o ponto: era difícil, porque só via de um lado, mas dava sempre certo. A cobra-cipó, dissimulada no tronco do cambuí, tinha a cabeça a emergir de uma carreira de frutas, e olhava e esperava; mas o Albino, que já a trazia quase encoberta pela mira, procurava com vagar o gatilho, que era doce, quando percebeu novo rumor para diante:

– C’os dianhos! Si eu bato chumbo naquela excomungada, e pego gente? A mó’ que tem gente por aí algure’!

Encantou-se entre dois arbustos unidos, agachou-se, e observou: e só então pôde ver, cuidadosamente escondidos por uma laceira de cipó-suma, dois namorados que se beijavam:

– Ora pois! Aqueles uns não se importam c’ a sorte da gurundí que ‘tá morre-não-morre! P’ra eles, agora, tanto faz que a água corra p’ra baixo como p’ra cima! Também... também...

Ficou por um momento distraído, olhando para o céu, para as nuvens, para nada:

– Também aquilo é que é o verdadeiro! Ter pena é só de quem a gente quer bem...

Mas a cobra-cipó fazia dançar a cabeça cubiçosa:

– Não deixo, isso eu não deixo! Os outros dois inda ‘tão na fror da idade, ‘tão-se acorando, de certo inda virão a ter seu canto e suas famílias: mas a desinfeliz da gurundí é que já tem redada, que ‘tá esperando por ela, e ‘tá mesmo!

Mansamente, pé ante pé, acercou-se do cambuí, enfiou a fulminante pela ramagem e cutucou a cipó, fazendo-a sumir de repente: o gurundí, cansado e entregue, ficou então estatelado entre dois galhos, às vezes com arrepios pelo corpo, até nova coragem. A coragem custou a vir, mas veio tão rija, que o gurundí tomou um vôo em linha reta, muito ligeiro, desaparecendo como por encanto.

O Albino voltou sossegadamente, sem fazer a mínima bulha:

– ‘tá bom! A mardita viveu, mas contanto que eu não estro-
vei aqueles dois filhinhos de Deus! O que não havéra de ser de
mim, que sofri tanto no mundo, si desde o princípio da vida eu
achasse que tudo não presta, que tudo tem amargo, que tudo
tem veneno? É perciso que ‘o menos um tempinho a gente prove
sem desgosto o açúcar da vida!

Chegou a casa, e da porta investigou toda a capoeira. Havia
agora completo silêncio pelos arvoredos, e o sol fôra velado por
instantes.

O Albino teve rebates de saudade, reparando na verdura
imóvel dos arvoredos, e disse como quem se desabafa, com os
olhos comovidos:

– Eu também já tive o meu dia, e dia grande!

Atirou a espingarda para o jirau, amassou o chapéu na cabe-
ça, estalou papilotes com os dedos numa folha da janela:

– Um dia grande!

Mas os dois namorados não lhe saíam do sentido. Voltou-se
para donde viera, e falou encantado e feliz, como se falasse de
si mesmo:

– Foi lá bem no meio do cambuízal...

A moça, afinal, não havia de ficar parada em casa; não tinha de aturar, a vida inteira, o peso de toda a viração do serviço, que nem uma negra mina: precisava de casar. É verdade que o Pintassilvo a andava rodeando, história velha e comprida, história da carochinha! Mas o tempo vai correndo, fazendo estrago em tudo: quanto mais na gente! A moça precisava de casar, o Pintassilvo que desse o seu recado ou, então, que desocupasse o beco.

Não era à toa que uma tia já dissera, fazendo muxoxo:

– Não ponham muita fé naquele prosinha! Aquilo ‘tá mas é tocando viola sem corda e piscando o nariz p’r’as famílias dos outros, sem jeito nem maneiras de fazer subir fumaça por sua conta!

A Joaquina Peneireira, que sempre pensou pela cabeça dos mais, ouvindo falar a irmã, ficou logo contra o peão da Guariba e disse poucas mas cabeludas palavras à filha:

– Inté agora, Vicença, eu não lhe disse esta boca é minha a respeito dos seus arranjos. Agora chegou a ‘casião: não quero mais saber de piscos nem de risadinhas c’o Pintassilvo. Ele, si tem peito p’ra dar um corte de vestido p’r’a mulher, que venha;

si não, que vá campear namoro lá p'r a Guariba, e crie raiz por lá. Moça solteira, a bem dizer, é vidro que qualquer batido quebra.

A boca da Vicença, que era próprio um juá dos miúdos, de vermelha, embranqueceu e deu de tremer; os olhos, que pareciam duas piúnas maduras, sumiram num rio de lágrimas: e toda ela se sentiu, naquele instante, balancear afligida, tal e qual um ramo novo de guapeva, quando sopra vento de chuva...

Não respondeu coisa com coisa: encafou-se no quarto, contou suas misérias a Nossa Senhora das Dores, e chorou sozinha, desamparada, porque Nossa Senhora não lhe quis fazer, de repente, o milagre de a levar deste mundo. Cerrou-se a tarde, caiu a noite e o caboclinho peão foi sabedor do derradeiro decreto da Peneireira.

Saiu para o pátio, olhou o céu azul-claro, onde dançavam estrelas, e deixou-se estar encostado à caiçara, cheio de pensamentos e de desventura:

– Mas, Senhor Deus poderoso, por que é que essa gente não pode esperar que eu repasse os poldros, p'r'o ano que entra, e 'range meus trens com sossego? Uns par' de meses mais!

As estrelas é que não podiam responder-lhe: continuaram dourando e encantando o veludo azul-claro do céu...

Se o Pintassilvo adivinhasse que a alma de tudo aquilo era a tal coróca da tia, seria capaz de mandar-lhe aprontar uma gronça das tiranas – e tudo, com certeza, não passaria d'aí. Mas não adivinhou, por mais que pombeasse os arredores da casa: e um belo dia teve notícia que um dono de carro e de oito juntas andava sendo chefe por lá.

O carreiro levava uma carregação de sal para o Tibagi; mas ficou tão enlevado na Vicença (agora, que ela era linda, isso era!), ficou tão enlevado, que por um triz não se lhe derreteu

o sal com os aguaceiros de maio, caídos sem mais tirtre nem guarte, nem licença dos que andam apaixonados. Estava quase aguando, o pobre! com sal e tudo, a boiada engordando na grama larga, e o tempo dando trinta dias por mês: até que enfim, ganhando coragem, pediu a moça, numa janta, em cima da última colher de cocada preta e antes da tigela de café.

Ajustado o casamento, assim a dois arrancos, a Joaquina Peneireira andou batendo caixa:

– Arre! Louvado Deus que ‘tou mais descansada! Não, que isso da raça da gente ir parar nas mãos de um pamonha, ou de um matinada, é triste! Louvado Deus, o genro vai ser um homem de sangue, e tem um carro de truz e uma nação de boiada cuiabana, que dá na vista!

Não quis Deus ser louvado assim: um cuiabano era varador, saiu para o mundo: e como, para sair, tivesse apartado os ranchões de uma cerca, vararam também os outros, alongaram-se e ervaram: ervaram e morreram.

Quando chegou aos ouvidos do Pintassilvo o zum-zum do caso, era um dia a boiada. E ele riu, muito satisfeito, pois não havia de rir?:

– Que punhadão bonito! Dezesseis duma vezada! E tudo pegou erva?

Já estava no pátio e, como certa noite, olhou para o céu. Mas era dia, e o céu estava quasi branco, sem nuvens nem passarinhos: se um desgraçado precisa de piedade, ele parece que zomba do desgraçado; se alguém está alegre, e se volta para ele, com o rosto em festas, ele não mostra alegria nem tristeza, e fica mudo e frio.

Foi o que pensou o Pintassilvo: coisas que pensam os namorados, mas que nem sempre valem!

O Pintassilvo era cumpridor de juramento e promessa. Jurou que havia de conversar com a ingrata da Peneireira antes de

voltar para a Guariba (pois que faria ali, casada a Vicença?), e rematara assim o juramento:

– Não quero chamar Francisco do Santo, si eu não ver aquela minha cadorna, uma última vez!

O carreiro vivia murcho, fazendo negócios de trama, sem rompante nem um: era um caicaco sossegado... Estava fora, reparando nalgum baguá solto ou em qualquer socado da era dos afonsinhos, no momento que o Pintassilvo apareceu, montado numa baia calçada das mãos, muito esquipadeira, e arreada com um lombilho de não-me-toques.

Chegando à porta da casa, o Pintassilvo pôs a mão no chapéu branco: (a mula fez um remanisco); de dentro não veio ninguém, e ele salvou firme e forte, como se a sala estivesse cheia; (a mula buliu as orelhas): e só então, vergonhosa e apressadinha, a Vicença apontou na varanda (e a mula riscou o chão com a pata da mão direita).

– Devéra, seu Chiquinho, é vancê mesmo?

Ele ficou deslumbrado:

– Eu mesmo, fror!

Por então nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Logo depois, entretanto, conversaram de Deus e de todo o mundo, porque a Peneireira estava na fonte e o homem do carro e das oito juntas por aí além.

A mula era gorda, e o amor, que eles tinham, muito grande ainda: é fácil combinar muita coisa, até um casamento no Ourinho, quando tudo o mais é fácil...

Rompia, pela estrada, o rumor desabalado da ferragem da baia:

– Não foi à toa que eu jurei, minha cadorna, que haverá de ir na sua casa p'r a última vez!

Era dia de função em casa de sinh'Ana Cabriuvana. Dia e noite. Toda a rapaziada solteira de Santa Clara andava num ti-pití, para se aprontar: que era preciso uma arrumação em regra para festar com a ventena mais entusiasmada do bairro e do município.

Desde pela madrugada começou a chover povo. Cada qual, assim que vizinhava com a porteira (um luxo! uma graça!), fazia o cavalo virar nos pés e encambitar. E sinh'Ana Cabriuvana vinha até a porta da sala, muito risonha, esperar aquele convidado, perguntando-lhe se estava disposto às deveras.

A hora do almoço já não cabia ninguém lá dentro. Como havia um pau de gorucaia junto da porta, e um banco macóta à sombra, os que chegavam por derradeiro não tinham remédio senão campear espaço por ali mesmo, que na sala, na varanda e na cozinha não se via mais. A função prometia ser coisa mais que muito boa.

Mas que diabo era isso? Não aparecia casal nem um, era só a moçada? Pois para um divertimento desta ordem não deviam guardar certas reservas! Não há dúvida que sinh'Ana Cabriuvana, pelo jeito do seu proceder, andava bem arredada do

caminho do céu: não há dúvida. Era também certo, porém, que a Nicota, que ia casar aquele dia, a pobre d'ua moça tão séria, não tinha culpa dos pecados da mãe! O noivo, o Alfredo ali dos Pires, um rapaz considerado como quê, já era o suficiente para animar as famílias a virem ao casamento. Bem se notava, uma hora por outra, que a Nicota não ria a gosto, e sim constrangida. Constrangida e triste, que tinha razão de sobra; quem será capaz de adivinhar o que se passa no coração d'ua moça de peso, vendo o refugio que as famílias fazem dela?

Caiu a noite, afinal, e o povaréu que havia, a bem dizer, não subia de gente miúda. A sinh'Ana afastou-se de todos e foi ficar só consigo, uma temporada, no alpendre perto da cozinha, donde se via, até muito longe, a estrada larga e vermelha. Apareceu uma lua turva e fria, de pouca vontade, que mal esclarecia as encruzilhadas e a casaria das arranhações: e aquele frio da lua (a sinh'Ana era capaz de jurá-lo) trespassava-lhe o coração pouco a pouco.

Quando o dono da casa não está de feição muito alegre, já a festa descai seu tanto ou quanto: isto é certo e recerto. A sinh'Ana fez por desamagoar-se, fingiu que não via nada que lhe doesse, apresentou-se entre os convidados, dizendo mais um isto, mais um aquilo, a uns e outros. E assim que chegou a hora de trazer as candeias, porque o guaiú das crianças já era danado por via do escuro, veio a dúvida sobre qual havia de ser a dança da sala maior: p'ra dançar baile (disse a noiva) a sala não tinha proporção, que o pessoal era muito; p'ra quebrar o fandango (foi o folgazão macoteiro que o afirmou) as táboas eram tenrinhas e, com uma companheirada sacudida como a do bairro, o assoalho corria risco; samba é dança de pátio e de poeira (isto nem foi palavra, foi um ronco do Anastácio, tocador de caixa); e então?

Enquanto não se resolvia nada melhor, juntou-se a rapaziada e o mulherio numa roda de recortado. Chamou-se o noivo, mais que se pôde, e nada do noivo responder: d'aí a instantes o

Benedito, um cabrochão que andava de ponta com ele, desde meses atrás, porque os dois queriam a mesma Nicota, e a Nicota tinha só um sim, veio para a sala fazendo uma galhofa onça com dizer que o Alfredo quebrara a munheca em demasia, e estava curtindo seu sono pesado em cima duns pelegos, na varanda. A Nicota não acreditou, foi ver com seus próprios olhos: mas a sinh'Ana, que voltava da varanda naquela horinha, sentiu um tremido nos olhos e uma travação na língua, e falou malcontente:

– Nho Benedito, vancê não devia de fazer tamanho escarcéu c'uma coisa de tão pouco porte! O Alfredo não é home' de virar, como vancê de certo cuida! É por isso mesmo que estranhou a queimada: não há do que admirar.

O Benedito, porém, estava estomagado, e fez uma réplica de quem nunca pôs uma gravata no pescoço:

– Pois olhe, sinh'Ana: quem não pode c'o tempo não inventa moda!

Formou-se a roda. Como o povo era muito, entraram dois violeiros, e as donas ficaram entre os cavalheiros, intervezadas. O dono da primeira viola cantou o primeiro verso, fronteando com a primeira dona; a dona respondeu, em voz macia e terna, acabou de cantar, fez o trançado da dança, passou para trás do tocador. O outro violeiro fez a mesma coisa, outra dona botou logo outro verso, trançou jeitosa e remanisca, descansou do outro lado. E assim caminhavam os dançadores para uma banda só, depois de cada verso de encantar.

Houve um caipira do Tatuí, sujeito barbudão e zangado, que teve este pedaço derretido, como se fosse um mocinho cheio de maçadas:

Meu amor é pequenino,
do tamanho dum botão;
de noite eu trago nos braços,
de dia no coiração.

Uma paranista endiabrada, que não mandava dizer o que queria, e tinha carta branca nos divertimentos daqueles cafundós, pregou-lhe no mesmo repente:

Recortado, recortado,
como a folha da mamona;
verso que vancê cantou
eu carrego na patrona.

Foi uma risada geral. O tatuiano embezerrou-se, mas não abriu a boca. Um parceiro de cabelos compridos e lenço vermelho amarrado no pescoço, não teve mais sabedoria do que isto:

Recortado, recortado,
que veio de lá de Brota;
tomara que pegue fogo
no balão de Maricota!

A china mais galante do Matão, que estava de sumbaré declarado com um domador das vizinhanças, cantou de voz correntia como o lagrimal duma biboca no lançante:

Muita gente me arrepara
nesta minha ferrosura;
é que nem arroz com couve
temperado sem gordura.

Chegou a vez do Benedito. O Benedito parece que andou dias e dias preparando versos doídos para as modas do catira, versos que só serviam para judiar da sinh'Ana e da filha, ûa maneira de amante tocado que toma desforra da pior espécie. Saiu-se com um que fez muita gente prendê-lo, passou.

O violeiro não teve mão em si, ficou atrapalhado, disse que a viola destemperara, a mulher que tinha de tornar outro verso não teve mente para toada nem para palavras, foi uma viração desesperada.

Houve então quem aconselhasse os versos do Vandílio, um formado que viera de Casa Branca, moço destorcido nos pagodes do sertão, que inventava de cabeça umas trovas muito doloridas. Principiaram a cantar os versos do tal moço, e foi o violeiro quem abriu o caminho:

O nambú piou no mato,
a jurutí respondeu;
não hai ninguém neste mundo
que seja triste como eu.

Uma descascadinha dos olhos grandes segundou o violeiro:

A dona do meu amor
mora no rio p'ra lá:
tem a boca mais vermelha
que o peito do surucuí.

O Geninho, que queria muito bem ao Vandílio e tinha um talento de peito como ninguém, foi o terceiro:

Você já me olhou de banda,
não me negue, que eu bem vi:
de você me olhar de banda
meu corpo ficou jicuí.

Uma dona já meio usada, muito alegre, falou que também queria cantar, ainda que um pouco fora de tempo e do tom, um verso do homem da Casa Branca:

A piúna é fruta boa,
mas tem seu gostinho ité:
parece moça soberba,
que ri, mas que não dá fé.

O Benedito não esperou a vez, soltou outra disparidade, dizendo, por fim, na trova, que o que é de raça caça. Não houve quem não reprovasse aquela tianha, aquela vontade louca de estrangular a festa e encher de fel o coração da sinh'Ana Cabriuvana e escurecer, talvez por toda a vida, a alma limpa da Nicota. A sinh'Ana, que não saíra da sala, pôs ûa mão no peito, como quem sente uma dor: e o Manoel Eugênio, seu tafulo antigo, que guardara sempre por ela uma ânsia muito aguda, quebrou a tristeza do caso:

– Pois si é p'ra cantar agora só os versos do rapaz vindouro, que despotismo é este? Seo Benedito a mó' que pensa que 'tá numa sanzala, mas 'tá muito enganado! Aqui só se vê gente direita, que p'r amor de uma táboa não arma barulho, nem merece mesmo táboa. Eu vou pegar outra vez nos versos do moço vindouro:

Vivo longe dos meus pagos,
ando no mundo sozinho:
'tou que nem o guaturama
pinchado fora do ninho.

Mas o Benedito estava palpitoso de desfeita e de briga, botou outro verso malcriado, sem lhe chegar a vez do canto. Falou, por outros dizeres, que a Nicota havia de levar o mesmo rumo da sinh'Ana. A sala toda ficou pasmada. A sinh'Ana pôs a mão na cabeça, num desatino:

– Poderoso Deus, não haverá um, cristão que tira d'aqui este endemoniado? Não haverá uma alma piadosa que me livre deste roxo do inferno?

A sala toda estava pasmada. E a sinh'Ana voltou a queixar-se com a voz meio entalada na garganta:

– Não hai hoje nesta casa ninguém que tenha misericórdia da pobre dũa mãe atribulada?

Foi o Manoel Eugênio o único que lhe respondeu:

– Hai, sinh'Ana, e sou eu. Você quer que eu pise na alma deste mulatão pachóla?

A sinh'Ana ficou quieta. E o Manoel Eugênio fez-lhe então outras perguntas:

– Quer que eu tire d'aqui o home'? Quer que ele sáia, sinh'Ana?

– Quero.

– Quer mesmo, de devéra?

– Quero mesmo. É uma obra de caridade que você me faz.

– Lá vai sair.

E o tiro duma garruchinha mocha urrou na sala, já então quase escura: o Benedito abriu os braços e estendeu as mãos, como quem se ampara nalguma coisa, para não cair, mas tombou crivado de chumbo, entre dois rugidos temerosos, sacudindo-se, estrebuchando. O Manoel Eugênio, que estava numa tiaporanga onça, espertou seu pouco, assustou-se, porém teve ainda uma roncaria de avalentado.

– Ué, seo prosa! Antão dez meões e dois paula sousas abastam p'ra acabar assim c'o gás d'um mestiço?

A escolta bateu na Santa Clara quando a barra do dia estava amarelando. Em casa da sinh'Ana havia muito povo ainda, e tinham posto o Benedito num jirau perto da cozinha, coberto com um lençol comprido, da cabeça aos pés. O Manoel Eugênio acordara da pinga, e não sabia dizer nada, azaranzado e confuso. Foi a sinh'Ana quem saiu à porta, para receber o oficial de justiça, que lhe intimou a prisão e ao Manoel Eugênio. Ela ficou bamba de medo, porém falou ainda, em voz enfraquecida:

– Mas eu sou inocente, seo meirinho!

O oficial de justiça não queria saber de nada, cumpria as ordens do delegado, havia de levar presos aqueles dois. E seguiram presos os dois, realmente, d'aí a pouco, porque o Manoel Eugênio dissera, com grande resolução, que um homem de bem não faz resistência às autoridades, e ùa mulher de pensamento deve de proceder do mesmo jeito.

Abriu-se inquérito, juraram nove testemunhas. Nem uma culpava a sinh'Ana e todas eram de vista; afirmavam que ela não mandara fazer o crime, somente pedira a tirada do Benedito, e o Manoel Eugênio, bebido em demasia, entendera que o rogo era para afastar o outro, fosse lá de que maneira; disseram que o Manoel Eugênio vivera com a sinh'Ana uns anos, em tempos atrás: e que o matado quis muito casar com a Nicota, foi repellido, e era sujeito amigo de rixas e brigador.

Foram os autos ao juiz de direito, o promotor deu uma denúncia tirana contra os dois presos, onde sim reconhecia alguma explicação para o Manoel Eugênio, que cometera o delito embriagado a ponto de talvez não conhecer bem o ato que praticava: e fazendo carga louca à sinh'Ana, que não tinha justificação do que determinara em seu perfeito juízo.

Principiou o processo por esse mau princípio. Voltaram as testemunhas, mas agora foi só o depoimento de sete, que repetiram o que já tinham contado no inquérito. O juiz fazia algumas perguntas em bem da sinh'Ana e do outro, abandonados ali sem práctico ou advogado que lhes valesse naquele aperto: e os que assistiram ao processo ficavam admirados de semelhantes perguntas.

Acabaram de jurar as testemunhas, o juiz deu de interrogar os réus. Quando acabou o interrogatório da sinh'Ana, ela quis puxar por seus direitos, dizer como as coisas passaram, preparar a defesa, como lhe tinham dado de conselho. Mas o juiz cortou-lhe a fala:

— A senhora não pode dizer mais nada. Se quiser, chame um advogado para fazer a sua defesa no sumário, dentro de três

dias, que é o prazo da lei, como a senhora pediu. É só o que o juiz lhe pode conceder.

A sinh'Ana bem quis lembrar-se, mas não se lembrou de ter pedido nada. Sentiu-se entontecida, tomada de um terror que nem sabia d'onde vinha: pois um advogado então seria capaz de contar o caso como o caso aconteceu, quando não esteve na festa? Pois o triste d'um preso ouve a denúncia do promotor, carregada a mais não poder, vê chegar uma por uma as testemunhas, jurar uma por uma, apenas pode fazer esta e aquela pergunta, e depois não tem licença de combinar o que as testemunhas disseram, explicando tudo? É preciso escrever nos autos, chamar, por cima de tudo, um advogado às carreiras, para fazer de certo um serviço às carreiras também? Tremeu no banquinho em que estava, calou-se.

Quando chegou o dia do jurado, que não tardou muito, tratou de se vestir um pouco melhor, mandou comprar um chale vermelho-claro, penteou o cabelo de bró, pôs nas orelhas uns brincos de ouro velho, calçou sapatos de cordovão com meias cor de rosa. E o promotor, que falava fazendo visagens de todo tamanho, ainda achou que aquilo era muito ruim, que ré de tal categoria tinha obrigação de aparecer humilde e de cabeça baixa, e não enfeitada e com arrogâncias. A sinh'Ana tremeu outra vez no banquinho, tremeu muito mais, e percebeu a quentura de duas lágrimas que lhe rompiam dos olhos. A acusação não disse quase nada contra o Manoel Eugênio, arrematou com palavras das Santas Escrituras, invocações de Deus, pedidos de justiça aos doze homens que estavam em roda da mesa grande, cansados e aborrecidos.

O doutor que a sinh'Ana justara para a defesa entrou contando as miudezas de d'antes, a vontade que o Benedito teve de casar com a Nicota; o que era dito malvado; como foi que se aceitou o Alfredo dos Pires, um rapaz trabucador da vida, e se rejeitou o tal valentão; a tristeza da sinh'Ana por não ver

na festa famílias de consideração, quando a filha era ûa moça muito boa; as palavras do Manoel Eugênio, que estava fora de seu juízo e não tinha consciência do que fazia, as respostas da sinh'Ana, o pedido de bem que a sinh'Ana tinha feito, a que o Manoel Eugênio acudira, e outros termos mais. O doutor falou também (coisa que quase ninguém entendeu) que ali não havia mandato para crime; que, assim, o único responsável seria o Manoel Eugênio, mas que esse também não podia sofrer pena, porque procedera como um demente: e concluiu falando em Maria Madalena, que lavara os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo com cheiros caros, e depois lhe passara pelos pés, como uma toalha, a rica trança de cabelos pretos.

Os doze homens da justiça foram-se embora para o quarto da sentença. Assim que se levantaram, a sinh'Ana teve um batido de coração, um mau sinal. Iam com modos de moídos, muito sonolentos e enfatiados, pouco se demoraram. O maior dos doze leu o que tinham respondido aos quesitos do juiz; o juiz (todos repararam bem neste pedaço) ficou triste às respostas, mas não disse nada, sentou-se, escreveu um eito pequeno, leu a condenação da sinh'Ana em dezesseis anos e meio de prisão, e no mesmo seguimento a livração do Manoel Eugênio.

O juiz, o promotor, o escrivão e os doze homens da justiça retiraram-se logo. Os dois soldados que estavam na sala conduziram outra vez a sinh'Ana, o Manoel Eugênio desceu atrás dela e dos soldados, até o xadrez. E só se ouvia o barulho dos passos pela escada abaixo. Nem uma voz.

A tarde estava nas últimas. Do xadrez, recolhida em si mesma, com os olhos nadando em choro, a Sinh'Ana olhava as nuvens cor de sangue da barra do céu e não tinha peito para soltar o mais pequeno queixume. Voltou d'aí a pouco o doutor da defesa, disse que ia apelar da sentença: ela ficou mais animada, agradeceu-lhe, assegurou que estava muito satisfeita do trabalho; que, se a livração não veio, não foi por falta de diligência

nem destreza –, e despediu-se do doutor com um casamento de raposa, rindo e chorando.

O Manoel Eugênio permanecera quieto, ali junto à grade do xadrez, atirando para uma banda a fumaceira do pito. Assim que o advogado desapareceu, e ele viu que não havia em roda soldado nem um, falou baixo e triste, na mesma voz com que lhe falava outrora, quando mandava e desmandava nela como quem manda e desmanda num trapo:

– Pois então você não sabe, sinh’Ana, que ùa mulher da vida, como você, não tem direito p’ra nada neste mundo?

O que não sofreu a Eulália, quando esteve de sumbaré com aquele ingrato do Raimundo! Era um pensar o dia inteiro nele, que já não tinha mais fim nem acabamento; um procurar notícias, que dava pena: e todas as noites, de joelhos à beira da cama, um rezar com a tenção posta no namorado, que lhe levava horas e horas.

Ouvia, muitas vezes, más palavras, assim:

– Tire o sentido do Réimundo, Lainha, que aquilo não é p'r'os seus bicos!

– Sabe o que é que o marvado 'tá querendo? É fazer de você gato-sapato, judiar de você de tudo o jeito, ustentar amor frio e de passatempo, pândega pura!

– Já 'vi dizer que o Réimundo, nesta derradeira viagem' que fez p'ra serra acima, ficou apalavrado c'uma viúva de cinqüenta mil pés: será verdade?

Ai! se ela podia lá saber se era verdade ou não! Sentia-se arrepiadinha de medo, com o coração em tremuras, mas não se queixava; porque o Raimundo lhe dissera, de pedra e cal, que haviam de ser um do outro a todo custo, e o dia desse acontecimento romperia por força, depois dos outros dias...

Só, sim, uma vez, teve ânimo de perguntar-lhe:

– Andam-me enchendo de prosa, Réimundo, e ponhando medo em mim. Todos eles tenham falado que você não honra a sua promessa e ‘tá zombando comigo. É certo?

Ele pôs-se muito alto e soberbão:

– Mentira! Quem faz desses enredos, si é mulher, não tem seu em que cuidar, si é home’ não é capaz de ter peito p’ra repetir o mexerico na minha frente!

São muito fáceis de convencer as almas apaixonadas; a da Eulália adormeceu, desde aquele momento, e pegou a sonhar, como d’antes, sonho e mais sonho cor-de-rosa.

Mas o Raimundo tinha um mau Espírito Santo de orelha. Era um parente afastado, que morava de favor nas terras da família, leva-e-traz e intrometido. Achou-se na obrigação de dar conselhos:

– Pois devéra’ você, que é um rapaz de conta e peso, ha de casar agora c’ûa moça que não tem onde cair morta? Você então é forte de dinheiro ansim, que não precisa de campear uma companheira que traga alguma coisa p’ra casa?

Ele resistiu à tentação:

– Primo Bento, eu p’ra mim jurgo muito rúim vigiar gente que tem mais isto e mais aquilo, e, a troco dos haver’, botar o pescoço na canga. A resto, casar não é negócio, que se faz e desfaz quando muito bem se quer; p’ra casar é melhor escuitar o que é que a voz de dentro fala, e não fazer muito finca-pé nas pósseas e nas riquezas!

O primo teimou: que era disparate sair um rapazinho novo, do chão da sua gente, p’ra se aventurar pelo mundo, feito um judeu-errante, que outra coisa não é um pobre quando casa com uma pobre; que a Eulália, afinal, era boa pessoa e ajuizada, mas, vendo que ele Raimundo fugia, com toda a pressa trataria de ferrar outro namoro, e havia de ter um marido como as demais; que a forma do pé do Raimundo, com toda a franqueza,

era aquela fazendeira do Vermelho, viúva fresca e sacudida. E rematou deste feitio a conversa:

– E sabe o que mais? Não é por falar nos teres, que você não se importa mesmo co'isso, mas contanto que ela é dona de uns quinhentos alqueires, uns cinqüenta mil pés, umas trinta juntas de bois, uma carruagem grande de rodas ferradas, tropa de lei p'r'a viração do café e da cana, e criação miúda com fartura.

De tarde, só, num canto do pasto, vendo a noite fechar-se e o recolher vagaroso do gado, o Raimundo pensava:

– Home', verdade, verdade: amor, eu tenho em demasia! Mas, porém, é mesmo amor escoteiro; eu sou tão pobrezinho, e a quadra anda tão feia...

Subiu a serra, casou com a viúva.

Passaram-se anos, e a Eulália teve que aceitar o Vicente do Rancho, moço de boa mão e de boa cabeça, quando ele deu os últimos repassos num piquira macaco do pai dela e entrou a cercar-lhe a mãe de carinhos e de presentes. O acertador não enxergava terra alheia, quando olhava da janela para fora, tinha suas pastagens e rocíos, estava experimentando ûa máquina de limpar arroz, e até não faltavam bocas a dizer que tinha algum tantinho de cobre a juros.

Quando lhe deram licença de conversar com a pretendida, quis saber logo se sim ou se não podia arranjar as miudezas:

– Vancê já sabe, nha Lainha, que eu 'tou na mente de lhe pedir; alguém já lhe havéra de ter contado.

Ela avermelhou-se toda:

– É: eu sube mesmo.

– Agora vancê me diga, p'r o seu mesmo dizer, si d'aqui por diante eu fico no direito de falar p'r'o seu velho no negócio, e também si já não é tempo de ir comprando a roupinha, a louça, a trastaria d'ua casa.

– Isso 'tá no seu querer.

– Mas vancê casa antão comigo de tuda a sua vontade, não tem nem um no pensamento?

– Não tenho, nho Vicente. Eu não incubro a idéia de casar c’o Réimundo, e ele também queria casar comigo. Agora, dê que ele faltou c’a promessa, eu não tenho prisão por ninguém.

E um belo dia vestiu-se de branco, pôs a grinalda de flores de laranjeira, saiu de casa com os convidados, entrou na igreja, voltou para a festa, e saiu depois para a casa do Vicente do Rancho...

Não havia, por aquele meio todo, quem não dissesse que o Raimundo vivia aborrecido:

– A tal viúva do Vermelho é ver a carne do apá!

– Diz que ele enjoou duma vez da mulher e socou-lhe os pés.

– Inté já correu que ele abriu o chambre depois de lhe chegar a piúva no lombo.

– A razão que ele dá é que a dona era cabeçuda como quê, roncadeira de grandezas, e desaforada a ponto de lhe lançar na cara os haveres que tinha trazido do defunto.

Que a deixasse, lá por serra acima, não admirava: o mundo dá muitas voltas. Mas que viesse procurar a querência antiga, tão fora de tempo, é o que não tinha propósito. A Eulália bem que soube das rondas que ele andava fazendo, dos olhos compridos que lhe punha para o lado de casa, das lamúrias que dizia a uns e outros: e principiou a pensar, de si consigo, que o Raimundo só a estava querendo agora, que não teria mais trabalho nem um, agora que ele era um resto, agora que ela já não precisava de ninguém.

Topou com ele um dia, de repente, num caminho de extravio:

– Adeus, Lainha!

– Você como vai, seo Réimundo?

– Mal duma vez, Lainha; ‘tou cumprindo o fado, ‘tou no rúim. E por mal de meus pecados, cada vez lhe querendo mais! Si você for a mesma de outra hora, eu sou seu e podemo’ fazer vida; ânimo eu tenho!

- Agora eu sou de outro.
 - Mas é que eu nunca lhe esqueci, Lainha, vivo louco por você; sempre tive amor em você, e vim cair nos seus pés!
 - Agora eu sou de outro.
 - Tenha ‘o menos piadade de mim, Lainha: não me trate de resto e me dê um pouco de esperança no mundo, que eu venho carregado de padecimento. Diga ‘o menos ûa palavra que não seja má!
 - Agora eu sou de outro. Adeus, seo Réimundo.
- Alongou-se às carreiras, entrou em casa, fechou a porta. E então, atirando-se no catre, cheia de desespero e de saudade, apertou os dentes no travesseiro, encobriu os olhos na fronha, começou a tremer e a chorar, a soluçar e a gemer, com o mesmo desconsolo de quem se lembra d’alguém, muito querido, que nunca mais voltará, porque morreu...

Dês que o Mané Ramo adoeceu, ruim d'uma vez, a Jerónima não teve mais sossego. Ela era os tombos da casa, já no tempo da saúde do marido; agora, que ele caiu com tamanho inchume e tanta ânsia, e não podia trocar uma palha, tomou ela sobre si a tarefa mais penosa do sítio, lidando com os animais, vigiando os camaradas, determinando o serviço a fazer – uma viração que não dava descanso.

A doença do Mané Ramo veio feroz: chamado o curador mais mestre das vizinhanças, o Loredo, observou as feições do rapaz, reparou-lhe na inchação, e, saindo para um lado, falou à Jerónima que tivesse paciência, que se fosse consolando, pois aquilo não tinha volta, era moléstia das que dão pancada de cego e matam de vereda; mas que ela se apegasse com Deus, porque nestes casos às vezes do céu é que vem o remédio. E mandou dar ao doente um chá de erva-doce fraco, a só por só, como para o aliviar, e nada mais.

A Jerónima sentiu um baque dentro de si, e os olhos, na mesma ocasião, quentes e meio vidrados: depois, como era a única enfermeira que havia de fazer quarto, compôs o semblante, segurando-se, contendo-se, e não arredou pé de junto à cama,

senão para ir aprontar a beberagem ou buscar a manjuva – uns caldos, uma água passada, uma coisa leviana.

Saiu bem certo o que o Loredó previra: ao cabo de uns poucos de dias, não podendo mais de sufocado, o Mané Ramo pediu-lhe abrissem a janela mais vizinha, que dava para o terreiro e era rodeada de unhas-de-gato, àquele tempo cobertas de flores amarelas todas viradas para o chão. A Jerónima empurrou as folhas da janela, chegou-se à beira do marido, e aí ficou meio pasmada, banzá-banzando; de repente, como ele tivesse um estremeção muito forte, olhou-o, vendo que os olhos se lhe esbugalhavam de modo temeroso; arranjou-lhe os travesseiros, ao comprido das costas, mas o Mané Ramo, esticando-se todo, só achou tempo de lhe rogar que fizesse uma reza por ele, porque tinha batido a última hora. E morreu, mal comparando, que nem um carneiro, sem gritar, sem gemer.

Hora triste foi aquela! E as outras, enquanto a Jerónima, estendida quase sem acordo numa esteira da sala pegada, ouvia o canto arrastado das mulheres que guardavam o corpo, no *Meus irmãos devotos* e noutras rezas assim.

Quando a gente, que ia conduzir a rede, se aproximou do defunto e dava de agarrar no catiguá, por um triz que a Jerónima não rolou também consumida, tamanha foi a dor e aflição que lhe afogou os peitos. Mas o que Deus manda cumpre-se, e a gente amiga botou as pontas do catiguá nos ombros e levou o Mané Ramo para o cemitério da vila.

A Jerónima conservou-se de pé na porta, enquanto a comitiva ia subindo o morro que dobra para a capela do Lageado: e assim que nem um vulto se viu mais lá no assente do espigão – completamente claro, a troco do sol vivo do meio dia, – entrou para os pagos, atirou-se a um catre, e chorou tal qual uma louca.

Ora, isto acontece com todas as coitadas que perdem seus companheiros. O que não acontece a muitas é guardarem

pelos finados a mesma firmeza que a Jerónima conservava pelo Mané Ramo.

Dia veio, dia foi, mês correu, mês novo chegou e sumiu, e nada de ela se esquecer do falecido. Era sair para o terreiro, cuidando das galinhas e a vista logo se lhe pregava na unha-de-gato da janela, e pranteava em demasia, por se lembrar que fora ele quem tivera a paciência de trazer do mato o cipó com raiz e tudo, e plantá-lo naquele lugarzinho. E ia vivendo assim uma vida de sofrimento.

D'uns tempos para cá, toda tarde, nem bem vinha sentar-se a um banco, perto da porta que respondia para a estrada, um sem-fim, morador do rebentãozal da frente, principiava a piar que não tinha mais jeito: aqueles dois pios, doloridos e repetidos uma porção de vezes, acabavam por deixar a Jerónima tão desanimada e fora de si, que não sentia romperem-lhe as lágrimas dos olhos; por derradeiro, quando já eram muitas e lhe amargavam na boca, aí, sim, levantava-se, encafuava-se na varanda, com a cabeça entre as mãos, e soluçava até mais não poder.

Entrava mês, saía mês, aquilo se repetia ao escurecer, sempre e sempre. Então certas vizinhas, que moravam a distância de chamado, sabendo que a pobre se magoava assim, logo que o sol estava morre-não-morre, procuravam distraí-la, trazendo a criançada e cantando um dilúvio de versos alegres pelos trilhos a fora. Topavam com a Jerónima no dito banco, sozinha, pondo os olhos aguados na serraria batida dos últimos raios do sol: e puxavam por ela, brincavam, faziam grandes rumores e estrepolia, sendo tudo em pura perda. A Jerónima dizia:

– Deus te pague, Júlia! Deus te faça feliz, Jinuária! Muito obrigada, Chiquinha! Eu bem sei que vocês querem tirar o meu sentido da tristeza, mas é ‘toa! Pois não ‘tá ali aquele marvado do sem-fim, que tanto me bole c’o meu coiração, falando de semelhante maneira? Aquele sem-fim, ou sací, nem sei bem como é que chama, é que não me deixa esquecer!

As outras ainda teimavam:

– Largue mão disso, Jerónima! Quem foi, foi: ‘tá no reino do céu desfrutando um viver mais melhor que este nosso, pedindo perdão p’r’os nossos pecados, de certo. O que adianta, agora, você mortificar-se p’r uma coisa que não tem mais remédio? Console, campeie outra sistema de pensar, que essa não serve!

Tudo escusado: a Jerónima era uma fortaleza na sua saudade pelo Mané Ramo.

Afinal, depois de padecimentos muito doídos, que não serenavam mais, que se exasperavam à hora da ruiva, aos pios da avezinha malfazeja, resolveu um dia acabar com aquilo. Um pássaro mata-se, não foi para outro efeito que se inventou a pólvora e o chumbo e as espingardas! Havia de botar fogo naquele sem-fim: ao menos a saudade seria mais pequena, quando ele não andasse no rebentãozal, piá-piando por essa forma.

Chamou o tomador de conta do sítio, o Geraldo, caboclo já tordilho, que também ainda se queixava de a morte lhe haver roubado uma filha de quinze anos, tempos atrás, – e mandou-lhe que carregasse a troxada. O Geraldo, que foi na horinha sabedor do intento da patroa, limpou a troxada, assoprou pelos dois canos, desatravancou os ouvidos da ferrugem, carregou-a com duas cargas de três dedos, pólvora três efes e chumbo do meio; pôs-lhe escorvas raiadas nos ouvidos, puxou os gatilhos, viu que os gafanhotos regulavam direito e cada cão parava bem no descanso e no atirador, apertou as escorvas, entregou a espingarda.

A Jerónima tinha a pontaria muito certa. Em vida do Mané Ramo, caçava seguidinho com uma, taquarí que ele lhe dera de presente, à volta de uma viagem, e saía até, antes da comida, para apear muitas vezes uma pomba legítima da caneleira do quintal e aprontá-la ainda, ou para pegar mais depressa um frango.

Saiu no rumo da erva-de-largarto, onde o sem-fim chorava toda a tarde, amoitou-se atrás de uma touceira de capim-fino,

e esperou que o pássaro soltasse a voz. Não tardou muito, e o sem-fim cantou, com um porte de pio comprido e angustiado, coisa que nem tinha propósito: a Jerónima atentou bem nele, depois ergueu a arma, apontou um tempão, fez fogo, e o pássaro caiu num embromado, que nem uma trouxa.

– Agora (vinha ela dizendo), agora já posso ter um tiquinho de paz!

E como a lua principiasse a clarear, já no meio do céu, a Jerónima, quem sabe se pela primeira vez depois que se enterrou o Mané Ramo, riu com certo gosto; caminhou ligeiro para casa, entrou quase alegre, e dormiu essa noite d’uma enfiada.

No outro dia, assim que o sol baixava, a Jerónima foi tratar das galinhas. Estava encostada à cerca do terreiro, olhando umas redadas de pintos novos, quando ouviu pios de sem-fim, a coisa mais desesperada deste mundo, na direção de uma capoeira, para os fundos do quintal. Não pôde ter mão em si: desatou a chorar perdidamente, com os peitos oprimidos e tomados.

E o Geraldo, que notara o momento em que ela reparou na fala do pássaro, chegou-se-lhe para perto e disse com a voz meio sumida:

– Qual! nha Jerónima! Aquela avinha é ver mesmo a sodade que a gente tem: a mó’ que morre num lugar p’ra ressuscitar logo noutro. Sodade não se mata: ou ela morre por si, ou acaba um dia por matar a gente, devagar, devagarzinho!

Lagoa de águas paradas
é brinquedo de andorinha;
os teus pensamentos, moça,
meu coiração adivinha.

“Do Justino Batista, encabeçando ûa moda.”

Era uma destorcida a Paulina, toda a gente o sabia: montava aí num poldro bravo, sem medo e sem susto, que nem domador de ofício, fazia o poldro pinotear e bufar no meio do potreiro, afincava-lhe as mutucas desde as táboas do pescoço até o boleado das ancas, e por derradeiro, quando ele estava bem quebrantado, bem entregue, pulava a Paulina do lombilho ao chão, d’uma vereda, segurando as cambas de sedenho na mão esquerda, e caía de pé que era uma boniteza. Qualquer mané-jacá não se atrevia a botar um animal no palanque, encilhá-lo e agüentar-lhe os corcovos perto dela: porque se o tal não fazia a coisa bem feita, a Paulina tirava-lhe a prosa num baque, pintando a saracura no lombo do animal escarmentado.

E para lidar numa roça? Como a Paulina, truco-fecha, ninguém. Agarrava-se ao cabo duma enxada, assim que o sol rompia, e varava o dia inteiro na limpeza do cultivado, cantando modas, alegre de todo: e esses manguarões de trabalhadores por dia, que vivem roncando grandezas de serviço, não levantavam a voz perto dela, porque logo chegavam à razão de que criatura para uma diligência era aquela – e mais saberá Deus quem. O terreno por onde passava, carpindo, ia ficando areadinho; se estava fazendo planta, não perdia ũa mãozada!

Trabalhadeira e divertida: quando vinha domingo, muitas vezes, enramava com os irmãos, atrelava a cachorrada e ia desentocar as pacas aninhadas por esses altos de espigão. Como moravam perto do rio, quase quase à beirada das águas, a estimação da Paulina, entusiasmada e repetida, afundava pelas furnas e pelas covancas, alargando-se, estreitando-se, até morrer em vibração deliciosamente dolorida: e a cachorrada quarteava logo algum rasto, repicava, delirava e descia, na cola da baia, soluçando a corrida pelo lançante dos carreiros.

Ultimamente fez uma ceva no topo do morro, junto à vertente da Água das Pedras, onde as passagens das cotias se cruzavam de lado a lado, amassadas que davam gosto. Levou como companheiro o irmão mais moço, o Vicente, cortou a facção uma taquarama, apanhou uma cipoada, e teceu a choça d'ali a dez braças, para a banda de cima, rente com o tronco macoteiro de um saguaragi; depois que tudo se via bem tecido, quebrou uma galharada de folhas grandes, e foi tapando as paredes, para a frente, para riba, para os lados, só deixando a pequena fresta da pontaria, no rumo certo do monte de milho, e saída para os fundos, encoberta ainda por uma cabeça de palmito; aparou quatro forquilhas, aprontou um meio-estaleiro para assento. Quando voltou para casa, esse dia, o sol dava adeus ao mundo.

Com pouco a ceva pegou a ser freqüentada. Eram cotias às dúzias, coatís em bando, macacos de cá e de lá, passarinhos em

demasia: urús e jacús, vevúias e tovacas, nhambús e macucos, um despropósito! A Paulina entrou a madrugar, todos os dias, e lá ficava fazendo feira – até que horas! – entretida na caça e esquecida do mais.

Ora, uma vez, como caisse do cavalo de ir sozinha, cedo assim e por tamanhos ermos, topou com o seu namorado, o Chico Lucas, na divisa das terras dele e do pai dela. Passava ali um córrego, coisa de nada, a bem dizer um chorinho d'água, que não tinha som nem tom, lagrimal que só servia mesmo de separar duas propriedades.

A Paulina sempre foi muito dada e palaciana, mas ficou encaramujada com semelhante encontro. Se fosse numa reza, num auxílio, numa função, era outro cantar: mas numa lonjura de capoeira, sem viv'alma em roda... E embatucou de verdade. Ele também não estava lá muito nos seus eixos, é bem certo, mas desde que a primeira atrapalhação foi a dela, sentiu-se animado: e como quem não pensa em nada, assim a jeito de distraído, seguiu-a pelo carreadouro, falando falas macias e sem alta significação, contando novidades do sítio, dizendo os lugares de mais pássaros ou de mais bicho, uma coisa e outra.

Quando se foram achegando à picada da ceva, que tinha um disfarce grande, rodeio que levava longe, ela pediu-lhe, com boas palavras, que d'ali para diante a deixasse, porque não era bonito andarem sozinhos por pontos tão afastados: e rematou gracejando que também não queria ensinar o caminho da ceva, pois o Chico Lucas seria capaz de roubar-lhe toda a caça, e podiam vir a brigar ao depois.

Conversas! Ele não só não concordou, como ficou ainda mais junto dela e, tendo questionado e batido boca muito tempo (uns dois minutos), entraram na picada. A araponga serradeira, que tinha sua arranchação por aqueles recantos, principiou a cantar espalhafatosamente no meio do silêncio geral; outra lhe respondeu de longe: e começou a passarinhada toda a sair-se, a

cantar, a gritar, a berrar, desde o lindo tangará de cabeça cor de sangue até o bruto pavão de peito cor de sangue.

Se ele estivesse para fora da choça, espantaria a caça: entrou na choça, depois da Paulina. Não querendo fazer algum rumor, sentou-se no estaleiro. E enquanto ela encostava a troxada de aço à fresta da pontaria, ele, apaixonado, olhava-a. Com tão forte insistência a olhava, que ela, por assim dizer aborrecida, se via também obrigada a olhá-lo. Em seguida, pensando melhor, já ela abandonava aquele meio aborrecimento, porque enfim não há mal em a gente olhar e ser olhada. Mas nada de prosa! – parecia ela dizer-lhe. E ele como que lhe repetia: nada de prosa!

Um barulho muito leve, muito distante, se fazia ouvir agora: barulho que agora vai engrossando, ganhando volume, encorpando-se, tornando-se quase tumulto. Ela quer ver o que seja, ele quer ver o que seja: a fresta da pontaria é uma só: aproximam-se, unem os rostos: os olhos, vizinhos como estão, querem barganhar lavaredas: tornam-se-lhes incendiados os rostos e os olhos.

O grande estrépito quem o levantava era uma vara de coatís, talvez uns trinta. Por que razão não lhes atira a Paulina? Para onde eles estão dirige a vista, mas de certo não os vê, que eles, amontoados como se acham, não podem passar despercebidos. O Chico Lucas, a princípio, quer tomar-lhe a espingarda. Mas toma-lh'a? Qual nada! também se esquece deles. E os coatís flocinham-se, perseguem-se, querem lanhar-se, escarvam o chão com as fuças, erguem medonho motim: livres e desatentos ao perigo (perigo?), quase dão de dançar em pleno limpo, ao pé do monte de milho.

Agora, indagador e mexeriqueiro, aproxima-se um da choça, farejando-a, divertindo-se em gritos finos e curtos. Aproxima-se mais, olha por baixo das folhas, ergue os olhos para calcular a altura da choça, que se lhe afigurava enorme: e vê as folhas do reparo por cima, por baixo e pelas bandas.

O Chico Lucas, porém, trançou os braços na cintura da Paulina, que lhe acenacou com um mais que pequeno sinal de silêncio e quietez: e como os olhos, à pobre, se lhe fizeram cada vez mais amorosos e morteiros, ele beijou-a de vagar, depois com ânsia e agora com sofreguidão de sede antiga, ao passo que a espingarda caía para um canto, largada à lei da sorte: e os coatis, amedrontados, desapareceram tumultuosamente pelos embromados de jaguarandí, criciúma e guaimbê.

E a vara de coatis, então? Derreteu-se... porque a Paulina há de ser sempre mais mestra de amansar os poldros xucros, no rincão desgrenhado dos poteiros, do que de tocaiá os bichos e os passarinhos, no silêncio e no sossego de uma ceva!

A feira estava forte. Haviam aparecido uns boteiros da Corte, gente de sola e vira para um negócio, e por toda a parte o que se ouvia dizer, a cada passo, era bem daqueles homens de gás e de cheta:

– Tem um que bateu a vista em riba da mulada do Venancinho, mandou sair p'r'a frente uma parelha, e arrematou a tropa inteira por um despotismo de cobre!

– Hai no meio dos tais certo moço ruivico, de vidro nos olhos, que dá por qualquer baia redomona, sem um pisco, uma daquelas notas caolhas!

– E um sojeito das pestanas graúdas e de guarda-sol de seda branca? Esse um aparta aqui, e aparta ali, machos ruços dos mais morrudos, por mau lanço que eles tenham, e paga um dinheirão! Ainda por cima de tudo despeja vinho branco e cerveja mulatinha em quanto filho de Deus asséste às compras!

Realmente, era de admirar. Naquela grande feira, que era também uma grande festa, o José Carioca, o moço dos olhos ramudos, avultava como uma individualidade fantástica, um Mauá pelo dinheiro e um Santo Antonio pelo bom coração. O seu nome andava repetido na cidade, de alto a baixo, e os

arrieiros faziam-lhe modas novas, nos cateretês de todas as noites. Formavam-se partidos:

– Eu acho muito mais bom o Antonio Lope, um baiano desenvolvido, que não tropica na cumbersa e conta cada caso de deixar a gente pasma! É um home' viajado: até diz que já andou no Paraguaia e na terra dos gringos.

– Qual! p'ra mim o Zé Carioca 'tá sozinho: é um home' bizarro, que não olha os outros por riba, tem um pé de prosa p'ra todos, o riso na fror da cara e as mãos abertas d'uma vez!

Não raro, armava-se um perequê por tão simples discussões. Tinha que surgir, de repente, o facão dos urbanos, ouvia-se o trilar dos apitos e a vozeria dos tropeiros assanhados. E só se conseguia asserenar o barulho, quando vinham os próprios viajantes, com toda a solicitude e muito amigos, explicar as coisas entre os briguentos, pedir-lhes que largassem mão daquilo, que tudo junto não valia a pena:

– Isto, afinal, é tempo que passa, e nós 'tamos parados: não serve p'ra nada ficar político um c'ó outro!

– Nem um de nós é mais pintado: todos temos a mesma valia: a bondade de vocês é que arvóra a gente num ponto que a gente não merece! O melhor é não pensarem mais nestas questões!

As moças do fado andavam trançando de largo em largo, de rua em rua, de taberna em taberna. O acre cheiro da caninha vagueava casado ao perfume ardente da água flórida, e nos rostos empoados das mulheres havia, quase sempre, manchas violentas de carmim, quando não o afogueado de uma embriaguez ou a excitação de um caxambú sapateado de pouco. E as frases, que se trocavam, quando elas rompiam, eram características:

– Olhe a piguanchinha queimada como 'tá nos trinta e seis!

– A alvaça do Né Carneiro é puxa, de bonita.

– Venha p'r'aqui, sabina da malha miúda, que eu quero te pagar um capilé com pinga do Ó.

– Éta baia de arromba! Você não quer ser meu cargueiro, neste catumbí cansado que eu ‘tou jogando? Agarre os milhos e bamos a ver o azar que corre!

– Chegue e assente, china verde de Sorocaba! Diz que você é nova em folha, eu gosto mesmo de mulinhas xucas!

A Jiquitaia era de fama. Do Rio Novo para cá, segundo a opinião geral, nunca houve mulher mais querida: montou na garupa dos fazendeiros mais ricos e dos mais importantes criadores, foi arroz-doce de quanto pagode de truz se fez pelo sertão do Tietê, morou nas terras maiores: teve glórias de rainha. Mas o tempo foi caminhando: agora, em vez de irem buscá-la aos retiros mais afastados, onde a tinha, por força de cabedais, qualquer gunga-muquixe de bom gosto, era ela quem procurava as festas e as funções.

Também quisera estar na feira forte. Viu e reviu as negociadas e as tramas, não desejou ser de ninguém. Passava pelas multidões esquecida e sombria, não olhava a fito para pataqueiro nem um, ia só, mas sem pretender sair da sua soledade. Foi sua desventura conhecer o José Carioca, depois que o renome dele soava por todos os recantos da cidade, como um eco de vitória.

Espreitou-o de longe, a princípio, foi-se aproximando com os dias, pegou a renteá-lo para ser também vista. Chegou a sonhar, noites áfias, com aquele tostado, cujos olhos pareciam cobrir-se de fios de seda escura. E custou tanto a encontrá-lo apartado dos mais (antes nunca o tivesse encontrado!), que, quando lhe perguntou qualquer ninharia, entre duas barracas de estrada-de-ferro, o coração parecia tremer-lhe, como nos tempos de outrora, de puro amor.

A manhã de domingo abrira muito alegre, vinha chegando a caipirada dos bairros, e uma ensurdecadora gritaria de maitacas descia do alto do céu. Foi no meio de todo esse rumor que ele a teve perto de si, ouvindo-lhe as poucas e gaguejadas palavras

que ela conseguiu proferir. Olhou-a um pouco de banda, com ar escarninho, e disse como numa resposta:

– Qual o que, sea morenona! pinhã das dúzias! Moça velha não deita no meu ponche!

Ela sentiu um arrocho na garganta: nem que a estivessem estrangulando! Reteve os soluços que lhe corriam pela garganta, alongou-se para o fundo do largo, onde pouca gente havia, sentou-se a um pedaço de muro quebrado, todo verde e amarelo e vermelho de caetaninhas em fruta, e pôs-se a dizer muito de leve, no meio de muito choro, como se alguém a pudesse ouvir e consolar:

– Deus te perdoe, moço, Deus te perdoe!

A Bertolina era café-com-leite, muito fina de cintura, tinha as mãos pequenas e os olhos grandes, andava de pressa e falava de vagar. Nos cabelos quase corridos, que penteava de bró, trazia sempre um cravo, um bugarim, um ramo de manjerição que fosse. E os crioulos da fazenda, quando a viam passar pelo terreiro da tulha, ficavam alvoroçados e confundidos, cuidando bem que aquela mucama, só porque tinha jenipapo nas cadeiras, mais havia de ser dos brancos que dos negros...

Nasceu numa senzala, um belo dia, duma retinta sem sal e sem gordura: e por mais que a escravaria bisbilhotasse, e por mais que a sinhá-velha sentisse dúvidas e desconfianças, ninguém pôde afirmar que a mulatinha fosse cativa e filha do capitão Romualdo, capelista dos quatro costados, que rasgara sertão em ninhos de geada, para ser o tutú de vinte léguas em volta. Somente, às vezes, quando a Bertolina surgia ante qualquer rapaz da casa, e o capitão acertava também de se mostrar inesperadamente, desviavam-se dela os olhares do rapaz, como por encanto e milagre.

A Januária, que tinha de fazer, ao clarear, o café com rapadura para o povo, e depois o feijão com angú do almoço, e mais

tarde a mesma coisa e o jabá da janta, não saía da senzala sem olhar um pouco pela filha e dizer-lhe palavras de conselho:

– Chegue bem p’r’a sombra dos brancos, Bertolina, que ‘ocê inda pode ser gente neste mundo: os brancos querem bem ‘ocê, qualquer hora ‘ocê fica forra, e neste mundo quem tem o dia e a noite de seu já é rico a mais não poder.

A Bertolina escutava os conselhos da mãe, era muito chegadinha aos brancos, aprendera a lida mais difícil da casa, costurava e fazia doces, torrava uma farinha a preceito, e até, nos últimos tempos, começara a bordar um pouco.

Mas transtornaram-se os tempos. A geada grande, que apenas espontou um talhão de maragojipe do morro, coisa de dois mil pés, estendeu-se ao longo das lombadas e sofraldas, queimou até a raiz a força dos cafezais do capitão Romualdo. A safra, que prometia mundos e fundos, foi miséria pura: e a tropa escolhida a ponta de dedo, que afundava chão uns dois ou três meses, todos os anos, no caminho do arraial, fez tudo o que tinha de fazer em uma semana, e foi impontada na roça de milho, que estava urrando no sujo.

Aquele tutú do sertão ficou apurado. Mandou chamar uns negreiros, mostrou-lhes a gente, a seus tempos, fez preço, entrou em negócio com uns e outros: apenas reservou umas trinta cabeças, tendo por certo que mais tarde completaria o número de oitenta, que os cafezais, replantados ou podados, pediriam logo.

Ora, a Januária, ûa moura para o trabalho, como todos diziam, tinha ficado perrengue em razão de um reumatismo nas juntas: agora, nas revoluções da lua, caía no jirau com dores e febre, que aturava dois ou três dias, e levantava-se afinal, muito acabada, sem coragem para tarefa que prestasse. Bem pesado tudo, o capitão Romualdo falou à sinhá-velha:

– No meio da gente sacudida eu empurro também aquele canelo, que é o que mais me serve. Numa quadra ver esta, que inté

o angú 'tá fidalgo, p'r amor de a caréstia do milho, uma boca de menos é vantaja, não é?

Muito sensata, muito econômica, nha Purificação concordou ao pé da letra:

– De certo! Inda si 'o menos ela fosse que nem a filha, que tem préstimo p'r'um isto e p'r'um aquilo, vá! Mas porém é uma tigüêra cansadona, que não dá mesmo nada!

Estava descaroçando algodão, parou um instante:

– Mas como é, seo Romualdo? Você não se alembra que não pode passar p'ra diante o coirão sem a cria?

Foi água na fervura. Ele pôs-se a bater as mãos, muito pensativo e aborrecido:

– Ora, e esta! Uma coisa que não há gato nem cachorro que não saiba!

Chegou à janela, distraidamente, e foi distraidamente ainda que pegou a olhar a espinha verde-negra dos morros. Mas doeu-lhe nos olhos a secura dos cafezais, que erguiam para o céu varetas nuas.

– Agora, que eu 'tou num pedaço feio da minha vida,'tou! Há de ser o que Deus Nosso Senhor quiser!

O capitão Romualdo era homem opinioso, de mandar cercar uma igreja a poder de capangada, para não chegarem os votantes contrários; de passar como um fantasma no meio de um fogo pulado, sem medo nem um; de escorar uma tempestade no ermo, cortada de coriscos e uivante de trovoadas: e até de atravessar um caminho, sem batedeira de pacuêra, quando sabia que alguém o tocaiava para ûa malfetoria. Quando balanceou os haveres, e viu que não tinha com que sustentar senão trinta pessoas que lhe dessem renda, firmou-se em vender a Januária: e quando viu que a Bertolina também teria que ir, franziu os olhos, sentiu um amargo na boca, mas acordou no que lhe ofereciam também por ela. E a escritura foi lavrada.

O carro do comprador veio, enfim, buscar as mulheres e as crianças. Um crioulinho, agarrado a um dos fueiros, de que pendurara a carapuça de baeta vermelha, guaiava enormes gargalhadas e fazia gestos, repetindo esganiçadamente os nomes da boiada: Guaturama! Brinquinho! Namorado!

Uma negrinha espondongada, trazendo ao colo um embrulho de farrapos, que fazia de boneca, achou-se cansada de ser ama-seca e tomou-a em ambas as mãos, lançando-a meio acaso para o ar. A boneca girou um instante, prendeu-se num tamoeiro, e os dois bois de uma junta, de repente, arregalaram os olhos, baixando as cabeças, afastaram-se um tanto e mugiram surdamente, num medo aflito.

O candeeiro, por fim, ganhou a dianteira dos bois de guia, pegou na vara ferrada pelo cabo e pelo meio, ergueu-a, deixou-a um instante entre as juntas, a tremer sobre as cangas. Andou um pouco, às arrecúas, chamando os bois pelos nomes, e as argolinhas das aspas tiniram de pronto. Um gemer abafado, que tanto poderia ser dos bois tangidos, como das negras do carro, morreu no vento: e o carro saiu.

Antes, porém, de ir-se embora, a Januária foi tomar a bênção ao senhor-velho. O senhor-velho estava ao pé da cerca, sozinho, vendo-se para sempre desprovido daquela gente quebra, em que não havia um fujão, um capiango, um matador. Viu vir a Januária, consentiu que viesse:

– Me perdoe algum dano que eu lhe tenha feito, sinhô.

Ele volveu os olhos para as hastes esbranquiçadas dos cafezais:

– ‘tá perdoadá!

Julgou-se obrigado a ter pena dela:

– Eu sempre te tratei com piadade, não tratei?

A Januária não pôde conter-se, e disse-lhe baixo e triste:

– Ê! mas porém naquele tempo sinhô me queria bem! Agora ...

Aproximava-se a Bertolina. E a Januária concluiu, mais baixo ainda:

– Agora eu e a filha semo’ um resto de cativoiro!

Quando, entretanto, a Bertolina lhe tomou louvado, ele teve uma tremura de pálpebras e de lábios. Reparou mais de espaço nos cafezais torrados, deu à mucama chorosa uma nota cor de tijolo, de quinhentos réis, e disse-lhes de golpe:

– Bom! Acompanhem o senhor novo! ‘ocês já ‘tão demonstrando!

E o carro de bois ia rangendo fanhosamente pelo areão do caminho.

A Maruca trepou ao lugar mais alto daquela pedra, e pôs-se a olhar o rio. O rio estava repontado de uma vez e corria quase em silêncio: tinham-se-lhe encoberto as rochas das corredeiras por sob as águas da última chuvarada. Um martim-pescador, sentado no guatambú da ribanceira, olhava para o largo, tocaiando os peixes. E o vulto do martim-pescador, fazendo sombra no rio, depois da sombra da Maruca, tinha jeito de lhe estar de pé na cabeça.

Padece, que sofre,
quem ama desencontrado,
é 'toa lidar...

A Maruca esperava uma canoa que havia de subir naquela horinha. Naquela horinha? Mas já fazia muitas horas que ela esperava. Paciência dela! Vontade de ver a canoa: desejo de ver quem vinha dentro da canoa: saudades do seu bem! Caía a tarde, num sossego e numa paz de sítio largado. Quando, ao cabo d'um dia quente e cheio de rumores, como foi este, ha calma tão completa assim, logo se pensa que a morte anda rondando

as vizinhanças... Morreu alguém, morreu alguma coisa por aí fora... Foi a esperança da Maruca...

Se não morreu ainda, está por um quase. O Lico saiu desde cedo, passou por perto dela, fez certos amuos de pouca conversa. Que poderia ser, Nossa Senhora dos Aflitos? Ela era tão do Lico, tão fiel, tão cativa, que teria então acontecido? O Lico, ao perpassar no porto, falou-lhe palavras que ela não entendeu direito. Ouviu direito só o final. O final era uma espécie de adeus. Dizer adeus, para quê? Ele navegava sempre por essas estradas, ia e vinha, mas não dizia nunca adeus esquisito assim...

Caminho, que eu ando,
vira a cara p'r'uma banda,
p'ra não olhar...

O Lico, nem bem acabou de dar aquele adeus, voltou-se para o outro lado e já não olhou para trás. Mas isso não era seu costume: quando saía, fosse por terra ou por água, parava muitas vezes para olhá-la. Na estrada, fazia o animal virar nos pés: no rio, poitava a canoa um pouco. Agora, não fez nada disso: a canoa foi rodando com uma pressa de espantar. Era cada varejoada, que até o timburí gemia, cortando pelos canais.

Que história então era essa? Pois o Lico então não vinha? E a noite caiu de repente. Que noite, Deus do céu! – tão escura e tão quieta! Ainda se a Maruca tivesse certeza de que ele vinha, não era nada! Mas quem foi que perdeu certeza, para a coitada achar? O rio principiava a marulhar macio, mas macio que nem veludo espremido. Uma estrelinha, muito pequenina, e que tinha jeito de muito fria, rompeu na direção do Pirajú. Tudo mais dava a impressão de não ter vida.

A Maruca, em voz abafada, cantava a moda do catira. Estava pensando, lá entre si, que lida à toa, à toa, quem ama desencontrado! Aquilo era um desencontro. Podia haver no mundo

maior desencontro de que esse, de o Lico ter descido o rio sem explicar para onde ia e quando estaria de volta? E um que sabe que é tão querido, como ele sabia, não peca maiormente, comendo tão feia falta?

Borbulhou outra luz de estrela, no rumo do Lageado; surgiu outra sobre o rio; com pouco, uma porção delas começou a brilhar. Já o céu ficou também mais claro. Uma coruja deu de piar junto à pedra onde a Maruca parava. Outra coruja respondeu ali de perto, e pegaram a brincar de modo tão extravagante, que cada pio que davam parecia uma gargalhada e cada gargalhada um gemido. Relaram afinal as tranças da Maruca: mas a Maruca não deu fé, porque estava olhando o reflexo dum candeeiro que se espichava na água. O rio quase chorava, porque ia baixando.

E nada do Lico voltar! Ela sentiu um nó na garganta: a modo que o coração lhe adivinhava qualquer sofrimento muito doído. Um curimbatá plancheou rentinho com a raiz da pedra. Uma lontra pulou para o cerne que saía da margem, com o peixe nos dentes: e o corpo do curimbatá reboiçava, prateando o sombrio do bicho e do cerne. A Maruca não via coisa nem uma, senão muito longe.

Via o que? Via coisas que já tinham passado na lonjura do tempo, abraços e beijos, apertos de mão. Ouvia juramentos de amizade para toda a vida, trovas de amor, modinhas doloridas, tudo falado ou cantado por aquele que desceu o rio. O rio agora soluçava, esfrangalhando-se nas corredeiras: vazara d'uma vez. A Maruca não teve outro remédio senão soluçar também, muito mais angustiada que o rio – nem se fale! – porque as dores que tinha eram dores do fundo do coração.

Foi nesse triste momento que nha Rosa apareceu à porta da cozinha e gritou à filha:

– Ó Maruca! Isto são horas de você ‘tar banzando na veira d’água?

E quando a Maruca chegou à porta da cozinha, falou-lhe nha Rosa com toda a amargura e toda a dureza da verdade:

– Parece que ‘ocê ‘tá esperando seo Lico? É tempo perdido! Olhe que foi p’r’o Salto, do Salto vai p’r’a barra do Tubagí, da barra do Tubagí vai, de certo, p’r’o inferno! Vai p’r’o inferno, não hai dúvida, que aquele desgraçado veio de lá só p’ra tentar a minha filha!

D’aí, depois do que a mãe lhe contou, acabado entre prantos, a Maruca só escutava, no meio dos seus desatinos, o eco e o rumor que o costume de cantar a moda lhe fizera nos ouvidos:

Padece, que sofre,
quem ama desencontrado,
é ‘toa lidar!

Caminho, que eu ando,
vira a cara p’r’uma banda,
p’ra não olhar...

Já estava posta a mesa da merenda. Ia chegando a hora da missa do galo; todos os filhos e filhas haviam chegado, menos a Doninha. E o velho não teve mão em si, que não dissesse:

– Também a gente nem pode contar direito com aqueles dois: a mó' que andam noivando a vida inteira; é um derretimento em demasiado que um tem p'r'o outro. A gente cuida que 'tão nalgum trabalho macota, nalguma jurema louca, vá ver: 'tão comersando bem sossegado...

Tinha razão o velho: dêz que a Doninha pôs na cabeça doirada o véu de flores de laranjeira, quase não botava o pé fora de casa.

Alguns novidadeiros diziam que aquilo era feito do Valério, que, por muito lhe querer, não a queria andeja nem muito vista: outros murmuravam que era tudo ciúsmagem louca da mocinha clara, que não tinha vontade de saber que o marido ficava só, naquele mambembe soturno, onde havia umas roxas desenca-minhadeiras dos homens casados.

Nem isto, nem aquilo. O Valério e a Doninha não gostavam de separar-se, nem de estar constrangidos, entre estranhos. Bastava-lhes o tempo (e grande tempo) em que a sorte os apartou

na vida, quando eles (Deus bem o sabe!) haviam nascido um para o outro, e de coração se amavam desde a idade mais tenra. Bem o podia contar, se falasse, aquele jardim cheio de flores, na vila, que viu o primeiro beijo, tão ardente! – que o Valério deu na face da sua querida, numa comoção viva e alegre, sendo ela quase menina ainda. E a areia dos areões, que ficava trançada dos dois nomes, ao abrir do dia e ao escurecer da tarde, porque ele, indo campear e voltando, não desejava outro descanso nem maior alegria que estar pensando nela. E as curruíras das capoeiras, que então voavam espantadas, de moita a moita, ouvindo a forte voz que ele soltava ao cantar as modas de amor que lhe fazia.

Apareceram, afinal. E houve, junto à mesa, um enlevo:

– Não é que a minha filha ‘tá cada vez mais sacudida?

– E mais corada!

– E mais bonita!

– E c’um rico vestido de xadrez desses finos!

Tudo era verdade: surgira a Doninha vestida de chita nova, quando as outras irmãs estavam de riscado, muito risonha, muito fresca, muito feliz. O Valério machucava um parelho de brim de algodão trançado tinha um lenço de ramos atado à camisa de morim e quebrara à testa, vitoriosamente, um chapéu cor de leite com café. Também lhe pagaram algum dízimo:

– Muito vale quem pode! É usar camisa branca, e sua burjaca, e seu lenço cheio de histórias, e seu brim das Minas! Isso é que é um gosto!

Mas ele respondia sacudindo os ombros, atirando de si toda a vaidade, num largo meneio de modéstia venturosa:

– Qual nada! Petas da vida!

Assentaram-se todos. As pamonhas de queijo ainda lançavam fumos esbranquiçados e ostentavam, a cada banda das travessas, a irregularidade e a esquisitice de seus laços verdes. As batatas cozidas, que iam passando para o prato de cada um, mostravam

o coração roxo e quente, embora enxuto. Os pires de curau alinhavam-se em duas longas filas, polvilhados de canela moída, anunciando os nomes dos presentes. A cangica de amendoim e leite rescendia no mistério das terrinas fechadas por então. O arroz-doce e o furrundum pareciam esconder-se entre os mais pratos, e as pobres das talhadas, que se viam entre folhagens de bananeira e de pitanga, sumiram como por encanto.

A velha contou que tinha alfanjado um vinho de laranja e um licor de baunilha, às carreiras, mal e mal: e que a pinga de craguatá saíra uma coisa por demais, de boa. Para o vinho e o licor houve canecas de louça: mas a pinga, para ser bem aproveitada e saboreada, teve purunguinhas de cuietê. E foi preciso, depois, muito doce e café meio amargo por cima, senão tudo aquilo brigava, sendo bebida cada qual mais trepadeira...

O Valério, a par com a Doninha, recordava-lhe:

– ...A noite ‘tava uma prata, de crara. Nós fumos juntos, c’a sua mãe, naquela igrejica do arraial, onde paravam umas freiras, entremos e ajoelhemos. Eu olhava p’r’o presépio e p’ra você, e – Deus que me perdoe! – não achava Nossa Senhora mais fermosa que você. Rezei, pois não rezei? – mas porém foi só por nós dois e p’ra nós dois, que nunca não achei nada que mais valesse de que isto, numa igreja. Depois, levantemos e saímos, e inda chegemos perto do presépio, d’adonde eu tirei um galho pequetito de cambará do vermelho. E a noite ‘tava uma prata, de crara. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! Foram-lhe passando diante dos olhos, como num belo sonho, as meninas de uma escola, todas de branco; o alampadário de prata, onde uma luz amarela e mortiça tremia e tremia; as tribunas e o púlpito, cobertos de panos alvos, de que pendiam laçadas de fitas encarnadas e cor-de-rosa, e folhas de trapoeiraba com florzinhas muito azúis, e cachos de parasitas de flor amarela, e frutas de pindaíba e galhos de pula-pula. Ouvia bem, cria estar ouvindo, agora, a voz leve

e quase sussurrada das freiras, que se não viam. Cuidava sentir nas faces, como naquele Natal de outrora, o tocar de uma asa de andorinha, a que passou por ela, estonteada e medrosa, logo que caíra em joelhos e principiava a sua oração.

E o Valério continuava:

– Depois nós fizemos um assustado na minha casa. A sala ficou tibia de povo. Moça, mal comparando, havia que nem formiga; e moço apareceu ver um bando de sabitús assim que acaba de chover. Você ‘tava c’um vestido da cor de sua boca, desse feitio cor de sangue, e engraçadinha feito a pomba vevúia, quando saí da mata-virge p’r’a estrada, e senta no chão e levanta a cabeça e amostra o peito quaji brasino. Eu dancei com você, mas porém uma coisa de nada, porque andava muito avexado e soronga das mãos, nas horas que pegava nas suas. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! O baile era da última hora, a poder de sanfona. Só mais tarde, no amiudar dos galos, é que uma serenata entrou na sala, pedindo natal, já pedindo ano-bom, e até pedindo reis, e levou, desse momento ao amanhecer, a tocar muitas músicas de dança. Ainda agora lhe parecia escutar uma toada longínqua, longínqua e enternecida, de certa quadrilha que o correr dos anos não pudera tirar-lhe da memória e dos ouvidos. E o seu vestido era da cor do pavão do mato.

E o Valério falava ainda:

– Prove agora deste sosséga. Você não comeu nem um sonho. Depois, no clarear, você foi p’r’a sua casa, e eu ainda fui junto, muito tempo, c’os olhos, só de guaiais. P’ra mim, aquilo era uma tirania, eu ter que ficar ali, sem a sua companhia, sem alívio e, a bem dizer, sem consolo. Inda ‘vi bater a porteira que fechava o caminho p’r’a sua casa, e o meu coiração também bateu muito rijo: a porteira abriu e o meu coiração ficou fechado. Você foi subindo o morro; inda vi o seu bulto no meio da poeira, lá em riba; a derradeira luz da lua e a primeira luz do sol é que fizeram você desaparecer naquela contravertente. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! De instante a instante, ao subir daquele morro, voltava-se, e, de cada vez que se voltava, lá o adivinhava encostado à porta, esquecido de tudo, olhando, ao menos, o rumo por onde ela ia. Teve tamanho nó na garganta, ao virar do espigão, deixando para trás a vila, que por um és-não-és não se pôs a soluçar. As codornas piaram tristemente no campo molhado; e diante dela, como tristes por igual, as canoinhas voaram com todo o vagar, de asas trêmulas e cauda recurvada para as costas.

Na mesa, entretanto, fazia-se alto rumor. E as palavras encontravam-se no ar, sem resposta:

– Não gosta de bolo de arroz, antão? Pois olhe que nossa tia nunca deixou de fazer ele nos pagodes que dava. E nossa tia era carioca da gema!

– Diz que o milho dá pinga também especial: será verdade?

– O Andrônico ‘rranjou hoje uma estúcia lá na morada dele, e todos ‘tão contando que a coisa não ficou das piores. Inté tem um maquinismo que fala como gente!

– Tome outra golada da bonilha, que é licor da velharia e dá sustância de devéra!

A criançada reunira-se no quintal, armára uma grande roda, e andava aos giros compassados, cantando:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

As vozes pareciam alongar-se, por fracas na continuação do brinquedo, mas alteavam-se outra vez, quando o estribilho tornava:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

O Valério curvara-se para a Doninha, falava-lhe quase ao ouvido, que nem um namorado à namorada:

– Como eu lhe queria bem, Doninha! E, ansim mesmo, apesar que eu era tão seu e você tão minha, andemos cada qual p’r o seu lado, tanto tempo! E eu tive tanta sodade! tal e qual ‘tou tendo, agora, daquela noite de natal abençoada...

Ergueu-se, porém, saíu à porta. Como saísse, outros se levantaram de pronto. Com pouco, no terreiro, formou-se uma grazinada, uma gritaria, um rir de todo o jeito. A Doninha acercou-se do Valério, amorosa e comovida. Houve curiosidade e perguntas, sobre o que era, sobre o que não era: e houve logo respostas:

– É o Valério! É o Valério!

– Mas o que é que aconteceu?

Risos abafados, segredar confuso e rápido.

– Mas o que é que aconteceu?

– ‘tá chorando...

(História toda contada por um Luís Panga,
que aprendeu certas palavras difíceis na escola
do Jerónimo.)

Afinal, o Pedro Mariano sempre fôra um espeloteado, diziam todos. Desde catatau, pecurruchinho ainda, já se enfezava por qualquer dá-cá-aquela-palha, e ninguém podia aturá-lo: ficava endemoninhado, Deus nos perdoe! – e falava cada palavrão, cada xingamento que até doía nos ouvidos de quem o escutava. Então, p’ra mandar um parceiro a partes ruins, como ele, nunca se viu em tão pequena idade.

Cresceu, foi crescendo; quando ‘garrou os doze anos, o gênio deu de abrandar, serenou um tiquinho; depois, assim que os primeiros fios do buço lhe apontaram, principiou a ser macambúzio, andava mexe-mexendo sozinho pelos lugares mais longes e soturnos, pela Estiva, pelo Jardim, pelo Tambú, que nem alma penada.

Muito moço e muita moça tinham dó do pobre, tão bonito e sacudido, que por fim pegou a amarelar e pender p’r’a frente, arcando o pescoço, afundando o peito, sumindo pouco a pouco.

Houve um tal João Cacheado, cabroche pernóstico e contador de histórias antigas, que chegou a dizer, uma vez que proseavam naquela vendinha de p'ra lá dos Lázaros, ao ir ele passando:

– Olhem vocês o que é um pai não ter juízo! Si não fosse o Mariano ali dos Papagaios andar toda a vida de cascos virados, bebido feito uma cabra, havia de ensinar o filho na lei do trabalho e da corage', e o Pedro não teria esse jeito sorumbático e saberia agarrar-se ao rabo do guatambú.

Mas dentro, na cozinha da casa, estava de passeio um bando de moças, porque era o dia da festa de Nossa Senhora das Dores: e uma china chibante, ouvindo a prosa da venda, ficou de calundu, na mesma hora, pois não gostou que botassem a tirana no outro, um rapaz que arrastava a sua vida p'r esses matos fora, sem estrovar nem apoquentar ninguém. As outras, cochichando e rindo numa toada, piscavam-lhe os olhos meio de banda: já era muito sabido, nesta cidade inteira e até nos bairros, que a única pessoa no mundo a quem o Pedro Mariano queria bem, era aquela mesma china por nome Valência.

O Pedro granou, fez-se gente e, quando todos pensavam que ele um belo dia pitasse macaia, de amarelão ou de héctica, justou-se como zelador do cemitério, onde passava de sol a sol no meio das catatumbas, assobiando que não tinha parada, descendo os defuntos p'r'o fundo dos sete palmos de terra, e cuidando, com toda a paciência, dos suspiros e das perpétuas plantadas em roda das sepulturas. E podia ser verdade ou mentira, mas o povo falava à boca cheia que, dêz que ele se empregou naquele serviço, a gente que morria era de mais – uma rasoura.

A primeira vez que lhe acharam uma aduela de menos, foi quando tratavam de enterrar uma criança, certo dia, p'r as onze da manhã, na conjunção da nova: encontraram-no a um canto da capela, reparando na cruz mais alta de todas, falando consigo mesmo e fazendo cada gesto de tristeza, que dava pena.

Quem fora campeá-lo recuou pé ante pé, até o portão, e de lá gritou umas par de vezes, bem forte: ele voltou-se p'r'a banda do portão, fez c'a mão aberta e virada p'r'o céu sinal que esperassem, resmungou mais um eito, e depois é que foi enterrar a criança. Estava c'os olhos encovados de tudo e c'umas olheiras escuras em desmasia: coisa mesmo de assustar!

Apaixanou-se pela Valência, não era segredo p'ra ninguém. Mas quando ela soube, por notícia, da lavoura que ele levava, quando o viu catuzado daquele feitio, antes do tempo, deixou-o de cabo a rasto, não quis mais saber de candongas nem de leréias. E chegou a sonhar, uma triste noite, que ele a pusera à força num caixão azul, pregara-lhe as dobras do vestido branco, a tachas amarelas, no fundo do caixão, enterrara-lhe a grinalda de noiva na cabeça, a poder de alfinetes, e por último a pinchara a uma cova muito fria.

Daí por diante, então, foi que a Valência ficou intojada e com medo do Pedro: ora pudesse-se lá c'um home' que tinha por obrigação e meio de vida os mortos!

Era tão banzativo o rapaz, que ninguém pôde saber si a nova do abandono da china o pôs mais amaguado ou não. Só, sim, o que todos souberam foi isto: quando, mais tarde, daí a uns meses, a Valência fugiu c'um cometa p'ra Goiás, e o Pedro teve conhecimento do caso, lá mesmo no cemitério, fez como aquele que não se importa de nada; porém logo que sumiu, por detrás das arves do cerrado, o vulto do levador da nova, o Pedro atirou-se p'ra cima de uma catatumba mais baixa e sem grades, e pranteou e saluçou corno se lhe tivesse morrido alguém. O fiscal, que chegava, olhou aquilo, benzeu-se, foi-se embora – e ninguém mais não apareceu por ali, esse dia.

Foi então que rebentaram as primeiras febres. O povo, que já andava mesmo aprevenido, era só dizer que quem tinha culpa da mortandade não passava do Pedro Mariano. Pois si nem bem

ele entrou p'r'aquêle serviço excomungado, nunca mais parou de morrer gente! Onde é que já se viu agora semelhante coisa? Lugar sadio, como este, não se sabe que houvesse outro!

A Joana Curta, aquela que morava ali a parzinho c'a gente de seo João Carro, na rua das Flores, chegou a dizer que a epidemia era praga rogada por aquele garrote magro. A Joana Curta não tinha na boca mais dentes que uma galinha; por isso remexia os beiços, que nem dois pedaços de borracha velha, e esconjurava:

– Mas Deus 'tá no céu, que olha por todos nós, e há de fazer que metade da praga cáia no rogador, como é de lei e justiça!

Morria povo, mal comparando, tal e qual formiga. Não acabava o sino de bater por um defunto, de vagar, de vagarzinho, já pegava a bater por outro, mais de pressa, mais de pressa, até que o toque dos mortos já parecia repique de festa, credo em cruz! Os que tinham alguma coisa de seu, lá iam meio arranjados p'r'o carro preto, depois de um terno de home's de fora esborrifá-los de quanta água esquisita ha; os outros, que morriam p'r o hospital ou p'r esses ermos, a carrocinha de pão vinha buscá-los, e, depois que os tais home's os deixavam molhados d'uma vez, lá iam p'r'o alto da estação, toca-que-toca, sofrendo a birra dos cocheiros e o trote duro dos cavalos arrebrandos. Tempo triste foi aquele!

O Pedro Mariano não dizia esta boca é minha: enterrava um e outro c'a mesma cara sem cor do mundo, os mesmos olhos bambos de peixe morto, o meneio do corpo sempre demorado e cansado. E os poucos filhos de Deus que se mostravam no cemitério, reparando no coitado do rapaz, pensavam lá consigo que aquele desinfeliz estava morre-não-morre, só de tudo, e não havia de ter, na última hora, nem um pedaço de taquara aceso na mão, quanto mais uma vela! – nem escuitaria um padre-nosso por sua tenção.

Ora, esses pensamentos sumiam logo: assim que os tais saíam dali e principiavam a conversar, caíam em dizer que era o Pedro quem chamava os defuntos, abrindo covas antes de tempo, antes de não ter ninguém morto, e por isso era até bom que desse a lonca sem tardar. Histórias! mauzezas de cafumangos que não têm preceito e falam dos dentes p'ra fora.

Entre as pessoas que estiveram por uma dependura, contou-se a nha Marcela, viúva do Neco ali do Bico do Pato, a qual nos derradeiros anos era moça dum carreiro da outra banda, um que passeava de vara ferrada p'r a cidade a fora, apesar que bem vestido e até pelintre. Nha Marcela, assim que se viu nas toeiras, expectorando preto (como falavam) e sem vontade de comer uma asa de pinto, que fosse, lembrou-se da filha, a Valência, que a esse tempo andava por Uberaba, segundo era voz corrente, largada pelo cometa ao Deus dará. E mandou bater-lhe um telegrama, chamando-a às vinte, mas porém recomendando-lhe que viesse com bastante alcanfor e esses outros remédios catin-gudos que estavam muito em voga.

A Valência abriu-se, logo que recebeu o telegrama. Vinha dizendo p'r o caminho, a um moço de cabelo louro que viajava no mesmo trem-de-ferro, que não trazia medo de qualidade alguma porque, p'ra levar a vida que Nosso Senhor lhe dera, os últimos meses, era melhor até uns catorze palmos p'r o centro da terra, quanto mais sete! E nem bem o trem apitou, chegando à estação, ela saltou p'ra fora e olhou p'r a rua que vai até o espreado, um estremecimento lhe passou pelo coração, porque não tinha visto, em quadra nem uma da vida, a Casa Branca ta-pera assim. É a viração do mundo: o que ontem era doce deverá, amarga hoje; o que fôra bom, fica ruim: e tudo volta ao que já foi... às vezes...

Ora, um dia, estava o Pedro Mariano sentado em riba duma pedra, rente mesmo co'a capela, por volta das quatro da tarde,

e escuitou que ia indo p'r'o cemitério aquela carrocinha preta que levava os pobres. Tinha já prontas umas par de covas, e levantou-se p'r'ajudar a carregar o corpo novo, porque afinal o acompanhamento dos defuntos, por então, era' os poucos passarinhos que vivem no cerrado, como a cadorna e o saci. Quem foi agora na boléia já não era pessoa conhecida, que sim um vindouro da Mococa, por nome António Cabeça.

O António Cabeça era um tonto, a bem dizer, porque não se importava de nada nesta vida. Tinha um olho de menos, o direito, e um dedo de mais na mão esquerda. Falavam (maledicência do pouco povo que ainda restava aqui), falavam que aquele dedo servia p'r'auxiliar os outros cinco nos mutirões de passar o gadanho no que é do próximo. Só pissuia de seu, além da roupa velha e remendada, um cabo de relho de guampa, que trazia encostado sempre, por sestro, quando conversava com alguém, na pestana do olho vazado. Entrou, viu o Pedro, e gritou-lhe:

– Ó seo coveiro, venha-me dar um reforço, que esta biraia tem muito pecado, pesa que é um Deus-nos-acuda!

O Pedro adiantou-se, c'um passo mesurado, segurou a moça p'r os braços, enquanto o Cabeça a conduzia p'r as pernas, e foram-na deitar sobre o monte de terra fresca 'o pé da última cova aberta. E como o Cabeça estava meio tocado, pôs a ponta do cabo do relho na pestana, e pegou a cantar um verso lacaio, depois botou os joelhos na beirada da cova, e disse:

– Seo coveiro, de certo nós não podemos encomendar esta mundana! Pois que vá p'r'o chão, que diabo! Se eu inzono muito aqui, já os defuntos lá da cidade 'garram a chorar de saudades de mim. Bamo' decidir co' isto!

O Pedro ergueu a ponta do lençol que encobria o rosto da moça, e deixou-o cair p'r'uma banda, tanto as mãos lhe tremeram. Ficou tempo esquecido olhando aquelas feições de mulher-da-rua, que estavam agora amarelas e como que entumescidas, onde os olhos meio abertos pareciam de boneca

das que falam. Sentiu vergarem-lhe os joelhos, e ia rolar p'r'a cova, quando o Cabeça o amparou, gosmando estas palavras com ar até de riso:

– Olhe que quem vai é ela, não é vancê, seo coveiro! Lá na cidade 'vi dizer que se chamava... como? Valência. Na certeza vancê conheceu essa dona, por isso ficou penalizado, não é? Bamo' pinchar logo c'o corpo p'r'a cama, que a outra tem sono!

Mas o Pedro virou p'r'a um lado, remaniscando: e d'aí deu de estudar mais uma vez a fisionomia da Valência, abaixando e levantando a cabeça, chegando-lhe as mãos à trança e retirando-as no sofragante. O da carrocinha é que não quis mais retardar: empurrou a moça p'r'a cova, jogou-lhe umas três enxadadas de terra fofa, e saiu resmungando. O sino do Rosário, na cidade, gemia-que-gemia, anunciando mais um cristão que passou, mais outro, logo depois outro ainda ...

O Pedro sentiu que lhe doíam demais as fontes, de repente: e deitou-se junto da cova. Vinha-lhe, porém, aos ouvidos um barulho insuportável de rodas, uma batedeira aos dentes, um arrepio por todos os cabelos do corpo, um frio de intanguir a cacunda. Pôs-se de pé novamente, olhou de fora a fora o cemitério, que a luz do sol amarelava, e sentiu uma bruta vontade de fugir, de correr, de sumir-se nalguma grotta, nalgum valo, nalgum fundo de boçoróca. E deu acordo de si, na verdade, quando fronteava a caixad'água, p'ra riba da estação.

Foi descendo p'r'o campo, cortando no rumo da chac'ra do Leriano, sem reparar mais em nada. Agora, a dor das fontes era uma queimação que se estendia até a coroa da cabeça e o canhoto, fazendo-lhe de fogo as orelhas e os olhos. Quando chegou ao esbarrondadeiro, no caminho da chac'ra, parou um pouco. Uma arage' caíra do morro, vagarenta e quaji fria: a cabeça foi-lhe também sussegando, refrescando, sussegando. Ouviu bater cinco horas no sino da cadeia: e, como si estivesse perdendo tempo, deitou a correr outra vez p'r a estrada, cambeteando nos

caminhos-fundos, pulando as regueiras mais fortes, retardando mais longe o passo, mas não parando mais.

Viu na descida, perto d'um olho d'água a par co'a cerca da chac'ra do Chico Manoel, um mundão de içás e bitús que fervilhava, estes voando, aqueles alastrando-se p'r o chão, como uma rede escura e desinquieta; e na mesma hora sentiu nas fontes uma comichão persistente, mofina, como si um formigueiro de içás e bitús se estivesse formando lá dentro, a persegui-lo com o andar fino e penetrante dos seus milhares de pés.

Subia agora a lombada do morro, na chac'ra de seo Moisés, e outro formigueiro buliçoso lhe deu na vista, em baixo de um irapuá, naquela arve de quina que tem no meio da estrada: este já não tinha bichos grandes, era um ninho de bitús do tamanho da pulga, mas com asas, e bem se percebia que era um formigueiro pelo doido perpassar de uns e de outros, pois logo os denunciavam as asas, de brancas.

Sem mais quê nem p'ra quê, no entretanto, um casal de curiangos dos miúdos passou relando os ombros do Pedro, que ele bem os sentiu. E o Pedro foi subindo. Mas d'aí a nada voltaram os dois curiangos, desses que têm o porte e o sintoma da andorinha, e relaram novamente os ombros do Pedro. Suverteram-se. E agora já não tardaram nem um minuto, vieram muito esquipados, muito violentos, e passaram-lhe p'r a cabeça, onde os cabelos se puseram todos de pé, no mesmo artigo.

O Pedro já alcançava a linha daquela cerca de arame que vai dar na grotta do Chico Manoel. Entreparou. Viu então que grande multidão dos ditos curiangos fazia uma sinagoga danada nos ares, lá p'r os lados do Olegário, virando e revirando, em procura, de certo, de mantimento. Aquele despropósito de pássaros já esteve, num baque, pertico dele, percebeu o formigueiro de içás que ele bem adivinhava na própria cabeça, e ficou alvoricado: era um que lhe tocava a testa e se abaixava, outro que recambiava p'r os altos, depois de lhe tirar uma campina na torre das

gadelhas, outro que estremecia as asas, estremecia, e ali ficava uma temporada louca, apoquentando-o.

O Pedro saltou p'r'um recanto da estrada, onde tem ûa moita de paus, junto mesmo do areão, puxou p'r a faca, e desmunhecou uma perovinha que estava c'as raízes meio arreganhadas p'ra fora da terra: aparelhou um porrete às carreiras, e recostou-se a um andaguaçú macota, vendo se aquela trapeira acabava. Mal, porém, ergueu os olhos, e olhou em redor, viu que o bando de curiangos se aumentara de mais umas dezenas: e varavam a capoeira, c'uma fúria de fome desesperada, perseguindo-o, catando no espaço livre das folhas os bitús que caíam na tolice de voar.

Deu uma avançada p'r'o largo, já meio demente, c'a testa suando gelo, e principiou a trançar o porrete, p'r'aqui, p'r'ali, p'ra baixo, p'ra riba: e, enquanto a manguera subia, a curiangada rompia por baixo, fomenta a mais não poder: quando o braço ia p'r'uma banda, a curiangada enramava da outra, rasgando chita c'as asas espalmadas, batendo o bico, e escancarando cada goela que era um percipício.

Ocasionado em demasia, conseguiu ainda correr até mais longe. Ergueu os olhos, olhou em roda, e viu que vinham vindo agora, do rumo do Desterro, uns par de curiangos dos graúdos, desses chamados purrutuns, levantando e descendo as asas branquicentas, de dois palmos, mais ou menos: e reparou que já de longe eles tinham assuntado a montoeira de içãs e abriam, um por um, o bicão desapoderado, c'uma gula de bicho que também jejua. Na mesma hora as pernas lhe ficaram jiçús e deloridas, como quando o joçá da cana entra nas carnes. E o suor de gelo tomou-lhe o corpo todo.

Sacou outra vez a faca, fez que cortava e recortava no meio daqueles demônios de asas, mas foi tudo o mesmo que nada: os purrutuns e os curiangos não desacorçoavam, cada vez se entusiasmavam mais, chegando a meter-lhe o bico pela gadelha

fora. Sacudia a faca na mão esquerda, o cacete na direita, e o bando parecia engrossar sempre, quaji tapando-lhe a vista em certos momentos, enchendo-lhe os ouvidos de um rumor de corredeira escumante.

Chegou à porteira que dá p'r'a chac'ra do João Júlio, dobrou às canhas, atromentado, sem tino e sem tento, e foi beirando os trilhos. Agora, a barulhada não era só dos curiangos, em roda: lá dentro da cabeça também a bicharia amotinada lhe fazia um guaiú de ensurdecer, como si tivesse ânsia de voar, no mesmo auto, p'r'aquela milheiro de gargantas despregadas. E sentiu re-crescer a loucura dos curiangos, e a raiva, enquanto os bitús e içás estalavam de leve as asas tremidas, e as escumanas se lhe encaminhavam p'r'o meio dos miolos, campeando saída a toda a pressa.

Avizinhou-se da grota seca, logo a umas vinte braças da porteira, e quis descansar, escangalhado, sem forças já p'ra dar um passo adiante: e sentou-se devéra, deitou-se quaji, atirando a vista turva p'r'as arves e p'r'as taquaras, que um pequeno vento balanceava com vagareza e cuidado.

No meio dos curiangos, agora, avultava um, de olhos maiores e asas mais pesadas: aproximou-se, foi-se aproximando, e o Pedro reconheceu uma Valência de penas, que o olhava muito espantada, mas que também tirava seu eito na caça, cravando-lhe o bico, mais fundo, no cucuruto da cabeça, onde mais fervia o formigueiro.

Fôra ficando lusque-fusque, já não se lia uma carta. A dannação dos curiangos aumentava, no centro deles já tinha uns que falavam rouco e feio, outros que lhe arranhavam e queriam estraçalhar-lhe, c'as unhas, o osso do cangote.

E o Pedro já não teve mão em si: jogou-se p'r'a grota abaixo, numa aflição e num desespero sem termos. O pescoço enterrou-se-lhe p'r'o corpo a dentro, o corpo ficou de costas; quando abriu ainda os olhos, no aperto da última hora, viu que lhe

pendia sobre a testa um purrutum raivento, quaji preto, que era a mesma Valência, bambeando as asas, c'os pés encompridados, e que foi sendo cor de laranja, cor de enxofre, vermelho-escura, até se derreter...

Às duas braças do sol, naquela manhã fria e seca de junho, já o Chico Só estava no piquete em lida com o macho esquentadão de Guarapuava: chamara dois companheiros, laçara-o como quem laça uma rês catuzada para o corte, e agora, torcendo-lhe uma das orelhas, chegara-o devagar ao palanque. O macho fungava e arregalava os olhos, tremia de fúria, mas não se arredava mais do lugar: tinha no beíço de baixo um arrocho de couro de anta, e o Chico Só pôs-lhe um forro de saco velho no fio do lombo, assentou-lhe por cima o sirigote, apertou rijamente a barrigueira, pegou a olhá-lo:

– Como é isso, ruão de fogo? P’ra que tamanhos bufos e uma cara tão feia, ansim com dia craro, se a sua sina é agüentar barbicacho e freio, sirigote e selim? Bamo’ fazer as paz’: é melhor...

Mas um dos campeiros quis pôr-lhe medo:

– Seu Chico, o burro é anhanga p’r’uma pulação! Veja bem como ele é escanelado e peitudo! Repare naquele sinal encostado c’o casco da mão esquerda: é traiçoeiro na certa!

O Chico Só fez chalaça daquelas observações:

– Aí, domador e tanto! Quando você vai quebrantar um xucro, antão apalpa as qualidades do limal, premeiro? Si o limal é

bem assinalado, você cai-lhe em riba, e si é picaço ou é quatró-lho, você foge dele? Antão só se amansa o que não é brabo? Ora, acoche a orelha do bicho, que o resto é comigo!

O outro campeiro falou mais compassado:

– Não é por desfazer na sua destreza, seu Chico, mas contanto que este burro paranista vai dar trabalho. Antes é melhor que a gente quebre o macho, vancê depois repassa, ou nem isso: vancê por fim dá os galopes. O ruão é descanjicado, seu Chico: veja só o brasure que ‘tá nos olhos dele!

Foi tudo tempo perdido. O Chico Só pegou num cabo de relho, amarrou na cabeça um lenção de ramagens, de um pulo atirou-se aos arreios, e mandou que soltassem o animal do palanque:

– Bamo’ ver de que porte é o pulo deste macho!

E o macho saiu encapotado, roncando, de lombo teso e cola encolhida, batendo as mãos na grama rala e no pedregulho do piquete, fazendo o rumor descompassado de uia matraca sem governo. Saltou, as mãos juntas, para uma banda e para outra, abaixou o lombo e ergueu a cola, rompeu à disparada para a frente, avizinhou-se do palanque, relou-o para descarregar o cavaleiro, torceu à direita, e de repente estacou. Tinha o pelo todo arrepiado e os olhos escandescidos numa grande raiva. Mordia a tira de sola crua que sentia entre os dentes. Trocava as orelhas. Ia atirar-se para a lisura de uma restinga de pedra.

Mas o Chico Só deu-lhe um galeio violento ao barbicacho e uma pancada de cabo de relho no alto da cabeça. O ruão ton-teou, bambeava as curvas e ia afocinhar entre as ervas, quando um socão das guias do barbicacho o reteve e o desviou para o lado. O peão gritou aos campeiros, quando ele fitou de novo as orelhas:

– ‘Agora vai a ferrage’: vejam que musga tão boa!

– E riscou-lhe, da cara às ancas, o corpo todo a chilenas. O macho urrou desabaladamente, apavorando o silêncio

apalermado das coisas: depois, velhaqueou de roda e, batendo as orelhas, arremetia para cima, para o ar, esperando que o cavaleiro se lhe despregasse do lombo: e o cavaleiro picava-o, ainda e sempre, com os estrelões das esporas, tirando-lhe já sangue do pescoço, do vazio e dos quadris...

Houve instante, afinal, em que o burro xucro estendeu mãos e pernas, gungunando como um negro mina, suando água e sangue, no jeito de quem se escora para não ir nem para diante nem para trás: e o Chico Só remaniscou da sela para o chão, tendo na mão esquerda as tiras do barbicacho, enquanto os campeiros se acercavam, para o desarreio e o descanso do ruão quebrantado e entregue.

A estrada, fora do piquete, enchera-se de gente estranha. Como em todos os tempos, a gente estranha queria aproximar-se do vencedor, no momento em que ele acabava de vencer. Ia um vozear desordenado entre os observadores, gritos de admiração e quase de susto ainda, erguiam-se para o sossego do cercado, e certa mulher disse à nh'Ana do Lopes, que fitava os olhos escancarados no vulto do Chico Só.

– Aquele um, minha camarada, é seco na paçoca! É um home' de sola e vira! Faz o que quer de si e dos mais: a mó' que recebeu toda a benção de Deus!

Foi por via daquela domaçaõ de um burro de flor que a nh'Ana, filha mais velha do Cândido Lopes, se entusiasmou pelo Francisco das Neves, tão destro e vivo rapaz, que desde muito cedo lhe puseram o apelido de Chico Só. Caía-lhe bem o apelido: era um moço que não enjeitava trabalho algum, gostava de se divertir nos adjutórios e nas funções da vizinhança e, sem roncaria nem farofas, botava o peito a qualquer homem, por mais sacudido que fosse. Não tinha comparação com os outros, porque era o melhor de todos: por isso andava apartado...

Ela, a nh'Ana, desde menina fora o vidro do pai: não havia vestido bonito que o Cândido lhe negasse, nem sapato de luxo que não lhe viesse parar aos pés. Mostrou, certa vez, vontade de ter um pente de ouro para o coque do cabelo: e o Candinho mandou-lhe vir, não só aquele pente, como um punhado de outras jóias – brincos, pulseiras e ganchos, coisas que até ninguém achou direito.

Porque o Candinho, a falar a verdade, não era homem de muitas posses: tinha alguns selamins de terra bem aproveitados, herança já de pai e de avô, mas, tirante aquela terra e benfeitorias, e o sumo que elas davam, só lhe restava o dia e a noite. Entretanto, se lhe notavam de desatinados semelhantes exageros, por ûa moça que, no fim de contas, ia ser tão pobre como as outras, ele respondia com todo o gás:

– Home', eu não tenho mesmo quaji nada. Mas porém pissúo este meu sanguinho, a nh'Ana, que é a minha riqueza no mundo: já vê que hei de tratar com todo o carinho a riqueza única que eu tenho, pois não é?

Fosse como fosse, a nh'Ana cresceu à vontade: nunca sentiu falta de nada, nunca houve quem lhe saísse contra. Agora, apaixonando-se pelo Chico Só e sabendo que ele era um rapaz opinioso, que não se deixava levar por teimas ou por mandos, mudou de jeito na vida. Quando o encontrava, nalguma reza em casa dos arredores ou nalguma dança de baile, não levantava o olhar com soberbia, nem falava alto e forte: conversava uma conversa moderada, virava-se para ele com modos de respeito, e chegou uma vez ao ponto de não querer dançar com um moço bem apessoado e bonito, porque o Chico Só tinha olhado para o tal moço com maneiras de quem o aborrecia.

A paixão lavrou depressa: não podia passar muitas horas longe dele, esperava-o à porta com flores no cabelo, no peito ou na cintura; e ficava a acompanhá-lo com os olhos, tempo esquecido, até que o vulto desaparecesse no caminho e sobre o

caminho caísse toda a poeira que aquele vulto erguera na passagem. Quantas vezes o sol a cobrira de ouro, vendo ela o Chico Só a sumir na lonjura de um morro, e a lua viera cobri-la de prata, sem que ela se afastasse ainda da porta, enamorada e sonhadora!

E o Chico Só ficou perdido de amores por ela. Fez-se folgazão de viola, para poder inventar-lhe versos cheios de ardor e de esperança, no momento de encabeçar as modas de catira ou de cantar um samba novo. Deu em não perder a missa os domingos, porque ela aos domingos ia sempre à missa. Mandou preparar uns arreios de prata para a sua montaria, porque tinha de passar e queria passar perto dela todo santo dia, duas e três vezes. Até pegou a usar gravata sobre a gola das camisas de bolso, um laço de borboleta, como a nh'Ana gostava. Perdeu o sono, várias noites, pensando nela, e foi ver, várias vezes, o romper do dia e a moça, em frente à casa dela, que nem um pobre vagabundo das estradas...

Quando viu que já não agüentava mais aquela vida e estava em termos de perder o juízo, resolveu casar quanto antes. O Nico, seu companheiro de criação, intentou afastá-lo.

– Chico, a moça não lhe serve: é moça de muito mimo, cheia de vontades, gastadeira e amiga de luxar. Não lhe serve. Depois usa flor na cintura, de vez em quando, e você bem sabe que mulher que bota flor na cintura não presta.

Como o Chico Só levantasse uma ombreira, o Nico insistiu com toda a força:

– Quer saber o que mais? Alembre-se do que dizia o Firmino Gordo: mula estrela e mulher faceira, o diabo queira!

O Chico Só era um rapaz opinioso: quis casar e casou. Não tinha que dar satisfações a ninguém. Cada qual sabe de si, e Deus de todos: ele é que havia de escolher o que lhe convinha, não os outros. A sorte é uma coisa baça, que ninguém sabe o que vai ser mais tarde – se muita claridade, se muita escuridão...

Fez-se-lhe a vida um céu aberto! Durante meses e durante anos, correu-lhe tudo em mar de rosas: a nh'Ana, despachada e alegre, vivia pela casa cantando e, com toda a sua graça e toda a sua beleza, parecia uma figura encantadora de livro de histórias. O Chico Só gastava horas e horas a contemplá-la, com ares de eterna maravilha no fundo dos olhos e uma ternura constante no fundo do coração.

Foi assim que um dia, mal que o sol apontara e a casa não tinha ainda percebido o arraiar da manhã, ele se achou a mirá-la demoradamente, como nos primeiros dias de casado, enquanto a nh'Ana dormia a sono solto sobre o travesseiro alto, vestido de fronha branca: as tranças castanhas da nh'Ana haviam fechado um ninho, dentro do qual uma das mãos parava meio cerrada. E o Chico Só pensou tanta coisa, tanta coisa, que uma lágrima e logo depois outra, e muitas mais, logo depois, começaram a descer-lhe pelo rosto:

– O que é isso, o que não é, seu Chico (falou-lhe a nh'Ana, acordando): você chorou neste sofragante? Si chorou, por que chorou? Alguma dor anda escondida no seu coiração?

Ele abraçou-a como quem sai dum pesadelo:

– Nada, nada, nada: eu 'tava tão feliz, olhando o seu sono quieto, e pensando com tamanho amor em você, que num supetão fiquei desesperado, cuidando que um dia posso perder toda esta minha felicidade que é você mesma...

A nh'Ana viu-se rindo. Viu que lhe tremia nos olhos uma lágrima; admirou-se; ficou um instante pensativa: e ia procurar a lembrança d'algum sonho derradeiro, quando a lágrima emprestada, que era do Chico Só, lhe desceu de vereda pelas faces, até a boca:

– Uiai, que choro amargo, Senhor Deus de Misericórdia!

Levantou-se, abriu a janela do quarto. O Chico Só olhou para a estrada e uma sombra escura lhe passou por todo o rosto, no mesmo instante:

– A Balancia por estes mambembes! Que marvadeza estará fazendo semelhante criatura? Uma leva-e-traz, ver a Balancia, não é por boa coisa que passeia no bairro! Ai! onze-letras do inferno, si alguém te pilha no olho de uma enxada!

A sombra escura sumiu, quando a Balancia se derreteu atrás da contravertente. E o Chico Só suspirou desafogado. Encilhou o ruço cardão, disse até logo à nh’Ana, tomou o rumo da invernada. Ia sozinho e alheado, e topou, na dobrada do espigão, com o Nico também sozinho e a cavalo, que parecia esperá-lo:

– Ora viva, que ninguém agora cansa os olhos em lhe ver! O que foi que aconteceu? Você não dá cópia do seu sembrante? É réiva? É queixa? É briga?

O Nico foi-lhe caminhando bem a par da montaria, com a testa franzida e muita amargura na boca triste:

– Tenho fugido, Chico, tenho fugido: eu nunca não quis que fosse eu o primeiro a dar-lhe uma notícia ruim. Esperei que você mesmo adivinhasse as coisas e fizesse o ensino perciso. Mas porém você não percebeu nada, e o arraial anda-se rindo por sua conta.

– Por minha conta?

– Sim, por sua conta: o Berto remexe por estes ermos, quando você ‘tá longe, porta na sua casa, entra na sua casa e fica na sua casa feito dono, enquanto você ‘tá p’ro campo ou na invernada, inocente de tudo.

– Misericórdia de meu Deus! Você imagina, só p’r amor de ser meu malungo, que pode levantar um falso na nh’Ana, sem mais nem menos, e que o marido da nh’Ana escuita o falso e não faz nada? Você não conhece mais o seu irmão de cria? Pois então há de conhecer o marido da nh’Ana!

Estavam à beira de uma barroca, longe da estrada real e já nas cercanias da invernada. Embaixo, quase tão azul como a tábatinga da barra, brilhava ao sol a água pequenina e sossegada

de um ribeirão. O Nico atentou por momentos na serenidade da água escassa:

– Não fique çolerado, Chico! Eu sou do seu coiração e você é do meu: não fique brabo! Eu só posso querer o seu bem, não quero o seu mal. Dês que a Balancia ‘garrou a ser onze do Berto, a nh’Ana perdeu o sussego, todo o mundo sabe, e depois perdeu também a vergonha. Você me perdoe, Chico, mas eu lhe falo é p’r’a limpeza da sua cara!

Então, como um demente, o Chico Só despenhou-o pela barroca, rugindo e com os dentes a retremer entre os lábios convulsos:

– Ê deste feitio, seu desgraçado, que eu prego uma lição em quem tem a corage’ de pôr uma nódea na honra da nh’Ana!

Os animais ficaram soltos ao pé da barroca deserta. O Chico Só não se lembrou de que talvez estivesse a correr perigo de vida quem por ele, mundo a fora, mais de uma vez expusera a sua. Veio desandando a estrada a pé, com o cabo de relho na mão direita e o chapéu desabado na testa, distraído e afastado de si mesmo, na agonia da fúria e na ânsia do espanto.

Chegou ao terreiro da casa por um caminho de extravio, entrou no mangueiro pé ante pé, como quem não era esperado e vai fazer uma surpresa de muita satisfação. Só voltaria pelo fechar da tarde, e voltava antes do meio-dia, que nem um criminoso, que nem um namorado. Fez rumo para o quarto dos arreios, aco-corou-se atrás da caixa do milho, e pôs-se a banzar, a banzar...

Aquilo tudo era inveja: a nh’Ana, jeitosa e bem falante, dava sota e basto às mais bonitas do arraial. Vestia com gosto, calçava bem, e não trazia a cabelada seca e sem cheiro como as outras. Era desempenada, tanto dançava um baile como um fandango, puxava o terço com a voz mais macia de todo aquele pedaço de mundo. Inveja tudo!

Como acordara antes do tempo e antes do tempo se levantara, vinha-lhe agora uma bambeza de corpo, um calor de

aconchego brando, uma preguiça leve e suave. Ia recostar a cabeça a um monte de espigas, e já descera para a nuca o chapéu de campeão, quando ouviu rumor de passos na estrada, junto à cerca, no mangueiro, perto da casa. Fitou o ouvido, ajeitando-se melhor entre o milho, como quem receava ser descoberto mais depressa que o necessário. Só podia ser a nh'Ana, com aquele vestido branco, de pingos cor-de-rosa, alguma flor ainda fresca no cabelo, e um bando de palavras boas na boca apaixonada...

Mas o rumor de passos parou ao pé da porta. E a voz da Balancia falou cautelosamente para a sala de jantar, com uma voz que sabe bem a viagem que tem de fazer:

– Nh'Ana, você não quer que leve hoje algum recado p'r'o Berto?

Valdomiro Silveira (Cachoeira Paulista, 1873 – Santos, 1941) graduou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, dedicando-se depois às letras e à advocacia, tendo também atuado na política do seu estado, como deputado e secretário de educação. De sua vivência em cidades do interior, retirou os materiais culturais e linguísticos que constituem a base de seus contos, e assim se integrou a uma linhagem temática importante da literatura brasileira – o regionalismo –, que despontou durante o período romântico, alcançando o século XXI, sob diversas modalidades. Além de *Os caboclos*, é autor de três outros livros de contos: *Nas serras e nas furnas* (1931), *Mixuangos* (1937) e *Lereias* (1945).

Os caboclos

Contos

O volume *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira (1873-1941), foi publicado em 1920 pela Empresa Gráfica Editora Monteiro Lobato, uma célula editorial da *Revista do Brasil*, que passara do comando do jornal *O Estado de São Paulo*, no período de 1916 a meados de 1918, para o de Monteiro Lobato, que a dirigiu de 1918 a 1925. Com edições sucessivas em 1928, 1962 e 1975, alcança a quinta edição neste ano de 2020. Esta, por conseguinte, assinala o centenário da obra, e constitui pequena homenagem que prestamos ao autor, repondo em circulação o livro que a crítica considera sua melhor realização.

